

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES

VICTORIA NOGUEIRA ROSA DE OLIVEIRA

**Primeira Feira Paulista de Opinião:
teatro como sublevação, afronta e ruptura contra a opressão
do regime civil-militar**

São Paulo
2024

VICTORIA NOGUEIRA ROSA DE OLIVEIRA

**Primeira Feira Paulista de Opinião: teatro como sublevação,
afrenta e ruptura contra a opressão do regime civil-militar**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Filosofia,
Comunicação, Letras e Artes da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo
(PUC-SP) como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Orientador: Silvio Mieli

**São Paulo
2024**

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), visa reconstituir o processo de censura à Primeira Feira Paulista de Opinião, em 1968.

O evento, encabeçado por Augusto Boal em parceria com o Teatro de Arena, bem como outros dramaturgos, compositores e artistas plásticos, pode ser encarado como um marco de resistência diante da censura imposta pela ditadura civil-militar. A classe artística não aceitou a censura imposta pelo regime, que vigorou no Brasil entre 1964 e 1985. Mais do que isso, bateu de frente contra os militares.

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
SUMÁRIO.....	4
CAPÍTULO I.....	11
CAPÍTULO II.....	22
CAPÍTULO III.....	38
CAPÍTULO V.....	60
CAPÍTULO VI.....	65
ANEXOS.....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	140

“Como pode trabalhar um artista em ditadura, se o artista é aquele que, livre, cria o novo, e a ditadura aquela que, fazendo calar, preserva o velho? Arte e ditadura são incompatíveis. Essas duas palavras se odeiam!”

Augusto Boal

INTRODUÇÃO

O golpe que instaurou a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985) completou 60 anos em 2024. A efeméride, que poderia ter servido para uma profunda reflexão em perspectiva dos seus desdobramentos e impactos, passou praticamente em branco em sua data símbolo: 31 de março.

Entre escassas falas de um ou outro ministro, o silêncio por parte da principal cadeira do Executivo. “[O presidente] Lula (1945-) orientou que os ministérios não realizassem atos alusivos ao marco inicial”, destacou o “g1”. A postura, por sua vez, parece ser profundamente reveladora do modo como refletimos a partir da nossa história e do valor que prestamos à memória.

Em contraste, 2024 também marca o primeiro ano sem o dramaturgo José Celso Martinez Corrêa (1937-2023); os 55 anos da morte da atriz Cacilda Becker (1921-1969) — sentiu-se mal encenando a peça “*Esperando Godot*”, de Samuel Beckett (1906-1989) — e os 15 anos do falecimento do dramaturgo Augusto Boal (1931-2009). Três representantes, cada um a seu modo, de um modo peculiar de resistência ao golpe de 64, pela via da linguagem e da cultura.

A geração desses dramaturgos e artistas, em sua maioria, se opôs firmemente à censura imposta pela ditadura. Para Boal, um dos protagonistas deste Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), os trechos vetados de suas dramaturgias, e de seus colegas, não eram “apenas” cortes. Mais do que isso, “eram mutilações”, como ele mesmo classificou em entrevistas.

Embora a censura por si só possa ser encarada como um ato de violência, os ataques aos artistas não se limitaram a um documento que determinava que uma peça não poderia ser encenada. Desdobrava-se em invasões organizadas pela polícia aos teatros, onde os artistas eram agredidos.

Em todas as ditaduras a repressão mobiliza grande energia para impedir a circulação de ideias e a democratização e acesso ao campo simbólico da cultura,

área capaz de alterar e criar novas realidades. Na visão dos militares, afinal, a classe que deveria manter sob controle era composta por terroristas, subversivos e contumazes demolidores da "moral e dos bons costumes", que iam em desacordo com os ideais antidemocráticos e conservadores que o executivo arquitetava para o país. Diante do cerceamento da liberdade que em alguns casos chegava a ser asfixiante e que impedia o próprio exercício profissional, o único caminho para muitos artistas seria o exílio — muitas vezes negociado com o próprio regime. Esses são os casos de Caetano Veloso e Gilberto Gil, por exemplo.

Diante desse cenário repressivo, a Primeira Feira Paulista de Opinião, dirigida por Boal e estrelada pelo elenco do Teatro de Arena em 1968, surge como um duplo exemplo, tanto de como a censura e a violência física aos artistas se materializaram na ditadura, quanto como mesmo diante dessas condições colocava-se em prática uma forma inventiva e criativa de resistência, luta, questionamento e insubmissão contra a opressão.

Ao longo de quase um ano, esta pesquisa tentou recuperar pontos importantes do evento, que além da linguagem teatral articulou músicos, escritores, jornalistas, fotógrafos, artistas plásticos e humoristas. No fim das contas, constituiu-se numa espécie de metáfora da resistência cultural ao período repressivo.

Apesar da importância e do teor revolucionário das múltiplas linguagens envolvidas no acontecimento da Feira Paulista de Opinião, não se trata aqui de discutir especificamente aspectos da encenação dos atores envolvidos, a estética das pinturas, ou o ponto de vista literário das peças ou músicas que foram ali apresentadas. Mas, sim, descrever o caráter de ruptura que a Feira Paulista teve, por meio da linguagem e da própria revolta dos que estavam envolvidos, em relação ao regime militar e ao conservadorismo — traço que até hoje está impregnado na sociedade brasileira. Além disso, trouxe à reflexão temas sensíveis à sociedade brasileira, como a questão da pobreza.

Apesar da tamanha importância, a Feira Paulista é um fenômeno pouco comentado fora do universo das artes cênicas — o que motivou, inclusive, a curiosidade e consequente escolha pelo tema como estudo de caso desta pesquisa.

Do ponto de vista documental, foram inúmeros os desafios de reconstruir a história de um episódio que ocorreu há mais de 50 anos. O primeiro diz respeito à própria busca pelo acervo. Deve-se ressaltar que toda pesquisa de reconstituição histórica esbarra num problema recorrente entre nós, com raras exceções: a falta de material de arquivo, principalmente iconográfico, fator que também denuncia um desinteresse em registrar os acontecimentos para a posteridade. E note-se que no final da década de sessenta já estávamos ingressando num mundo dominado pela imagem. Eis que a Primeira Feira Paulista de Opinião nos legou poucos registros fotográficos e, até onde a pesquisa conseguiu alcançar, nenhuma filmagem.

O primeiro dia de encenação da Feira — e que justamente abriu a guerra do evento contra a censura — contava apenas com um fotógrafo presente: o mineiro Derly Marques, que só fez registros fotográficos. Ao longo da temporada, seja em São Paulo ou no Rio de Janeiro, restaram poucas imagens feitas sob encomenda de jornais, como o *“Jornal do Brasil”* e *“Correio da Manhã”*.

Diante de um episódio como a Primeira Feira Paulista de Opinião, os jornais e revistas são fontes importantes para traçar a cronologia dos fatos. Para isso, foram reunidos os acervos de mais de 10 veículos, o que ressalta a importância do jornalismo impresso na década de 1960. As publicações que seguem em circulação, como *“Folha de S. Paulo”* e *“O Estado de S. Paulo”*, são minoria quando considerada a totalidade dos periódicos consultados. Notas, opiniões de críticos teatrais, reportagens e entrevistas compõem o material.

Quanto aos documentos oficiais, o Arquivo Nacional disponibiliza um dossiê que detalha a censura aos trechos das peças apresentadas na Primeira Feira Paulista de Opinião. Os relatórios foram postos tardiamente para consulta pública online — apenas em 2018. O material é acompanhado de documentos e pareceres trocados entre os militares e censores.

Também é importante ressaltar o trabalho desenvolvido pelo Instituto Augusto Boal na preservação do acervo e legado do dramaturgo. Como dito anteriormente, Boal, por ter sido o principal idealizador da Feira Paulista, surge como um dos protagonistas desta pesquisa. O fato dele e muitos outros artistas envolvidos não estarem mais presentes em vida me levaram a um questionamento inicial se seria viável debruçar-me sobre o tema da Feira de Opinião. A resposta logo se mostrou positiva ao longo do aprofundamento nas pesquisas, mas não apenas pela efeméride dos 60 anos da ditadura civil-militar.

Como já mencionado, o dia 31 de março de 2024 não teve a importância que merecia, passando como uma data qualquer no calendário. Mas, será que de fato é um problema deste ano em específico? Ou é um processo que já vem se arrastando ao longo dos anos? Talvez seja o caso de considerar que a ditadura ainda representa uma espécie de grande obstáculo, ou recalque no imaginário brasileiro. Temos ainda imensa dificuldade em lidar com o tema. E resquícios desse período ainda permanecem vivos, ainda mais quando ressurgem vertentes fascistas que encontram entre nós grupos e até mesmo políticos incitando o retorno à ditadura civil-militar.

Nesse sentido, é um momento oportuno para retomar e valorizar parte desse legado construído pelos artistas da Primeira Feira Paulista de Opinião. De certo modo, eles ajudaram a construir o caminho para que tivéssemos, hoje, uma Constituição promulgada — e não outorgada.

Muitas das vezes, a impressão que fica é que pouco se fala sobre o papel do teatro ao longo da história da cultura brasileira. Essa participação parece diminuir quando considerado o recorte da ditadura civil-militar — ainda que as artes cênicas tenham um papel revolucionário no rompimento com o regime.

Inegavelmente, o Brasil mudou da década de 1960 para cá. A começar pelo próprio regime político, que deixou de ser uma ditadura. Entretanto, as etapas autoritárias que marcaram a nossa história, principalmente o período do Estado Novo (1937-45) e posteriormente o regime civil-militar (1964-85), deixaram marcas profundas na nossa organização social e política. A falta de um processo conclusivo

de justiça de transição, mantendo os criminosos do regime impunes (ao contrário dos processos de transição argentino e chileno), o afastamento de toda uma geração da vida pública, instituições (como a polícia militar) em constante guerra contra a sociedade civil são só alguns exemplos da influência de uma lógica militarista e autoritária. Que um ex-presidente oriundo das Forças Armadas admirasse um torturador (Carlos Brilhante Ustra) não parece ser mero acaso, assim como o desprezo pela cultura em sentido amplo.¹

Somos uma sociedade que em geral não encara a arte e cultura como prioridades e braço para construção de uma educação mais rica, mas, sim, como sinônimo de futilidade e que gera gastos desnecessários ao poder público. As leis de fomento — principalmente Rouanet — são alvos constantes de *fake news* que tentam negar suas importâncias.

Dos projetos mais reacionários às experiências mais progressistas, ainda nos deparamos com obstáculos imensos em relação às linguagens artísticas como formas de emancipação, autonomia e geradoras de novas possibilidades de existência. Mergulhar na experiência da Feira Paulista de Opinião pode ser uma oportunidade inspiradora para respeitar o legado das gerações passadas, cujos trabalhos estarão presentes nos próximos capítulos deste trabalho, mas também confrontá-lo com os embates contemporâneos, que pedem por novos projetos culturais, imprescindíveis inclusive para sairmos do fosso onde nos encontramos.

Considerando a amplitude da Primeira Feira de Opinião, e sua riqueza de detalhes, arquivos e reviravoltas, esta pesquisa busca enfatizar, especialmente, a censura contra o evento. Assim, há espaço para outras formas de interpretação e abordagens do assunto.

¹ O Ministério da Cultura, criado em 1985, seria extinto em 2016, no governo de Michel Temer. O ex-presidente, no entanto, voltou atrás após críticas à decisão. Em 2019, no governo de Jair Bolsonaro, o MINC foi rebaixado a uma secretaria vinculada ao Ministério da Educação. O Ministério da Cultura foi recriado em 2023, durante o terceiro mandato do presidente Lula.

CAPÍTULO I

“[...] Nenhum de nós, como artista, reúne condições de, sozinho, interpretar o movimento social. [...] Conseguimos fotografar a nossa realidade, conseguimos premonitoriamente vislumbrar o futuro, mas não conseguimos surpreendê-la em seu movimento. Isto nós não conseguimos sozinhos, mas talvez possamos lográ-lo em conjunto. É necessário pesquisar nossa realidade segundo ângulos e perspectivas diversas: aí estará seu movimento. Nós, dramaturgos, compositores, poetas, caricaturistas, fotógrafos, devemos ser simultaneamente testemunhas e partes integrantes desta realidade. Seremos testemunhas na medida em que observarmos a realidade e parte integrante na medida em que formos observados. Esta é a ideia da Primeira Feira Paulista de Opinião [...]”.

O trecho acima, extraído do programa da Primeira Feira Paulista de Opinião, traz a essência daquele que seria o maior projeto que o dramaturgo Augusto Boal montaria em 1968. Sob direção do carioca, o evento reuniria, em plena ditadura civil-militar, aquilo que ele próprio chamou de *“o inventário geral da arte brasileira”*. Juntos, dramaturgos, atores, compositores e artistas plásticos se dedicariam à criação de trabalhos de oposição ao regime.

Ao pensarmos em Augusto Boal é impossível não considerar o quanto a política era um elemento intrínseco de suas peças. A simples palavra *“opinião”* no título da que, na época, era a sua mais recente concepção por si só antecipava o caráter questionador que a obra teria diante do totalitarismo que vigorava desde 1964.

Como esperado, as provocações aos militares seriam materializadas no palco. Mas começaram ainda nas fases preliminares. Afinal, nos bastidores, os dramaturgos, compositores e artistas plásticos envolvidos na criação das obras deveriam responder à seguinte pergunta: *“o que pensa você do Brasil hoje?”*.

A indagação, além de propor uma reflexão a partir do país que estava sendo moldado pela ditadura, indagava sobre o próprio papel do artista. *“Nós nos perguntávamos para que existíamos. Serviríamos para alguma coisa, suaves artistas, naqueles tempos de guerra? Questionávamos nossa arte, função na*

sociedade, identidade, nossas vidas”, escreveu Boal em sua autobiografia *“Hamlet e o Filho do Padeiro”*, publicada pela editora Record em 2000.

Boal havia retornado ao Brasil há pouco menos de 10 anos quando assumiu o projeto da Primeira Feira Paulista de Opinião. Antes, estava em Nova York, onde estudou atuação e dramaturgia na Universidade de Columbia. A área dedicada às artes do palco destoava do diploma de engenheiro químico que havia recebido da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1954.

Em *“Hamlet e o Filho do Padeiro”*, Boal relata que o interesse pelas artes cênicas começou ainda na infância. *“[...] Ouvia minha mãe contando histórias de “A Ré Misteriosa” e outros folhetins que recebia em fascículos. Esses personagens circulavam à minha volta. Personagens de ficção misturados a realidades. Meus irmãos e eu tivemos a ideia de fazer um teatrinho. Líamos o fascículo da semana e o dramatizávamos”*.



Augusto Boal se formou em engenharia química na UFRJ. / Foto: Instituto Augusto Boal.

O dramaturgo lembra que, mesmo criança, as suas participações nas encenações se davam por trás das cortinas — e nunca como ator. O contato com os bastidores o ajudou posteriormente a entender o seu gosto pela direção. *“Tenho certeza de que, a partir da primeira experiência com meus irmãos, adotei a ideia fixa de fazer teatro. Assim que a minha primeira temporada teatral infantil acabou, começou meu desejo de ser artista”*.

O desejo de seguir na dramaturgia, no entanto, ficou em segundo plano na adolescência, quando optou pela graduação em engenharia química. Como lembra Boal, um dos motivos que levaram à escolha pelo curso foi o desejo de ficar próximo à então namorada, Renata. Os planos deram errado com a reprovação da jovem no vestibular. *“Quando me dei conta, estava na universidade estudando química com todos os tubos de ensaio, provetas e alambiques com que sonhara...mas sem minha Renata querida, sem o sonho”*.

O fato dos pais de Boal quererem que ele se “tornasse doutor” igualmente influenciou a escolha pelo curso de exatas. *“Meu pai e minha mãe – ela mais aberta às ideias insólitas – não poderiam entender meu desejo, nem imaginar que o teatro pudesse ser estudado em universidades. Como bom imigrante, meu pai dizia que teríamos total liberdade de escolher profissão...desde que nos formássemos em doutores. Meus irmãos e irmãs escolheram medicina, arquitetura, letras neolatinas...Carreiras doutorais. E eu? Doutor, em quê? Teatro? Nem pensar!”*.

Boal já era envolvido com as artes cênicas quando decidiu partir para Nova York em 1953. Não foi deixando o currículo em branco no Brasil. No Rio de Janeiro, por exemplo, havia participado anos antes da fundação do Teatro Artístico. A chegada aos Estados Unidos formalizaria a relação do ponto de vista acadêmico. Como aluno de Columbia, Boal, entre outras coisas, frequentou os cursos de John Gassner (1903-1967) — professor de Tennessee Williams (1911-1983) e Arthur Miller (1915-2005).

Em seu retorno ao Brasil, em 1956, Boal encontra um país governado ainda do Rio de Janeiro por Juscelino Kubitschek. O momento político que circundou o mandato de JK entraria posteriormente para o imaginário popular como sinônimo de “otimismo” — seja pelo desenvolvimento da indústria automobilística, pela construção e inauguração de Brasília, ou, até mesmo, pela primeira taça brasileira em uma Copa do Mundo, e a agitação provocada pelos movimentos culturais, como a bossa nova.

O Teatro de Arena, que durante a década de 60 seria o grande palco para as experimentações de Boal, já estava em funcionamento quando JK assumiu o Palácio do Catete. *“No fim dos anos 50, o Arena se tornou um espaço de encontro de pessoas interessadas em política. E, evidentemente, pessoas interessadas na política colocada na arte”*, destaca Sérgio de Carvalho, professor do curso de Artes Cênicas na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e um dos fundadores da Companhia do Latão².

A aproximação de Augusto Boal com o espaço se dá no mesmo ano de retorno ao Brasil, após uma conversa por telefone com Sábato Magaldi (1927-2016). Na ligação, o crítico sugeriu que o dramaturgo assumisse a direção do Teatro diante da disponibilidade da vaga. O convite foi aceito. *“Quando entrei na arena do Arena, quase fiz a pergunta ingênua: ‘Onde fica o teatro?’. Tímido, fiquei quieto, esperando que me mostrassem o palco, a cena, luzes, ribaltas, ciclорamas – queria ver”*, relatou Boal.³

Àquela altura, o Teatro de Arena já era descrito pelos jornais como o espaço onde “se quebrava o esquema tradicional” dos espaços teatrais. Uma contraposição aos teatros que seguiam “a linha tradicional de produção”. A chegada de Boal, além de ressaltar o que era dito sobre o espaço, trazia uma nova perspectiva à composição das representações. O dramaturgo, afinal, aplicaria os conhecimentos adquiridos nos Estados Unidos em seus novos espetáculos feitos no Brasil. O desejo de encenar e discutir a realidade nacional, transformando o espectador em cidadão ativo, se refletia nas peças.

Foram diversos projetos dirigidos por Boal em parceria com o elenco do Teatro de Arena. *“Ratos e Homens”*, do dramaturgo norte-americano John Steinbeck, foi o primeiro de uma série de trabalhos. A estreia se deu logo no primeiro ano como diretor. Os roteiros desenvolvidos pelo carioca, críticos ao sistema, ganhariam rumos ainda mais politizados a partir de março de 1964, com o golpe que derrubou o ex-presidente João Goulart, o Jango. Com os militares no

² Grupo teatral de São Paulo que propõe peças com reflexões críticas em torno da sociedade atual.

³ Trecho da biografia *“Hamlet e o Filho do Padeiro”*.

Poder Executivo, a cultura, alvo de censura nas primeiras décadas do século XX, volta a ter suas manifestações acudadas — o que causa protestos por parte da classe artística.

O teatro e o cinema, em especial, incomodavam o regime ao ponto de, em 1965, um decreto, assinado pelo primeiro presidente militar, Humberto Castello Branco, instituir o Grupo de Censura Congêneres. Na prática, esse grupo, cuja formação se dava na Academia Nacional de Polícia de Brasília, tinha em seu escopo militares “especializados” na repressão do teatro e do cinema.

As dramaturgias e/ou roteiros audiovisuais eram direcionados aos censores, que, após a leitura, decidiam, baseados por preceitos puramente ideológicos, se determinada peça ou produção audiovisual seria liberada, teria trechos cortados ou seria integralmente censurada.

O processo foi descrito pelo crítico Van Jafa⁴, em texto publicado no jornal “Correio da Manhã”. *“Primeiro, os originais de uma peça são enviados ao Departamento de Censura, que é, sem disfarce, uma simples repartição policial. Ali já se sabe de sobra qual tipo de expert passeará os olhos pelos textos, a fim de logo emitir um douto parecer. Se esta primeira barreira for vencida, os artistas que pretendem montar a tal peça têm que marcar um dia para representá-la ante o nariz dos cavalheiros censores. Esses lascam a licença ou não, com ou sem cortes. O poder da polícia intelectual se estende aos cenários, figurinos, etc”*.

Embora já fosse uma realidade para o teatro e cinema desde 1965, a substituição da Constituição promulgada de 1946 pela outorgada de 1967 ampliou a censura a todo o campo cultural. A análise e vigilância em torno do que estava sendo produzido ficariam sob responsabilidade do Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), setor do Departamento de Censura de Diversões Públicas (DCDP). Ambos respondiam ao Ministério da Justiça.

⁴ Imprecisão nas datas de nascimento e/ou morte.

A derrubada do governo de Jango e a tomada do poder pelos militares também abre uma nova fase no trabalho de Boal. As peças dirigidas pelo dramaturgo se tornam ainda mais politizadas, passando a bater de frente com a repressão. Nesse período, são lançadas algumas das produções mais importantes e emblemáticas de sua carreira. Em meio à lista extensa estão títulos como “*Show Opinião (1964)*”, “*Arena Conta Zumbi (1965)*”, e “*Arena Canta Bahia (1965)*”.

Em junho de 1968, a poucos meses da promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), seria a vez da Primeira Feira Paulista de Opinião. O ano, desde o início, já anunciava que seria agitado para a classe teatral. Em março, os artistas suspendem por três dias as apresentações teatrais em São Paulo e Rio de Janeiro. O sentimento, compartilhado pela classe que protestava, era de não recuar diante da censura.

O público reage favoravelmente à posição da classe, assinando listas de solidariedade que circulavam durante as manifestações nas duas capitais. O gesto positivo ao protesto é apenas um que demonstra a capacidade que os artistas tinham de mobilizar a opinião pública. Outros seriam vistos ao longo da década de 1960.



Populares se unem aos artistas durante protesto no Rio. / Foto: autor desconhecido.

Boal, em especial, dizia estar cansado de ter as suas peças grifadas. Ainda assim, submeteu com antecedência a Primeira Feira Paulista de Opinião à análise dos censores. O programa do evento era composto por seis peças de um ato, feitas exclusivamente para a ocasião: *“A Lua muito Pequena e A Caminhada Perigosa”*, do próprio Boal; *“O Líder”*, de Lauro César Muniz; *“É Tua a História Contada?”*, de Bráulio Pedroso (1931-1990); *“Animália”*, de Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006); *“A Receita”*, de Jorge Andrade (1922-1984); e *“Verde que te quero Verde”*, de Plínio Marcos (1935-1999).

Todas as dramaturgias eram encenadas pelo jovem elenco do Teatro de Arena, formado por atores e atrizes que vinham de diferentes partes do Brasil — Aracy Balabanian (1940-2023); Edson Soler⁵; Myriam Muniz (1931-2004); Renato Consorte (1924-2009; Rolando Boldrin (1936-2022); Luis Carlos Arutin (1933-1996); Luiz Serra (1937-), e Zaroni Ferrite (1946-1978).



Renato Consorte, Aracy Balabanian, Zaroni Ferrite e Cecilia Thumim Boal em cena de “Animália”, de Gianfrancesco Guarnieri. / Foto: Derly Marques.

A atriz argentina Cecilia Thumim Boal também integrava o quadro de atores. *“Eu não falava português. Eu realmente me pergunto como fiz a Feira. Depois fiz*

⁵ Imprecisão nas datas de nascimento e/ou morte.

“Arena Zumbi”, também em português. Não sei como era porque não tem gravação”, contou.

Foi em Buenos Aires, sua cidade natal, que Cecilia começou a se envolver com o teatro. Em uma das montagens conheceu Boal. *“Comecei a trabalhar com teatro muito nova. Acho que na minha primeira peça, eu tinha 17 anos. Depois, continuei fazendo alguns espetáculos. O Boal foi convidado para dirigir um deles. Foi assim que nos conhecemos”,* lembrou. Assim como no Brasil, a ditadura era uma realidade na Argentina. Lá, o golpe chegou pouco depois — em 1966. Mas terminou antes da brasileira, em 1983.

Cecilia, que atualmente preside o Instituto Augusto Boal⁶, lembra que a censura agia de maneiras distintas nos dois países. *“A censura não era explícita na Argentina. Eu não precisava, por exemplo, levar um texto para o censor autorizar ou não”.* O trato em relação à pena dos militares após o fim da ditadura foi igualmente tratada distintamente entre Brasil e o país vizinho.

No total, 1.184 pessoas foram condenadas por crimes relacionados ao regime argentino, que, até hoje, não conseguiu contabilizar o número de pessoas desaparecidas. No Brasil, por outro lado, a Lei da Anistia, promulgada pelo ex-presidente João Baptista Figueiredo — o último da ditadura — em 1979, depois de ampla mobilização da sociedade civil, beneficiava perseguidos políticos e ex-guerrilheiros.

. Com isso, muitos puderam retornar do exílio — inclusive Boal, que fugiu para o exterior com Cecilia após ser preso e torturado. Ao mesmo tempo, a Lei deixou um rastro de impunidade aos agentes da ditadura envolvidos nas perseguições, torturas e mortes, já que também beneficiava os militares, que não puderam ser julgados após a redemocratização.

⁶ Fundado em 2010, o Instituto Augusto Boal tem o objetivo de divulgar e dar continuidade à obra do dramaturgo brasileiro.



Augusto Boal e Cecilia Thumim Boal. / Foto: Instituto Augusto Boal.

Outro nome presente no elenco da Primeira Feira Paulista de Opinião era Antonio Fagundes (1949-). O ator, que integrava o Teatro de Arena desde 1966, era um dos mais jovens do elenco da Primeira Feira Paulista de Opinião — tinha apenas 18 anos na data da estreia. *“Fazer um espetáculo desse tipo era uma marcação de postura política muito forte. Tanto que foi proibido”*, disse o ator, que viria a ser um dos nomes mais conhecidos da televisão brasileira.



Cecilia Thumim Boal, Antônio Fagundes, Renato Consorte (1924-2009) e outros na Primeira Feira Paulista de Opinião. / Foto: Derly Marques.

A presença de Fagundes pode ser encarada como uma ponte que conecta a geração de 1960 e a atual. Afinal, junto de Cecilia, ele é um dos últimos artistas em

vida que participaram diretamente da Feira — e, conseqüentemente, testemunharam o período da ditadura civil-militar. *“Essa força, essa vontade política de falar, se posicionar, que faziam o espetáculo ser muito forte. A gente fez muito sucesso na época. As pessoas todas correram para ver, porque era uma posição muito forte”*, descreveu ao jornalista Eduardo Campos Lima, em 2014.

Lauro César Muniz destaca⁷ que o medo era uma constante nas apresentações. Os atores temiam que uma bomba, um tiro, ou uma pedra, fossem atirados da plateia. *“Alguns atores se armaram, levando mesmo armas de fogo, facas. E faziam antes do espetáculo, não a costumeira preparação de vozes, mas, tiro ao alvo!”*.

Entre uma peça e outra, também havia apresentações musicais⁸ na Feira Paulista de Opinião. As canções *“Tema”*, de Edu Lobo (1943-), *“Enquanto Seu Lobo Não Vem”*, de Caetano Veloso (1942-), *“Espiral”*, de Sérgio Ricardo (1932-2020), *“Miserere Nobis”*, de Gilberto Gil (1942-), e *“Meu Brasil Brasileiro”*, de Ary Toledo (1937-2024) eram apresentadas no intervalo das dramaturgias.

O momento político pelo qual o Brasil passava igualmente era pano de fundo durante o processo de composição das canções. Caetano e Gil, especificamente, traziam as influências do tropicalismo. *“O movimento [da Tropicália] circunscreve várias questões a serem levantadas naquele momento [da ditadura]. Em relação à sociedade, aos costumes, à tradição e ao futuro”*, analisou Gil em entrevista ao *“Programa do Bial”*, da *“TV Globo”*, em 2018.

Boal, por sua vez, era crítico à Tropicália. *“Justamente porque ataca as aparências e não a essência da sociedade”*, mencionou, entre outras coisas, em um artigo de opinião publicado na *“Folha da Tarde”*, em 1968. Mesmo assim, concordou com a participação de Caetano e Gil em seu mais novo projeto.

⁷ Trecho de um depoimento extraído do livro *“Primeira Feira Paulista de Opinião”*, da editora Expressão Popular.

⁸ Não foram encontrados registros fotográficos ou em vídeo das apresentações musicais.

No fim das contas, o teatro, junto da música e das artes plásticas⁹, elevavam a Primeira Feira Paulista de Opinião a um evento transmídia. Ou, nas palavras de Boal, “o mais democrático” da cidade de São Paulo. Afinal, ali eram encontrados artistas de todas as áreas, de diferentes gerações e nacionalidades. Do ponto de vista metafórico, era a arte, em seu sentido mais amplo, contra um regime anti-democrático.

⁹ Participaram da Primeira Feira Paulista de Opinião os artistas plásticos Flávio Império, Marcelo Nietzsche, Nelson Leirner, Cláudio Tozzi, Clóvis Graciano, Dulce Carneiro, Sérgio Ferro, Aldemir Martins, Aldo Bonadei, **Maria Bonomi**, Antonio Henrique, Manabu Mabe, Rebolo, Samuel Spieghel, Flavio de Carvalho, Maria Helena Chartune, Mario Gruber e Sanson Flexor.

CAPÍTULO II

O local escolhido para abrigar a temporada da Primeira Feira Paulista de Opinião foi o Teatro Ruth Escobar, no bairro da Bela Vista, em São Paulo. O espaço, inaugurado em 1963, pertencia à própria Ruth (1935-2017), atriz e produtora cultural nascida em Portugal. *“No início de 1961, ao passar de carro pelo alto da Rua dos Ingleses, no Bixiga, parou para olhar um terreno com placa “vende-se”, ribanceira a descer 15 metros até a Rua Treze de Maio, ao lado de um mirante para os arranha-céus do centro. Por aquela ‘buraqueira’, na expressão de Ruth, pedia-se 3.200 cruzeiros, parcelados em três anos”,* descreveu o biógrafo Alvaro Machado em *“Metade É Verdade”*.

O terreno, adquirido com um empréstimo da Caixa Econômica Federal, iniciou oficialmente as atividades em 13 de dezembro. Era uma única sala, batizada de Gil Vicente. O nome faz referência àquele que é considerado o primeiro grande dramaturgo português. O acesso ao local se dava por uma escadaria em caracol.

Ruth aceitou não apenas o convite para que a Feira Paulista de Opinião fosse encenada em seu teatro, mas, também, para que ela fosse produtora do espetáculo. Ao longo da década de 60, o Teatro Ruth Escobar se tornou referência nos espetáculos de contestação à ditadura civil-militar. *“A Ruth liderou um movimento contra a censura muito forte. Toda a classe teatral, mas não só teatral. A cultura brasileira de um modo geral”,* destacou Machado.

O preço pelo apoio foi alto. Um dos momentos mais conhecidos envolve a peça *“Roda Viva”*, de Chico Buarque (1944-). A sala que abrigava o espetáculo fora invadida em julho de 1968 pelo Comando de Caça aos Comunistas¹⁰, o CCC. Na confusão, as atrizes Marília Pêra (1943-2015) e Valquíria Mamberti¹¹ foram agredidas. Até hoje, há controvérsias se *“Roda Viva”* era, de fato, o alvo. Ou se a mira, na verdade, estava apontada para a Feira Paulista de Opinião, que já estava em cartaz.

¹⁰ Organização paramilitar anticomunista brasileira de extrema-direita.

¹¹ Imprecisão nas datas de nascimento e/ou morte.

O estopim seria um cartaz de divulgação feito por Jô Soares (1938-2022) — muito antes de sua consagração como apresentador da televisão. O desenho, intitulado “O Descanso do Guerrilheiro”, ilustrava um militar defecando. A obra teria irritado os militares, que decidiram revidar. “O Chico Buarque declarou, e eu concordo com ele, que, na verdade, os militares se enganaram de teatro. ‘Roda Viva’ não tinha o caráter subversivo da Feira. E nem tinha sido proibida”, ressaltou Cecilia Thumim Boal.

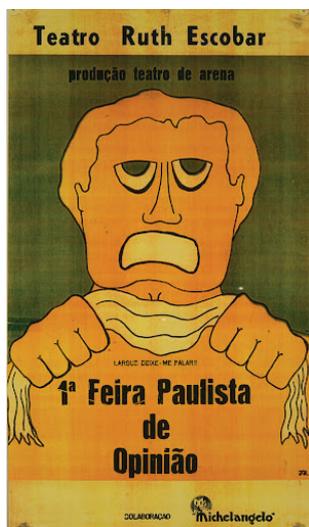


“O Descanso do Guerrilheiro”. / Autoria: Jô Soares.

Soares também era o nome por trás do principal cartaz de divulgação da Primeira Feira Paulista de Opinião. Inspirado na propaganda de um xarope para tosse, o anúncio destacava a caricatura de uma pessoa com uma mordaca na boca. Em baixo do rosto, a frase “*largue-me! Deixe-me gritar!*”, em clara referência à cerceação da liberdade de expressão por parte do regime militar.

“*Nós espalhamos aquele cartaz pela cidade para convocar as pessoas a irem ao teatro como recusa ao policiamento, como exercício de liberdade*”, relatou Jô em

2016¹². Os anúncios, por si só, antecipavam o caráter contestador que o evento teria.



Cartaz principal da Primeira Feira Paulista de Opinião. / Reprodução.



Anúncio do Xarope São João. / Reprodução: Estadão.



Augusto Boal com cartaz da Primeira Feira Paulista de Opinião. O dramaturgo foi convidado do “Programa do Jô”, em 2001. / Reprodução: TV Globo.

¹² Depoimento publicado no livro “Primeira Feira Paulista de Opinião”, da editora Expressão Popular.

Os ensaios para a Primeira Feira Paulista de Opinião tiveram início no próprio Teatro de Arena e, só depois, seguiram ao Ruth Escobar. Havia uma expectativa para a estreia. Os jornais traziam, seja nos cadernos de cultura ou nas páginas dedicadas à publicidade, menções de que a montagem em breve poderia ser conferida pelo público. Mas, embora já houvesse uma expectativa, ainda havia um problema: a censura, que ainda não havia liberado a montagem.

Conforme a legislação da época, as dramaturgias deveriam ser enviadas para a análise com antecedência mínima de 15 dias. Enviados os textos, o Grupo de Censura Congêneres ficaria incumbido de liberar — com ou sem vetos — ou de censurar totalmente a produção. A resposta deveria ser dada em até cinco dias antes da estreia da obra.

Boal, em entrevista ao “*O Estado de S. Paulo*”, relatou que o envio do programa da Feira Paulista se deu dois meses antes da estreia — por volta de abril. O mês corresponde ao primeiro registro público que se tem conhecimento da atuação da censura no cessante ao evento. O documento, expedido em 18 de abril de 1968, pede uma “solução urgente” diante da indefinição no tocante à liberação da Feira. O texto chega às mãos do censor Manoel Felipe Souza Leão¹³, em Brasília.

		BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0616, P.78 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES RADIOGRAMA		CARIMBO DA ESTAÇÃO DEP. FEDERAL SEG. PÚBLICA SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES SETOR - CENTRO DE MENSAGENS Recebido 19/4/68 Hr. 0830 Encaminhado 1/1 Hr.	
DE: SPAULO		NR. 342	Pls. 50	Dt. 18-04-68	
RECEBIDO DE		DR8-FRS-18-04-68	As 19:50	Por SOARES	
ENVIAR PARA		SR MANOEL FELIPE SOUZA LEAO CHEFE SCD BRASÍLIA			
TELEGRAMA		NR 28-SA-SC DE 18-04-68 PEÇO URGENTE INFORMAR SOLUÇÃO PRIMEIRA FEIRA PAULISTA DE OPINIAO DA SOCIEDADE CULTURAL DO TEATRO DE ARENA VG CONSTANTE RD NR 27/SA/SEC 16/04/ET FALADO PESSOALMENTE VG FINALIDADE ATENDER INTERESSADOS PT GENERAL PICANÇO C CHEFE SA			

Reprodução: Arquivo Nacional

¹³ Imprecisão nas datas de nascimento e/ou morte.

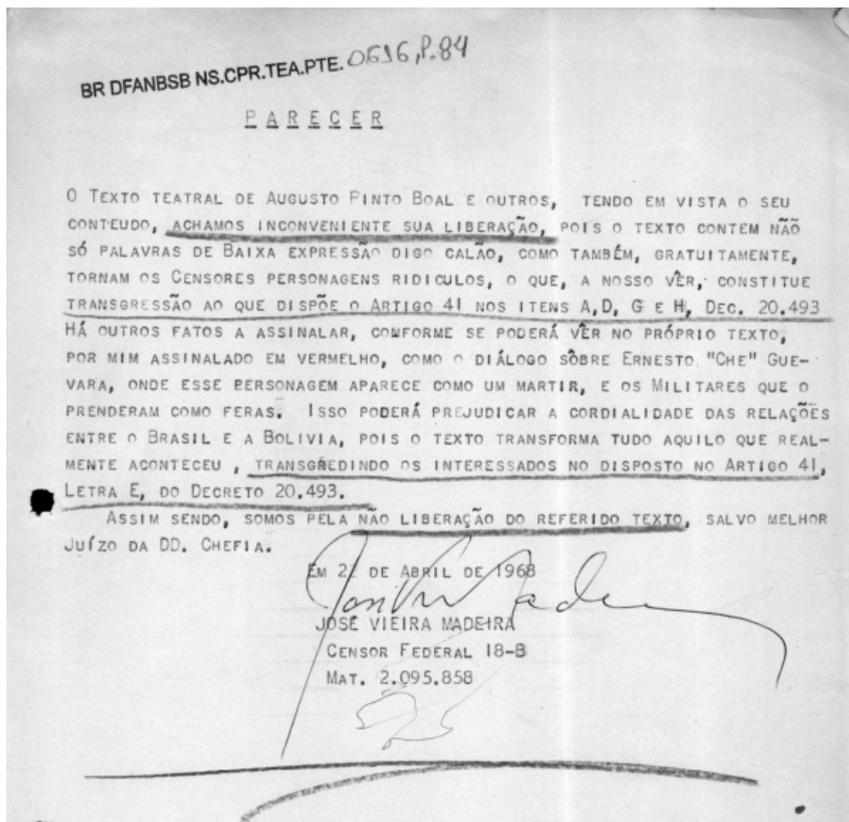
Quatro dias depois ao envio do documento um parecer é emitido. Assinado pelo censor José Vieira Madeira¹⁴, o registro formaliza a censura a determinados trechos da Primeira Feira Paulista de Opinião. Para os militares, a liberação total era “inconveniente” em razão de suas “palavras de baixo calão” — algo que era encarado como motivo de escândalo pela sociedade conservadora.

Além disso, os agentes encaravam as críticas como “uma tentativa de ridicularização” às suas próprias figuras. O fato de serem retratados no palco por um grupo de artista incomodava mais do que a prisão e tortura de presos políticos. Em 1968, por exemplo, os irmãos Ronaldo¹⁵ e Rogério Duarte (1936-2016) afirmaram terem sido presos e torturados pelo Exército no Rio de Janeiro.

Os jovens foram capturados na Candelária, enquanto seguiam para a missa de sétimo dia do estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto (1950-1968), morto por policiais militares após protestar contra o aumento do preço da comida no restaurante estudantil Calabouço. A morte de Edson Luís deflagrou o ciclo de manifestações populares de 1968 pela redemocratização do Brasil. As manifestações seriam contidas e suprimidas posteriormente pelo AI-5.

¹⁴ Imprecisão nas datas de nascimento e/ou morte.

¹⁵ Imprecisão nas datas de nascimento e/ou eventual morte.

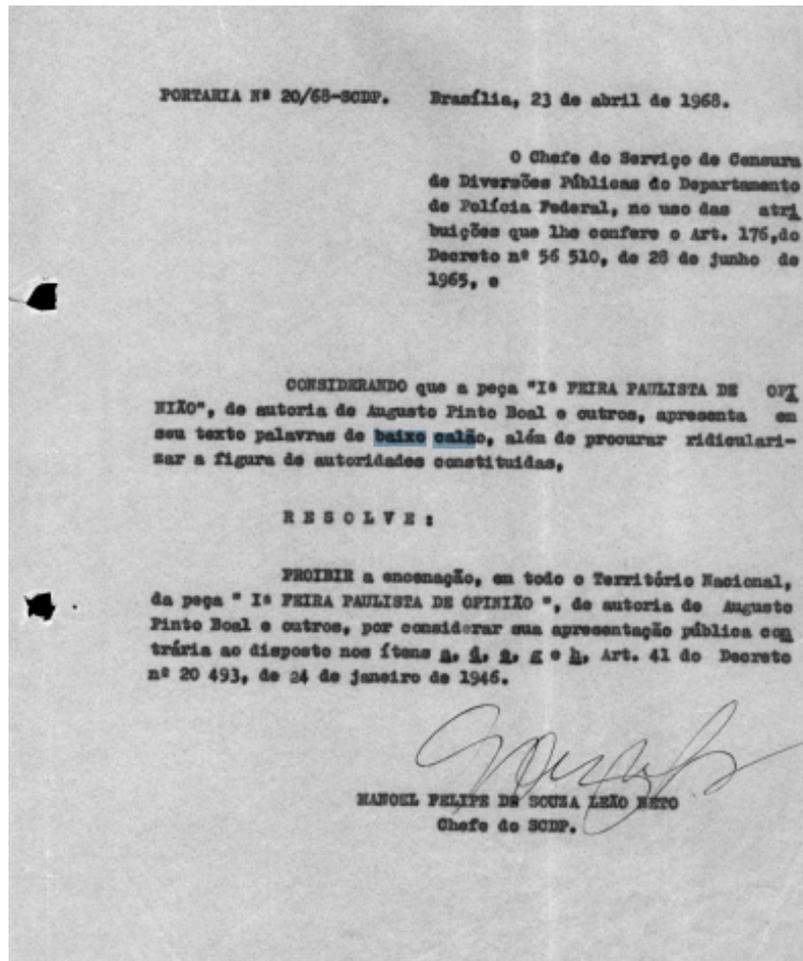


Parecer dos militares nega liberação da Feira Paulista. / Reprodução: Arquivo Nacional.

A notificação sobre a censura da Feira Paulista de Opinião é enviada de Brasília, já capital federal, a São Paulo — mais precisamente à Rua Piauí, 527, no tradicional bairro de Higienópolis. O casarão de 900 metros que ocupa o endereço — e atualmente está desocupado — foi, de 1965 a 2003, uma delegacia da Polícia Federal. Durante a ditadura, além de base para o trabalho dos censores, o espaço foi usado para interrogatórios e como carceragem, onde ficavam detidos os presos políticos.

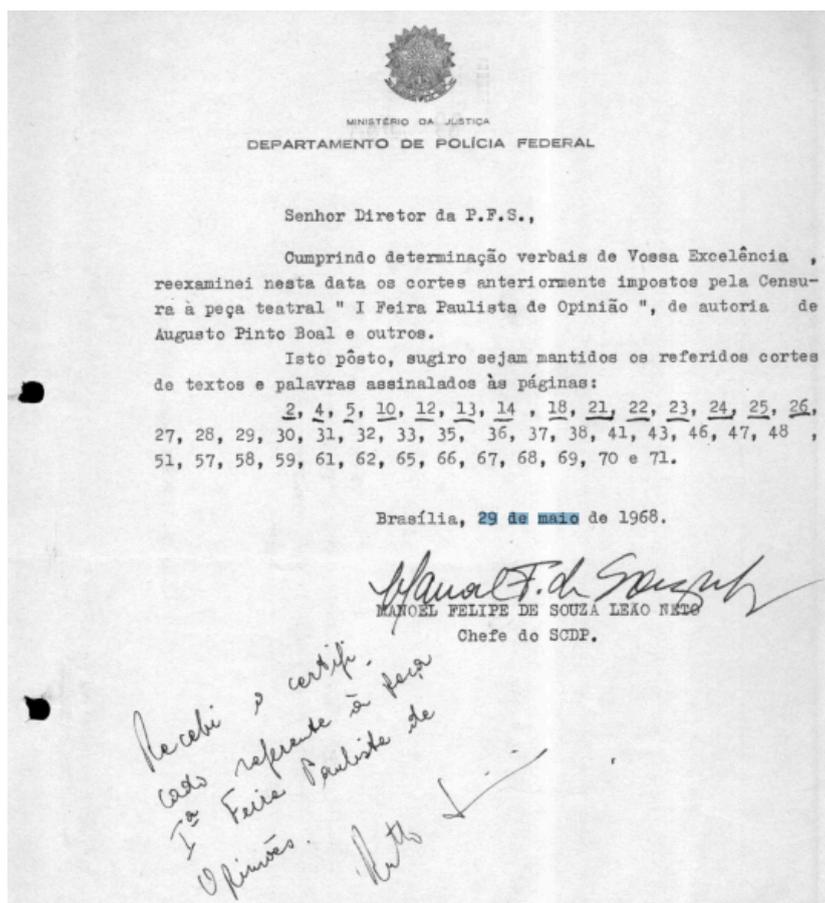
O general Sílvio Corrêa de Andrade¹⁶ era o então delegado regional da PF. Ao longo dos anos de chumbo, o agente esteve por trás da censura contra diversas manifestações culturais. Como esperado, não foi diferente com a Primeira Feira Paulista de Opinião. No dia 23 de abril, Leão Neto, supervisionado por Corrêa de Andrade, assina a portaria que proibia a peça de ser encenada em todo o Brasil.

¹⁶ Imprecisão nas datas de nascimento e/ou morte.



Documento proíbe a Primeira Feira Paulista de Opinião. / Reprodução: Arquivo Nacional.

O Teatro de Arena, sem saber formalmente da decisão, insiste que a dramaturgia seja reavaliada pelos militares. Os militares acatam, no dia 29 de maio de 1968. Os cortes são mantidos, e a decisão, assinada por Leão Neto, segue sem ser informada aos artistas.



Militares analisam novamente a liberação da Feira Paulista. / Reprodução: Arquivo Nacional.

A classe teatral, ainda sem plenamente saber dos cortes, pede novamente a liberação da Primeira Feira Paulista de Opinião. Em mais uma tentativa, o Teatro de Arena envia, no dia 30 de maio (apenas um dia após a oficialização dos cortes), uma carta ao Departamento de Polícia Federal. A carta reafirma o desejo de manifestação do livre pensamento, mas também resume a trajetória da sua experiência experimental e ao mesmo tempo inovadora.

Carta do Teatro de Arena

“O Teatro de Arena sempre se caracterizou, nestes últimos 15 anos, pelo constante trabalho de pesquisa em todos os setores da arte teatral. Foram notáveis suas contribuições no terreno da interpretação, da encenação e sobretudo da dramaturgia — muitos dos mais prestigiados nomes da nossa cena moderna encontraram no Teatro de Arena o apoio necessário para seus primeiros passos.

Igualmente muitas formas atuais e de se fazer teatro foram primeiramente testadas e desenvolvidas por aquele elenco.

Depois de tantos anos de renovação contínua, decidiu-se o Teatro de Arena a inventariar todas as atuais tendências da arte, principalmente no nosso Estado de São Paulo. E, para isso, convidou as mais prestigiosas figuras de teatro, artes plásticas, fotografia, música e cinema para que apresentassem suas opiniões, livremente, sobre qualquer aspecto do Brasil de hoje. Este espetáculo, tão democraticamente concebido, chama-se 'Primeira Feira Paulista de Opinião: Que Pensa Você do Brasil de Hoje?' e conta já com a participação de mais de 70 artistas radicados em São Paulo. Entre eles pintores como Clóvis Graciano, Sanson Flexor, Aldemir Martins, Nelson Leirner, Flávio Império, Marcelo Nitsche, Maria Bonomi, Aldo Bonadei, Flávio de Carvalho, Mário Gruber, Rebolo, e muitos outros; compositores como Chico Buarque de Hollanda, Edu Lobo, Ary Toledo, Geraldo Vandré, Sérgio Ricardo, Caetano Veloso, Gilberto Gil; cineastas como Sérgio Muniz, Mauricio Capovilla, Luís Sérgio Person; fotógrafos como Dulce Carneiro, Derly Marques; e, além destes e de muitos outros, conta sobretudo com a presença dos seis mais importantes dramaturgos paulistas do momento. Queremos lembrar o trabalho de um Jorge de Andrade que vem paulatinamente fazendo o levantamento estético da vida no interior paulista nas últimas décadas; Gianfrancesco Guarnieri, um dos mais importantes dramaturgos urbanos que, neste espetáculo, faz um mural da vida cidadina, analisando fenômenos modernos como o "hippy"; Bráulio Pedroso, autor de um dos quadros do espetáculo do Arena, baseado num conto de sua autoria, anteriormente publicado no "O Estado de S.Paulo"; Lauro César Muniz que revive atualmente o abandonado gênero da comédia de costume; Plínio Marcos, que neste último ano despontou como o mais fecundo dos escritores brasileiros, tendo nada menos que seis textos montados, e que recebeu por isso mesmo diversos prêmios, entre o Prêmio Molière, outorgado simultaneamente no Rio e em São Paulo, pela totalidade dos críticos teatrais em exercício; e finalmente Augusto Boal, também detentor do Prêmio Molière pela criação de uma nova teoria teatral, denominada "Sistema de Coringa" que é aplicada ao texto com o qual contribui para a Primeira Feira e que se baseia integralmente em notícias publicadas pela nossa imprensa e, portanto, já de domínio público.

A necessidade imperiosa deste inventário, desta soma de experiências e de pesquisas é por demais evidente. Assim, o Conselho Artístico e Literário da Comissão Estadual de Teatro do Conselho Estadual de Cultura de São Paulo, integrado por ilustres personalidades das letras paulistas, homens de comprovada capacidade intelectual e de ilibada probidade moral, como Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado, Sábato Magaldi, Alberto D'Aversa (professores universitários, críticos, diretores, etc) deliberou considerar a Primeira Feira Paulista de Opinião digna de representar a arte paulista, dentro dos quadros de "TEATRO E CULTURA", plano oficial do governo Abreu Sodré. Julgou ainda esta Comissão ser absolutamente indispensável que este espetáculo não sofra restrição de espécie alguma (cortes, por exemplo) dado que a sua verdadeira proposta é a de, dentro dos mais elevados padrões de democracia, assegurar a todos os artistas convidados a inteira liberdade de manifestar seus pensamentos. É evidente que uma Feira de Opinião só terá validade se toda e qualquer opinião puder ser livremente exibida: o corte, por mais simples que seja, mutilará o caráter democrático da mostra.

Não apenas a Comissão Estadual de Teatro de São Paulo, e os intelectuais de São Paulo assim pensam, como também outro não terá sido o espírito de legislador de nossa Carta Magna ao assegurar a todos o direito de opinião e de expressão, que, aliás, é igualmente consagrado pela Carta Magna da Humanidade, a Declaração Universal dos Direitos de Homem, promulgada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, e assinada também pelo representante do Brasil, a qual declara no seu capítulo XIX: 'Todo homem tem direito à liberdade de opinião e de expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e procurar receber e transmitir informações e ideias, por quaisquer meios e independentes de fronteiras'.

Bem sabemos, igualmente, que a nossa Constituição prevê a censura às diversões públicas. No entanto, o atual conjunto de obras enfeixado na Primeira Feira Paulista de Opinião muito supera as limitações da expressão 'diversões públicas', alcançando um alto sentido cultural, artístico e didático pela exposição da realidade nacional através das mais diferentes perspectivas; pode-se contra argumentar que talvez não tenham sido todos os autores fieis intérpretes da nossa realidade. Porém, não se pode negar que, ainda nesse caso, são esses autores

parte integrante da nossa realidade. Isto é, dentro de uma Feira, o próprio autor torna-se testemunha do real. O caráter democrático da mostra é assegurado pela presença de representantes de todas as tendências estéticas da nossa arte: a exclusão de qualquer das testemunhas falsificará o resultado final.

Senhor diretor, a Primeira Feira Paulista de Opinião está com data marcada para estreia e, por essa razão, o Teatro de Arena apressou-se em fazer a entrega do texto à Censura Federal. Até o momento, nenhuma notícia oficial foi publicada. Porém, através de contatos telefônicos com Brasília, pôde este Teatro ser informado de que a liberação total do espetáculo não é líquida e certa, como tudo fazia presumir. Assim, em nome do nosso Teatro, em nome da Comissão Estadual de Teatro, em nome dos 70 artistas integrantes paulistas e, ainda, em nome da arte e da cultura de São Paulo, dirigimo-nos à Vossa Excelência, a fim de solicitar o texto da Primeira Feira Paulista de Opinião integralmente liberado, sem a exclusão de qualquer peça e canções que a integram, e sem a mutilação de qualquer uma das suas partes.

Estamos certos de poder contar com a sensibilidade e inteligência lúcida de Vossa Excelência a quem a arte e a cultura paulista muito ficarão a dever. Sem mais, apresentamos nossos protestos de estima e alta consideração.

*Atenciosamente,
Teatro de Arena de São Paulo*

O impasse diante da censura durou até o dia 06 de junho, quinta-feira, véspera da estreia da Feira Paulista. Estava tudo pronto para a primeira noite da montagem, até que a decisão do governo em manter os trechos censurados é assinada pelo chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), Aloysio Muhlethaler de Souza, e pelo censor Manoel Felipe de Souza Leão Neto. Além dos cortes, a medida, que teria duração total de um ano, classificava o evento como impróprio para menores de 18 anos.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

**CENSURA FEDERAL
TEATRO**

Certificado Nº 201/68

PEÇA 1ª FEIRA PAULISTA DE OPINIÃO

ORIGINAL DE AUGUSTO PINTO BOAL E OUTROS.

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 06 de JUNHO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO Brasília, 06 de JUNHO de 19 68

**IMPRÓPRIO
ATÉ 18 ANOS**

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0616, P.86

COM CORTES

Reprodução: Arquivo Nacional.

Os artistas não são notificados sobre a decisão até o dia 7 de junho, dia da estreia da Primeira Feira Paulista de Opinião. A apresentação é feita normalmente, na íntegra, sem o conhecimento dos vetos pelos artistas. A medida é informada posteriormente, após a peça de abertura. A censura não é aceita por Augusto Boal. Durante toda a ditadura civil-militar, o dramaturgo se opôs incisivamente contra os atos praticados pelos agentes. *“Nós mandamos a peça há dois meses e só no último dia que foram liberá-la toda mutilada”*, criticou o dramaturgo.

Boal e o elenco da Primeira Feira Paulista de Opinião decidem prosseguir com a estreia. Em um ato de desobediência civil, o evento continuaria sendo apresentado na íntegra. Mais uma vez, a união dos artistas, atrelada à força que o teatro tinha naquele período junto de seu público, agitariam a opinião pública. *“Surgiu o movimento artístico de solidariedade mais belo que já existiu. Artistas de São Paulo decretaram greve geral nos teatros da cidade e foram se juntar a nós. Nunca houve, no país, tamanha concentração de artistas por centímetro quadrado: não faltou ninguém. Vieram até os tímidos”*, descreveu Boal em sua autobiografia.

Do ponto de vista institucional, a rebeldia da Primeira Feira Paulista de Opinião diante da censura seria formalizada pela criação da Associação Brasileira de Dramaturgos, criada com o objetivo de reunir os autores críticos ao regime. Outro

meio de protesto foi uma carta lida em todo início de espetáculo pela atriz e presidente da Classe Teatral e da Comissão Estadual de Teatro (CET), Cacilda Becker. Nela, justificava a apresentação da Feira Paulista, mesmo censurada.

Íntegra da carta lida por Cacilda Becker:

“A representação na íntegra da I Feira Paulista de Opinião é um ato de rebeldia e desobediência civil. Trata-se de um protesto definitivo dos homens livres de teatro contra a Censura de Brasília, que fez 71 cortes nas seis peças. Não aceitamos mais a Censura centralizada, que tolhe nossas ações e impede nosso trabalho. Conclamamos o povo a defender a liberdade de expressão artística e queremos que sejam de imediato postas em prática as novas determinações do grupo de trabalho nomeado pelo ministro Gama e Silva para rever a legislação da Censura. Não aceitando mais o adiamento governamental, arcaremos com a responsabilidade desse ato, que é legítimo e honroso. O espetáculo vai começar.”

“Cacilda Becker, no palco, com a artística multidão atrás, em nome da dignidade dos artistas brasileiros, assumiu a responsabilidade pela desobediência civil que estávamos proclamando. A Feira seria representada desrespeitando a censura, que não seria mais reconhecida por nenhum artista daquele dia em diante. A classe teatral aboliu a censura!!! Estrondosa ovação: vitória da Arte contra a mediocridade! Vitória da liberdade de expressão. Democracia!”, narrou Boal.

Cacilda, assim como Augusto Boal e Ruth Escobar, caracterizou-se pela força e eloquência contra a ditadura civil-militar. Em março, por exemplo, a atriz paulista foi uma das que compareceram à manifestação realizada em São Paulo e Rio contra a censura aos artistas. A sua chegada à presidência do CET, naquele mesmo mês, reforçou a sua liderança, como descreve o biógrafo Luís André do Prado em *“Cacilda Becker — Fúria Santa”*. “[Ela chegou ao CET] num momento em que a classe teatral se colocava à frente na luta por liberdade de expressão no país”.

Cacilda foi designada ao cargo, sem remuneração, ligado à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, após a saída de Décio de Almeida Prado

(1917-2000). Na avaliação de Sábato Magaldi¹⁷, a atriz foi uma presidente extraordinária. *“Ela atuou muito bem e conseguiu, de um exercício para outro, quadruplicar a verba da Comissão. Tinha coragem de falar com as autoridades, se precisasse, e prestígio com o governador Abreu Sodré. Punha-se à frente da classe teatral, assumia o posto de primeira-dama do teatro brasileiro e tinha plena consciência do papel que desempenhava”*, avaliou o crítico em trecho publicado na em *“Cacilda Becker — Fúria Santa”*.



As atrizes Tônia Carrero (1922-1938); Eva Wilma (1931-2021); Odete Lara (1929-2015); Norma Bengell (1935-2013); e Cacilda Becker (1921-1969) protestam contra a censura, em março de 1968. / Reprodução: Arquivo Nacional.

Uma das leituras do manifesto lido pela atriz na Primeira Feira Paulista de Opinião foi captada pelas lentes do mineiro Derly Marques. *“Depois de muito debate [em uma assembleia feita no Teatro Ruth Escobar], alguém convidou o pessoal para ir ao palco, onde as falas continuaram. O Sandro Polônio (1921-1995), naquela hora, levantou o braço e disse: ‘a partir de hoje, nós não aceitamos mais a censura!’ Bem naquele momento, fiz três fotos. A melhor delas é a que ficou conhecida”*, contou Marques em entrevista à Companhia Antropofágica de Opinião, em 2014.

Os artistas presentes no Ruth Escobar se espalharam em torno de Cacilda. Cecilia Boal lembra que a classe artística foi em pesodar apoio ao espetáculo. *“Também ficou decidido que os outros teatros iam ceder um tempinho antes de cada*

¹⁷ Trecho publicado em *“Cacilda Becker — Fúria Santa”*.

espetáculo para que nós pudéssemos apresentar uma música ou uma pequena cena”.

Cecilia enfatiza que ninguém que estava na plateia se opôs ao movimento contra a censura. Ao contrário, “todos, cansados de ser censurados, estavam de acordo em não aceitá-la”. Para a presidente do Instituto Augusto Boal, a postura foi, de fato, “um ato de sobrevivência”.



Na primeira fileira: Abel Bravo¹⁸, Fauzi Arap (1938-2013); Zé Celso; Sandro Polloni, Ruth Escobar, Walmor Chagas, Cacilda Becker, Maria Della Costa (1926-2015), Gilberto Gil, Caetano Veloso, Aracy Balabanian e Renato Consorte. / Foto: Derly Marques.

Os momentos seguintes à leitura do manifesto foram sucedidos pelos poucos registros em fotos que se têm conhecimento da Primeira Feira Paulista de Opinião. Por trás de todos eles, estavam as lentes de Derly. “Os jornais não costumavam mandar fotógrafos, então cada companhia fazia as fotos que interessavam e distribuía para a imprensa”.

¹⁸ Imprecisão nas datas de nascimento e eventual morte.

A relação do fotojornalista com o Teatro de Arena teve início antes mesmo da Feira Paulista de Opinião, com outros projetos encabeçados por Augusto Boal. Esse é o caso de “Arena Canta Zumbi”. “*Não me lembro quem fez o convite*”, relatou, destacando que o material fotográfico feito ao Arena eram de baixo orçamento ou realizado sem nenhuma verba. Oito fotos foram tiradas. A partir daí, pararia apenas em 1972 – ano em que o Teatro de Arena se dissolveu.

Após uma passagem por veículos da capital paulista, como a *Folha de S. Paulo*, Derly Marques retornou a sua cidade natal, Ouro Preto, onde vive desde então.



O fotógrafo Derly Marques / Reprodução: SP Escola de Teatro

CAPÍTULO III

Não é possível cravar os motivos específicos que levaram aos cortes das peças da Primeira Feira Paulista de Opinião, já que não há registros de conhecimento público deixados pelos agentes. Entretanto, dadas as características da ditadura, é possível criar relações entre as supressões e o contexto da época. Além disso, é notável que muitas das posturas assumidas no período se repetiram ou foram adotadas de forma similar no governo de Jair Bolsonaro (1955-).

Em “*O Líder*”, peça programada para abrir a Primeira Feira Paulista de Opinião, Lauro César Muniz traz a história de Joaquim Romão, um líder caiçara que leva uma vida simples em Tabatinga, no litoral norte de São Paulo. O rapaz, preso por saber ler e escrever, é vítima do abuso policial por parte do personagem Inquiridor. “*Eu criei essa peça baseada numa crônica da ‘Folha de S. Paulo’.* Ampliei e discuti a ideia, que acabou nas mãos do Teatro de Arena”, lembrou Muniz durante o projeto “*Memórias do Palco*”, realizado no Cine Denoy de Oliveira, em abril de 2024.

Romão, por sua vez, é levado à delegacia de forma autoritária, e mesmo sem provas contundentes que apontassem sua relação com um roubo na cidade em que vive. “[...] *Eu não fiz nada, doutor! [...] Não roubei ninguém. Sou roceiro, pescador, vivo do meu trabalho. Entraram na minha casa disparando tiro, a picharam a janela [...], fizeram uma avaria que até nem sei. Depois, me carregaram em seis [...]*”, alega o personagem a Inquiridor, que retribuí com gritos e ameaças.

A prática de prender uma determinada pessoa sem provas contundentes se acentuaria após a publicação do AI-5. O ato abriu caminho para que qualquer indivíduo acusado de crime político fosse preso, sem ao menos ter direito ao *habeas corpus*. Com isso, centenas de pessoas foram encarceradas e torturadas sem justificativa ou direito à defesa.



Rolando Boldrin e Renato Consorte em cena de “O Líder”. / Foto: Derly Marques.

A censura, no entanto, teria como foco outros trechos da obra de Muniz. Desde 2018, o Arquivo Nacional disponibiliza o dossiê que detalha os cortes a “O Líder” e as demais peças da Primeira Feira Paulista de Opinião. Os temas banidos iam desde a vigilância e tortura por parte do regime até questões sociais que, por parte do governo, tentavam ser invisibilizadas diante da opinião pública.

No caso da obra de Lauro César Muniz, o primeiro corte diz respeito a um trecho que fantasia uma condição miserável enfrentada pelos moradores de Tabatinga. *“A praia de Tabatinga tem [não informado no texto] habitantes, sendo que [não informado no texto] por cento da população é produtiva, vive da pesca e da lavoura rudimentar. Moram em palhoças miseráveis de pau a pique, configurando os índices mais chocantes de subdesenvolvimento”.*

A censura ao parágrafo pode ser associada ao desejo da ditadura civil-militar em querer mascarar os índices de pobreza existentes no Brasil. Ainda em 1968, o regime seria marcado pelo início do “Milagre Econômico”. O período, que teria o seu auge nos anos posteriores, indo até 1973, foi vendido pelos militares e seus saudosistas como um momento de rápido crescimento econômico no país.

De fato, o Milagre Econômico alcançou resultados significativos, sendo caracterizado pela política monetária expansiva e pelo vigoroso crescimento da atividade econômica, com média anual de 11,1%, acompanhado de gradual redução da inflação e do desequilíbrio externo (HERMANN, 2011, p.g. 51). Apesar disso, é

notório que a riqueza não atingia todas as camadas da população. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 1970, a proporção de pessoas pobres no Brasil era estimada em 68,3% da população.

A negação dos índices de pobreza foi igualmente levantada durante o governo de Jair Bolsonaro. Em entrevista ao “*Jornal da Record*”, da “*Record TV*”, o ex-chefe do Executivo classificou como mentirosa a ideia de que se passava fome no Brasil. Em outra declaração, desta vez ao “*O Globo*”, em 2022, o ex-presidente voltou a dizer que, quando presidente, “não existia fome para valer no país”. No mesmo ano, a Organização das Nações Unidas (ONU) publicou um relatório que apontava o retorno do Brasil ao Mapa da Fome, posição que havia deixado em 2014.

A questão religiosa também exercia papel de influência na ditadura civil-militar. Tal relação pode ser encontrada por meio do veto ao trecho “*esse calor dos infernos*”. “*Ora, seu Romão, vamos deixar de brincadeira! Eu não tenho tempo a perder. Tenho que interrogar mais dezessete pessoas ainda hoje, com esse calor dos infernos [...]*”.

O portal “Memórias da Ditadura” lembra que, apesar da Igreja Católica ter assumido um papel de oposição à ditadura – sobretudo a partir de 1964 – inicialmente apoiou o clima de desestabilização que antecedeu a queda de João Goulart, além de assumir uma postura favorável aos agentes. A incorporação do discurso religioso é um elemento importante quando analisada dentro do contexto do governo de Jair Bolsonaro. Mudou o espectro: os evangélicos conseguiram espaço e obtiveram o poder de influência antes praticamente dominado pelos católicos.

Em sua dramaturgia, Muniz também faz alusão à vigilância exercida pelos militares a quem eles consideravam “subversivos”. “[...] *Tenho aqui um relatório de três laudas datilografadas, assinado pelo doutor delegado de Ubatuba e mais seis testemunhas, dando conta de suas atividades na praia de Tabatinga [...]*”. Algumas dessas pessoas eram capturadas e mortas em paralelo à espionagem, a exemplo do deputado Rubens Paiva (1929-1971). Em 1971, ele foi levado de sua casa, no

Rio de Janeiro, para prestar depoimento. Paiva não retornou. Até hoje, o seu corpo não foi encontrado.

Romão - Mas doutor... Nun sei de culpa nenhuma...
 Inquir.- (VAGAROSO) Tenho aqui um relatório de três lausa datilografadas, assinado pelo doutor delegado de Ubatuba e mais seis testemunhas, dando conta de suas atividades na praia de Tabatinga.
 Romão - Ah! O delegado de Ubatuba! Foi ele que me mandou pra cá?
 Inquir.- Os motivos estão claros e explícitos nesse relatório. Consta inclusive seus antecedentes penais. (CONSULTANDO O RELATÓRIO) O senhor esteve preso na delegacia de Ubatuba, há dois meses atrás.. nos dias... ahn...14,15 e 16 de Fevereiro próximo passado...

Reprodução: Arquivo Nacional.

Em “*É Tua a História Contada?*”, Bráulio Pedrosa ironiza a elite brasileira, altamente influenciada pela cultura francesa e norte-americana. O dramaturgo satiriza a vida luxuosa, regada ao consumismo e ao fútil. “[*Tenho tudo que pedi a Deus. Quatro filhos e seis casacos de vison*”¹⁹], afirma a personagem nomeada como “esposa” em dado momento da obra.

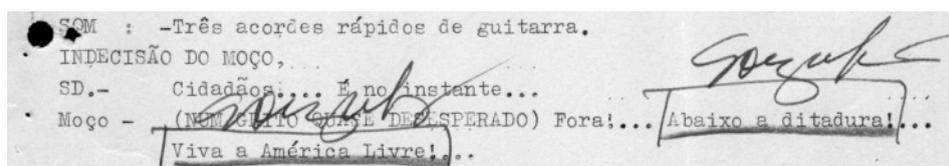
Um dos vetos apontados pelos militares à obra traz menção ao comércio na China, que, anos antes, havia passado pela Revolução Cultural Chinesa. Liderado por Mao Tsé-Tung (1893-1976), presidente do Partido Comunista da China (PCC), o movimento tinha objetivo de preservar o comunismo chinês, eliminando os elementos capitalistas da sociedade chinesa.

Dr.- Estou numa excitação... Vai ser o maior negócio de minha vida!
 Esposa- (MECANICA E SONOLENTA) Um negócio da china...
 Dr.- (ANIMADO E BRINCALHÃO) Na China não há mais negócios, minha querida, É um negócio de Brasil. Temos que reconhecer nossos valores. Hihhi... Só para imaginar aquele negócio dos pedregulhos - que você caiu de quatro - é uma brincadeira perto de se... a coisa agora é internacional. Seu maridinho está atuando na área dos dólares. Business, my dear, big big business... querida?... amorzinho?... jóia? (A ESPOSA RONCA) Dormiu. Estava

Reprodução: Arquivo Nacional.

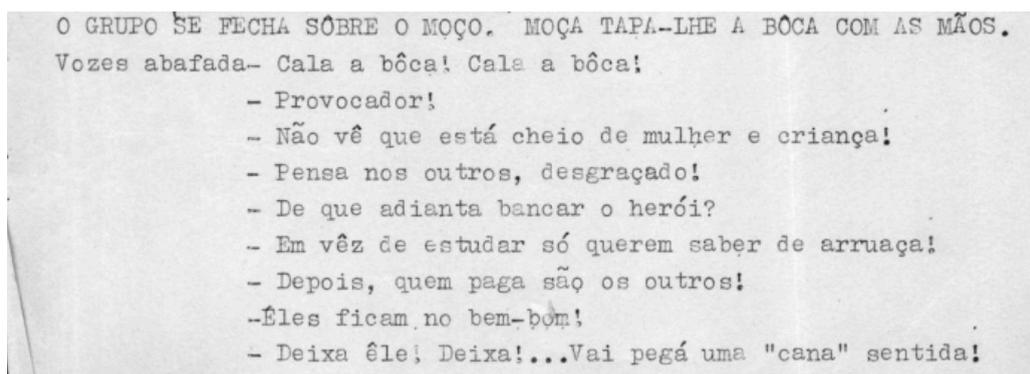
¹⁹ Tipo de casaco feito com pele de animais. Uma única peça pode custar cerca de R\$ 17 mil.

“*Animália*”, de Gianfrancesco Guarnieri, mira a influência dos meios de comunicação ao destacar como a Indústria Cultural²⁰ colabora com a alienação das massas. Logo no início da dramaturgia, um dos personagens, apenas denominado como “moço”, é agredido por populares após ecoar gritar de guerras, como “*abaixo a ditadura!*” e “*América Latina livre!*”, contra um soldado que assume as atenções num palanque. Não há espaço para questionamentos. O agente é aplaudido em seguida pelos mesmos populares.



Reprodução: Arquivo Nacional.

A reação dos civis pode ser analisada como resultado da alienação em um contexto em que a opinião pública era moldada, em especial, pelos grandes veículos de comunicação — muitos dos quais prestaram apoio à ditadura. Esses são os casos, por exemplo, do jornal “*O Globo*”, que publicou um editorial favorável ao golpe. O endossamento ao regime também era uma prática da “*Folha de S. Paulo*” e “*O Estado de S. Paulo*”.



Reprodução: Arquivo Nacional.

Anos depois, mais precisamente em 1981, o apoio da mídia tradicional diante dos agentes se refletiria na concessão de transmissão ao “SBT”. “*Sou muito grato a ele [José Baptista Figueiredo (1918-1999), o último presidente da ditadura*

²⁰ Produção em massa de cultura para ser consumida, com o objetivo de lucro e massificação.

civil-militar]. *Se não fosse ele, eu estava vendendo caneta na Praça da Sé*”, disse Silvio Santos (1930-2024), apresentador e fundador da emissora ao tocar no assunto em 2017.

Nesse contexto de construção de imagem influenciada pelos meios de comunicação, é perceptível que Guarnieri ironiza os militares ao dar destaque aos seus pseudos discursos de defesa da nação. Os melhores cidadãos, por sua vez, ganham prêmios por seus “bons comportamentos”.

Sold.- E não se esqueçam, quem vos escrever dizendo "quem é o amigo número um do País" concorre a um belíssimo automóvel "O Km"!

Reprodução: Arquivo Nacional.

A dramaturgia ainda traz referências à influência na cultura brasileira por parte do Movimento Hippie — como a frase *“faça amor, não faça guerra!”* — que surgiu nos anos 1960 e se opunha ao conservadorismo da sociedade americana — bandeira também defendida pelos artistas em relação ao Brasil. A quebra dos “bons costumes” é demonstrada por meio de palavrões e outros tipos de sátiras à figura dos militares, que são chamados de “palhaços” e colocados como seres desprovidos de bom gosto artístico, por exemplo.

Soldado- (PROSEGUINDO) Sua ânsia de amôr... Seu desejo de paz!... Sagradas reivindicações dos que querem condições propícias... para o trabalho, o progresso, o desenvolvimento da nação!... E não é outro nosso dever. Nem outra nossa intenção, se não a de armas em punho se preciso fôr- garantir-lhes precisamente a paz e o amor, o amor e a paz. À custa de quaisquer sacrifícios, na certeza da justiça desta causa, sem hesitações de qualquer espécie. Que se calem as Cassandras do Apocalipse, porque com a ajuda de Deus, tornaremos realidade os anseios juvenís. Mas para isso é urgente e inadiável o sacrifício, que exigimos em nome dos nossos mais sagrados ansêios, de todos os tresmalhados, os arautos da desordem e do desassossêgo!

Soldado dá prêmios às pessoas presentes no palco como num verdadeiro pão e circo. /

Reprodução: Arquivo Nacional.

Mas, assim como a população ali retratada, a figura do hippie, que divide o palco com o soldado, também é colocado como um ser alienado — um produto da

Indústria Cultural — ao ponto de, determinado momento, abraçar o próprio militar e juntos cantarem “*amor sim, guerra não*”. Em seguida, as flores, que igualmente são consideradas símbolos do Movimento Hippie, passam a cobrir militares com fuzis. Ao mesmo tempo, como numa referência aos assassinados pela ditadura, estão presentes em cemitérios e dentro dos caixões dos mortos.

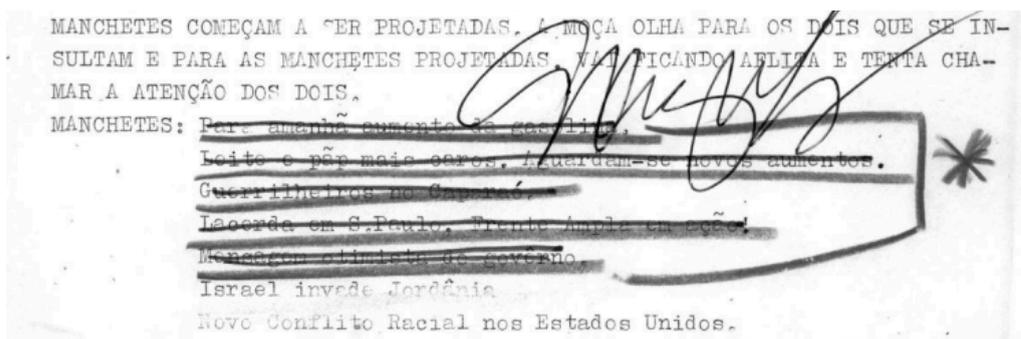
ENQUANTO TODOS (MENOS O MOÇO) CANTAM A CANÇÃO "AMOR SIM, GUERRA NÃO", O MUDO E A MUDA (LARGO ESPARADRAPO GRUDANDO OS LÁBIOS) VÃO TRAZENDO GELADEIRA, VITROLA, UM ENORME APARELHO DE TELEVISÃO, DEMAIS ELETRO-DOMÉSTICOS, MESA, CADIRAS, POLTRONA, UMA GRANDE CESTA REPLETA DE CHAVES DE VOLKSVAGENS, ENORME PILHA DE DISCOS COMPACTO SIMPLES. HIPPIE (DURANTE A CANÇÃO VAI ATIRANDO DISCOS PARA A ASSISTÊNCIA. AOS POUCOS TUDO VAI ADQUIRINDO JEITO DE PROGRAMA DE AUDITÓRIO. O SOLDADO É O ANIMADOR, COADJUVADO PELO HIPPIE. A MOÇA TIRA O VESTI-DINHO E APARECE DE SAIOTE E MÓBIAS RENDADAS. A COISA CHEGA AO PAROXISMO -CÔRO E MÚSICA EM PLAY BACK. HIPPIE COMEÇA A ATIRAR CHAVES DE VOLKS. TERMINA A CANÇÃO. APLAUSOS. BORBORINHO.

Reprodução: Arquivo Nacional.

Após uma bomba ser jogada no palanque pelo “moço” que se opunha ao regime, todos os personagens saem correndo — sobrando apenas dois: um casal mudo. Com esparadrapos na boca, ambos sobem no palco antes ocupado pelo soldado apresentador. Ali começam a gesticular como quem discursa para uma grande massa. Fazem mímica. Tentam tirar o esparadrapo, mas não conseguem. Para impedir que os dois tirem o item da boca, o soldado corre para ligar o aparelho de televisão. O agente consegue, e, então, o casal corre para frente do aparelho, que parece os hipnotizar.

SLIDES- - SOBREPÕE-SE AO PERFIL DE FÁBRICAS ROSTOS DE GENTE DO POVO, OPERÁRIOS E CAMPONESES, HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS, MOÇOS E VELHOS. MUDO E MUDA QUEREM BEIJAR-SE. O ESPARADRAPO IMPEDE AGONIA. POR FIM DESCOBREM QUE PODEM ARRANCAR O ESPARADRAPO UM DO OUTRO COM OS DEDOS. ANSIOSOS ESTÃO PARA LIBERTAR-SE DO ESPARADRAPO QUANDO O SOLDADO CORRE PARA LIGAR O APARELHO DE TELEVISÃO. A LUZ BRILHANTE DO APARELHO TEM UM EFEITO MÁGICO SOBRE OS MUDOS. COMO QUE HIPNOTIZADOS, ÊLES PARAM NO MOVIMENTO. COMO AUTÔMATOS VOLTAM-SE PARA O APARELHO E CAMINHAM ATÉ ÊLE. SENTAM-SE DIANTE DO TELEVISOR;

Reprodução: Arquivo Nacional.



Censura às referências do noticiário. / Reprodução: Arquivo Nacional.



Myriam Muniz, Renato Consorte, Luiz Carlos Arutin (em primeiro plano), Luiz Serra e outros atores em cena de "Animália", de Gianfrancesco Guarnieri. / Foto: Derly Marques.

“A Receita”, de Jorge Andrade, conta a história de uma família rural que tenta sobreviver em meio à pobreza, em um cenário de desnutrição provocada pela má alimentação e insegurança alimentar. A segunda ainda se constitui como uma realidade para parte dos brasileiros, embora tenha caído em 2023.

Dados do Relatório das Nações Unidas sobre o Estado da Insegurança Alimentar Mundial (SOFI 2024) apontam que a insegurança alimentar severa, que afligia 17,2 milhões de brasileiros em 2022, caiu para 2,5 milhões no ano passado. Percentualmente, a queda foi de 8% para 1,2% da população.



Antônio Fagundes e Myriam Muniz em cena de "A Receita". / Foto: Derly Marques.

Já *"Verde que te quero Verde"*, de Plínio Marcos, satirizava os agentes da censura. Nas palavras do crítico Yan Michalski (1932-1990), *"uma pequena charge, uma espécie de desenho em quadrinhos transportado para o palco"*. Marcos ironiza a censura dos palavrões por parte dos agentes. As palavras de baixo calão eram proferidas pelos militares, que, ao mesmo tempo, diziam que deveriam combatê-las.

S.-chefe- Proibindo! Proibindo! Proibindo! Passando a b
palavrão.
Chefe - Ou no lombo do autor.
S.-chefe- A família será salva!
Chefe - Família ou morte!
S.-chefe- A Pátria amada;
chefe - A moral e Deus!
S.-chefe- Abaixo o biquini;
chefe- Viva Joana D'arc!
S.-chefe- Por que?
chefe- Essa era do cacete! Só andava de armadura.
Sub. Palavrão não é cultural!

Reprodução: Arquivo Nacional.

A incoerência na "defesa dos bons costumes" é atrelada ao discurso religioso, que, na dramaturgia, volta a ganhar força em sua representação. *"Depois que comecei a censurar a peça desse cara, vivo falando palavrão. Até eu, que sou um homem de formação religiosa me deixo influenciar às vezes"*.

Chefe- Os cambaus. Digo, não gosto de tomar droga. Você vê como temos razão de proibir peças com palavrão. Depois que comecei a censurar peça dêsse cara, vivo falando palavrão. Até eu, que sou um homem de formação religiosa me deixo influenciar às vêzes.

Reprodução: Arquivo Nacional.



Renato Consorte e Rolando Boldrin em cena de "Verde que te quero verde". /

Foto: Derly Marques.

Por fim, textos que permeiam a vida do guerrilheiro argentino Ernesto Che Guevara (1928-1967), símbolo da Revolução Cubana, inspiraram Augusto Boal na composição dos atos de *"A Lua Muito Pequena e Caminhada Perigosa"*. A história permeia uma guerrilha, cujo comandante é morto durante um combate. A peça utilizou o Sistema Coringa, uma técnica criada pelo próprio Boal. Nesse modelo, os atores se revezam em todos os papéis quando necessário.

As referências a Guevara são acompanhadas de outras citações à luta armada. Conforme consta no Arquivo Nacional, *"A Lua Muito Pequena e Caminhada Perigosa"* foi a que mais sofreu cortes dentre as presentes na Primeira Feira Paulista de Opinião. Páginas inteiras foram vetadas.

Vale destacar que a década de 1960 também foi marcada pela Guerra Fria (1947-1989), um conflito político-ideológico travado entre Estados Unidos e a antiga

União Soviética (atual Rússia). Embora ambos os países não tenham se enfrentado diretamente, a Guerra Fria foi caracterizada pela polarização do mundo entre os blocos capitalista e socialista. Repetindo outros momentos da história, o Brasil se colocou a favor dos Estados Unidos.

Além do próprio golpe militar, concretizado com a ajuda e respaldo dos americanos, a divisão trazida pelo conflito era expressa especialmente pela cultura — seja pelo “*soft power*” escancarado em estratégias como a Política da Boa Vizinhança²¹ ou da censura a nomes, citações, obras, ou qualquer outro elemento que pudesse fazer alusão ao comunismo.

²¹ Política externa implementada pelos Estados Unidos na América Latina. A estratégia consistia em abandonar a intervenção militar nos países do continente americano e substituí-la pela diplomacia e aproximação cultural.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0616, P.24

Muitos dirão que sou aventureiro e eu o sou: só que de um tipo diferente: o dos que arriscam a pele para demonstrar suas verdades.

Amei-os muito; mas não soube exprimir meu carinho. ~~Seu extremamente rígidos em minhas ações, e creio que às vezes não me entenderam.~~ Agora, uma vontade que polí com deleite de artista sustentará pernas flácidas e pulmões cansados. Lembem-se de vez em quando deste pequeno condottiere do século XX. Um beijo à Célia, ao Roberto, Juan Martin, e um abraço a Beatriz, a todos.

LOCUTOR - Se ~~eu~~ ^{eu} era rico: Ele nunca teve problemas de dinheiro. Porém, preferiu a guerra. Sabia que enfrentava a morte ~~dentro do cálculo das probabilidades.~~ Se assim for, aqui vai o último abraço. E se um dia eu morrer, saibam todos que medi o alcance dos meus atos, e que me considero apenas um soldado no grande exercido do povo.

LOCUTOR - A Humanidade ~~certamente~~ vencerá, porém os soldados mortos não verão o dia da vitória.

Comand-Que importam os perigos e sacrifícios de um homem quando está em jogo o destino da humanidade? Em qualquer lugar que me surpreenda a morte, seja bemvinda: sempre o nosso grito de guerra chegará a um ouvido receptivo, sempre outra mão se estenderá para empunhar nosso fuzil, e sempre outros homens se apressarão a cantar nossos gritos de guerra e de vitória.

Coring-Devemos dizer que sempre nos preocupamos com a possibilidade de que este temperamento, este gesto bem seu de estar sempre presente em todos os momentos de perigo, pudesse conduzi-lo à morte em não importa qual combate. ~~ali aqui -~~

Comand-Nós, num pequeno ponto do mapa do mundo cumprimos o dever que preconizamos e pomos à disposição da luta justa aquele pouco que podemos dar: nossas vidas e nossos sacrifícios.

Coring-~~Ele se caracterizou por sua valentia extraordinária, por um desprezo absoluto do perigo, por fazer no momentos difíceis e perigosos as coisas mais perigosas e difíceis.~~

Comand-Eu me despeço com uma mistura de contentamento e dor. Deixo aqui a parte mais pura das minhas esperanças de construtor. Parto para outras terras que reclamam o concurso dos meus esforços. Aos meus filhos e a minha mulher não deixo nada e não lamento: fico até mesmo contente.

Coring-Tivemos muitas vezes que adotar medidas para protegê-lo e para impedir que se expuzesse em ações de menor importancia.

Reprodução: Arquivo Nacional.

A obra também traz a canção “Tonada de Manuel Rodríguez”, composta por Pablo Neruda (1904-1973) — a quem a peça é dedicada. Hoje, a participação do poeta chileno, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, pode ser encarada como uma metáfora do contexto político que a América do Sul vivia naquele momento. Afinal de contas, o Chile se veria diante de uma ditadura de 1973 até 1990. Foram cerca de 3.200 vítimas, entre mortos e desaparecidos.



Luiz Carlos Arutin, Zandoni Ferrite, Rolando Boldrin e Cecília Thumim Boal em cena de “A Lua Muito Pequena e a Caminhada Perigosa”, de Augusto Boal. / Foto: Derly Marques.

“*Censura derrotada, humilhada*”, comemorou Augusto Boal ao lembrar do enfrentamento diante dos militares em sua autobiografia. A liberação na íntegra da Feira Paulista vem a partir de uma liminar do juiz Sétima Vara da Justiça Federal José Américo Masset Lacombe (1936-). “*Uma obra de arte*”, definiu o magistrado na sentença de liberação. Ao longo da ditadura, Lacombe assinou a “descensura” de inúmeras peças teatrais.

Cecília conta que a repercussão em torno da proibição da Primeira Feira Paulista de Opinião acabou se refletindo no próprio comparecimento do público nos dias que ficou em cartaz. “*O teatro estava sempre lotado por conta da publicidade que se gerou em torno do evento*”.

Apesar disso, os dias que seguiram à liberação da Feira Paulista foram tumultuados. A violência deixa de ser ditada apenas no papel e passa, também, a ser física. Mesmo com a liberação, os censores passam a ser figuras constantes nas apresentações. Os militares deveriam assistir a montagem para, então, verificar se os cortes previamente colocados estavam sendo obedecidos. Nesse sentido, é

curiosa a própria desorganização dos agentes, como mostram documentos no Arquivo Nacional.

Em um parecer de 10 de junho de 1968, por exemplo, a censora Judith de Castro Lima²² relata não ter recebido o documento com todos os cortes previstos, o que impossibilitava a verificação da apresentação. *“De início impossível ordenar o cumprimento dos cortes impostos pela censura de Brasília, determinado no telex no 21h, de 7-6-68, por não ter sido entregue à Turma de Censura de São Paulo, um exemplar da "peça com os cortes”, escreveu. Segundo consta no Arquivo Nacional, a peça seria acompanhada pelos censores ao menos outras três vezes somente em sua primeira semana de exibição.*

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DE SÃO PAULO
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO DE OCORRÊNCIAS DA TURMA DE FISCALIZAÇÃO

~~FISCAL~~ CENSOR AUXILIAR: WILLY DE PAULA TEIXEIRA

LOCAL: TEATRO RUTH ESCOBAR

DATA: 19 DE junho DE 1968 HORA: 21

RELATÓRIO PAG. 3

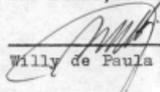
CONTINUAÇÃO DAS PÁGINAS 2

Milionário: Você convidou o Gel. para o jantar ?
Secretária: Sim senhor. Ele virá.
Milionário: Você mandou a caixa de champanhe para o Diretor da Cacex ?
Secretária: Sim senhor.
Milionário: Você providenciou o dinheiro dos Desembargadores ?
Secretária: Sim senhor.
Milionário: Ótimo.

O espetáculo foi encerrado com um quadro em homenagem a Che Guevara, o qual foi tratado apenas como "o comandante". Foi exposta sua vida e filosofia política.- Termina recomendando ao público que o sacrifício do referido indivíduo não tenha sido em vão.

A peça, assim como aquelas intituladas - NAVALHA NA CARNE e RODA VIVA, caracterizam muito bem aquilo que se poderia chamar de prostituição da arte teatral.

À consideração de V. Sa.
São Paulo, 20 de junho de 1968


Willy de Paula Teixeira

Relatório do censor sobre a Primeira Feira Paulista de Opinião. /

Reprodução: Arquivo Nacional.

Não havia trégua para os artistas da Primeira Feira Paulista de Opinião. Na noite do dia 11 de junho — um dia após a inspeção de Judith de Castro Lima —, a

²² Imprecisão sobre as datas de nascimento e/ou eventual morte.

Polícia Federal invade o Teatro Ruth Escobar por ordem de Corrêa de Andrade. No local, o delegado e general João Candido Delfino tentava impedir a venda de ingressos. *“Explicou o general que se levarem a peça em outro teatro, como circularam rumores, além da interdição normal da casa de espetáculos, os responsáveis cometeriam ilícito penal e seriam processados”*, noticiou o jornal *“Cidade de Santos”* na ocasião.

Não seria a única agressão daquela semana. Ao contrário. No dia 15 de junho, os agentes da polícia voltariam ao Teatro Ruth Escobar. O intuito dos 20 militares era vigiar o espaço para impedir a entrada dos atores para que não houvesse a encenação das peças da Feira Paulista. Em meio a isso, nos bastidores, os artistas aguardavam por um encontro com o Ministro da Justiça, Luís Antônio da Gama e Silva (1913-1979), para liberar a peça. Sabendo da situação, cerca de 40²³ artistas do Rio de Janeiro assinam um manifesto em solidariedade ao evento dirigido por Augusto Boal.

A liberação da Feira Paulista por parte de Lacombe desagradava uma parte da ala militar. Uma carta escrita por Raul Lopes Munhoz²⁴, coronel e então diretor-geral em exercício do Departamento de Polícia Federal, provava o descontentamento. Citando a Primeira Feira Paulista de Opinião. No documento, Munhoz pede maior interferência do governo no que chamou de “espetáculos pornográficos e subversivos” e “desprovidos de qualquer mensagem positiva”. Na sequência, argumenta que os eventos não podem ser sustentados a partir da concessão de liminares da Justiça.

Como descrito na carta, é notório que o descontentamento com a liberação das peças teatrais, incluindo a Primeira Feira Paulista de Opinião, ia além da repulsa às obras que eram encenadas pelos artistas. Para Munhoz, as decisões da Justiça

²³ Tônia Carrero, Paulo Autran, Cleyde Yáconis, Norma Bengel, Henriette Morineau, Bárbara Heliodora, Ferreira Gullar, Flávio Rangel, Oduvaldo Viana Filho, José Renato, Flávio Migliaccio, Célia Blar, Maria Pompeu, Jorge Dória, Nádia Maria, Magalhães Graça, Joel Barcellos, Mário Brasini, Cláudio Cavalcanti, João das Neves, Lúcia Alves, Carlo Mossy, Isolda Cresta, Karin Rodrigues, Cecília Carneiro, Emílio di Biasi, Ivan Freitas, Carlos Miranda, Léo Vitor, Maria Esmeralda, Denoy de Oliveira, Pichin Piá, Gracindo Jr, Isabel Ribeiro, Suzana de Moraes, Maria Regina e Maria Lúcia Dahl.

²⁴ Imprecisão sobre as datas de nascimento e/ou eventual morte.

favoráveis aos espetáculos também representavam o “desprestígio do órgão censório” e, por isso, defendia o fortalecimento da repressão.

A correspondência, datada de 09 de outubro de 1968, tinha três cópias. Uma delas foi enviada a Gama e Silva. A segunda ao secretário do Conselho de Segurança Nacional, Jayme Portella de Mello (1911-1984), e a última ao chefe do Centro de Informações do Exército, Adir Fiúza de Castro²⁵.

Em paralelo, o desdém em relação à produção do Teatro de Arena também era verbalizada pelos militares. Questionado por jornalistas se teria assistido à Primeira Feira Paulista de Opinião, o general Sílvio Corrêa de Andrade desconversou. “*Não tenho tempo*”, disse ele.

²⁵ Imprecisão nas datas de nascimento e/ou eventual morte.

CAPÍTULO IV

A efervescência em torno do que era produzido no teatro ia além dos palcos, sendo refletida, também, na imprensa. Mais de 10 jornais e revistas²⁶ deram destaque, ou ao menos citaram a Primeira Feira Paulista de Opinião — da sua estreia à censura e ao conseqüente desagrado por parte dos artistas no tocante à liberação.

Os veículos não tinham suas sedes restritas ao eixo Rio-São Paulo. A Feira foi lembrada, também, em jornais fora das duas capitais, como “*A Tribuna*”, em Santos; no “*Diário de Pernambuco*”, cuja sede se localizava no Recife; e no “*Diário de Notícias*”, no Rio Grande do Sul. Até mesmo publicações focadas em outros segmentos, como o “*Jornal dos Sports*”, no Rio, trataram de noticiar os recentes acontecimentos no Ruth Escobar.

Na capital paulista, a “*Folha de S. Paulo*”, “*Folha da Tarde*” e “*O Estado de S. Paulo*” se sobressaíram na cobertura. “*Eu participei, lembro que era um festival com várias peças de teatro, uma coisa que mobilizou muita gente. Naquela época, o teatro mobilizava principalmente os jovens, o movimento estudantil. Era muito organizado. Lembro que foi um sucesso. Mas é tudo muito vago na memória de quem já está com 80 anos*”, lembra Carlos Alberto Libânio Christo (1944-). Ele tinha 23 anos quando foi fotografado por Derly Marques na foto emblemática que reunia artistas e dramaturgos. “*Não lembro se foi como repórter [da Folha da Tarde] ou não*”.

A dedicação à vida religiosa pelo jovem jornalista — que anos mais tarde passaria a ser conhecido pela junção do título de Frade com o apelido Betto — viria posteriormente. A relação de Frei Betto com o teatro na década de 1960 ia além do trabalho como repórter, editor ou crítico na *Folha da Tarde* — onde passou a trabalhar em 1967. “*Para nós, [pessoas da minha geração], o teatro era*

²⁶ Foram encontradas menções à Primeira Feira Paulista de Opinião no “*Jornal do Brasil*” (RJ), “*O Jornal*” (RJ), “*O Globo*” (RJ), “*Fato Nôvo*”, “*Diário de Notícias*” (RJ), *Diário da Noite* (RJ), “*Jornal O Fluminense*”, “*Jornal do Commercio*” (RJ), “*Correio da Manhã*”, “*Tribuna da Imprensa*” (RJ) e “*Luta Democrática: Um Jornal de Luta Feito por Homens*”. E nas revistas “*Realidade*”, “*Intervalo*” e “*A Cigarra*”.

fundamental. Aquela coisa, sabe, de não podermos perder essa peça, não podemos perder de jeito nenhum. Era uma coisa em que você pensava, que tinha uma coisa de reflexão”, destacou o frade.

19. TEATRO (BOAL): como assistente de direção e crítico de teatro, conheci quase toda a classe teatral paulista. Inclusive Boal, a quem entrevistei por ocasião de montagem de suas peças. Mas jamais tive contato político com eles, pois o artista não se compromete senão com o palco. Muito conhecido, ele é facilmente "queimado". A única atividade política minha no teatro foi apoiar as manifestações contra a censura por ocasião da proibição da "Feira Paulista de Opinião"

Trecho de um depoimento de Frei Betto ao Deops. Nele, diz ter apoiado a manifestação contra a censura da Primeira Feira Paulista de Opinião. / Reprodução: Arquivo Público de São Paulo.

O factual em torno dos acontecimentos que norteavam a Primeira Feira Paulista de Opinião era endossado pelas análises e opiniões de críticos da época, a exemplo do próprio Décio de Almeida Prado no *Estadão*. Esses profissionais eram prestigiados e ajudavam a moldar a opinião pública — e consequentemente levar o interesse — em torno do que era produzido no teatro. O trabalho também era reconhecido pela classe teatral.

“A crítica estava interessada em que existisse o teatro. Nós tínhamos uma sociedade interessada e tão interessada, que depois [o teatro] foi esmagado [pela ditadura]”, ressaltou Zé Celso em entrevista ao programa *“Roda Viva”*, da TV Cultura, em 1988. Mas, se de um lado, parte dos críticos se colocaram a favor da celebração do teatro e contra a censura do regime, de outro, um editorial do *Estadão*, publicado em 11 de junho de 1968, provocou revolta nos artistas.

Intitulado *“A Censura e o Teatro”*, o texto, sem citar diretamente a Primeira Feira Paulista de Opinião, endossava a censura contra as peças. O teor do editorial tinha como base um discurso proferido pelo deputado, radialista e apresentador do programa de TV *“O Céu é o Limite”* (TV Tupi), Aurélio Campos (1914-1981), na Assembleia Legislativa da capital paulista (Alesp).

Na época, o jornal, dirigido por Júlio de Mesquita Filho (1892-1969), classificou a fala de Campos como uma *“oportuna manifestação”* em torno dos

“excessos que se têm verificado em representações teatrais no desrespeito aos mais mezinhos preceitos morais”. Além disso, comparava as apresentações teatrais à pornografia. “Na minha época [de repórter], a *Folha da Tarde* era o único jornal de esquerda e pertencente a uma empresa que tinha na imprensa brasileira. O *Estadão* sempre foi de direita e conservador”, ressaltou Frei Betto.

O editorial, por sua vez, não foi bem recebido pelo próprio Almeida Prado. Com a publicação, ele pede demissão do veículo. “*Eu larguei, porque achei que era uma situação muito difícil para o crítico ficar entre o jornal e a classe teatral*”, disse ao repórter Nelson de Sá²⁷, da *Folha*, em 25 de maio de 1991.

A classe teatral igualmente respondeu à altura, começando pelo próprio Boal, que defendeu que a luta do teatro “*não era pela pornografia, mas, sim, pela liberdade de expressão*”. O Teatro de Arena, por sua vez, divulgou um manifesto conjunto de repúdio ao editorial. “*O editorial, além de justificar e aplaudir os excessos e desmandos da Censura Federal, revela má-fé ao focalizar apenas um aspecto da obra de arte, colocando-a ao nível de uma moral convencional e duvidosa*”, escreveram os artistas.

Em forma de protesto, a classe teatral organizou a devolução do Prêmio Saci, um dos principais do Brasil e que era dado anualmente pelo *Estadão* — responsável por sua criação — aos artistas destaques do teatro e cinema. Até mesmo os que não participaram da Feira Paulista de Opinião, como Fernanda Montenegro (1929-) e Lima Duarte (1930-), aderiram ao ato²⁸.

Jornais da época, como o “*Tribuna da Imprensa*”, no Rio de Janeiro, relataram que tamanha era a indignação dos artistas que eles negariam em “todas as hipóteses” receber o Saci em premiações futuras. Apesar disso, a iniciativa, proposta pelo ator Walmor Chagas (1930-2013), inicialmente dividiu os profissionais. Cacilda Becker, casada com Walmor, chega a visitar a redação do *Estadão* no bairro

²⁷ Trabalha como correspondente do jornal.

²⁸ Completam a lista de artistas que devolveram o Saci Maria Della Costa, Cacilda Becker, Walmor Chagas, Maurice Vaneau, Jorge de Andrade, Gianfrancesco Guarnieri, Augusto Boal, José Celso Martinez Corrêa, Sérgio Mamberti, Odete Lara, Leila Abramo, Sandro Polônio, Flávio Império, Tônia Carrero, Paulo Autran, Flávio Rangel, Ademar Guerra, Fauzi Arap, Liana Duval e ETTY Fraser.

do Limão, na zona norte de São Paulo, para sondar se com a devolução dos prêmios o jornal, em retaliação, deixaria de publicar as matérias a respeito da área teatral. Chagas, em contrapartida, encarava que o retorno da estatueta “iria ferir a vaidade” dos dirigentes do veículo.

O entendimento de que o Estadão estaria incentivando a censura ao teatro também não era unânime entre os próprios membros da classe teatral. Em entrevista à revista “Caros Amigos”, em 1997, Plínio Marcos discordou das críticas ao jornal e da postura dos artistas. “*A classe teatral achava que o Estadão estava defendendo a censura no teatro, o que era mentira, mas ninguém se mancava...Eles achavam e ficavam achando*”, afirmou.

No fim das contas, a devolução do Saci teve ampla aderência. A chuva que caía na capital paulista naquela tarde de 20 de junho de 1968 não impediu a mobilização dos artistas, que foram vistos chegando à sede do jornal paulista pontualmente às 16h00. Ali, colocaram, em frente à redação, a escultura que reproduzia a silhueta do personagem do folclore brasileiro assinada pelo artista ítalo-brasileiro Victor Brecheret (1894-1955).

Outros membros da classe e que por ventura não estavam em São Paulo devolveram o Saci de outras formas — pelos Correios, por exemplo. Os Sacis chegavam, em especial, do Rio de Janeiro. Em seu livro de memórias, “*Prólogo, ato, epílogo*”, Fernanda Montenegro relembrou a devolução. “*Deixamos nossos troféus depositados ali na entrada lateral do prédio [do Estadão]. Os manifestos foram lidos na calçada*”. Embora não tenha integrado o elenco da Primeira Feira Paulista de Opinião, a atriz carioca é uma das personagens que ajudam a compor a história do movimento.

Em 10 de junho de 1968 — apenas um dia antes da publicação do editorial do *Estadão* — Fernanda e o seu marido, o ator e diretor Fernando Torres (1927-2008), estavam em cartaz no Teatro Maria Della Costa com a peça “*O Homem do Princípio ao Fim*”. O espaço, localizado a poucos metros do Teatro Ruth Escobar, era um dos que ajudava a compor a agitação da noite paulistana.

Era sábado, dia em que “*O Homem do Princípio ao Fim*” e a Feira Paulista eram encenadas simultaneamente. A polícia, por determinação de Correia de Andrade, chega ao Ruth Escobar e impede a continuidade da produção dirigida por Boal. A peça, então, foi levada “de qualquer jeito” para o Maria Della Costa, onde foi apresentada durante o intervalo.

O delegado João Candido Delfino²⁹, que comandava a ação, ameaça. Caso a Feira Paulista fosse levada a outro teatro, além da interdição do novo espaço, os responsáveis seriam igualmente processados pelo crime de ilícito penal. Ainda assim, a provocação não intimida os envolvidos na Feira Paulista. Ao contrário disso, Boal, o elenco e integrantes da classe teatral ressaltaram que iriam continuar levando a peça a vários lugares, ainda que ela estivesse proibida.

O momento que culminou na rápida transferência da Feira Paulista para o Teatro Maria Della Costa foi lembrado por Lauro César Muniz, no Cine Denoy de Oliveira. “*Nós fomos invadidos uma ocasião por um grupo que estava disposto a nos agredir. Tivemos que suspender o espetáculo, sair. Havia uma arma entre os caras que invadiram o teatro e nós tivemos que ir para outro lugar. E nós pensamos “fazer o quê? Correr para casa e dormir? Não”. Nós fomos ao Teatro Maria Della Costa, onde estava em cartaz a Fernanda Montenegro. Fomos explicar o que tinha acontecido no Teatro Ruth Escobar, que nós fomos interrompidos de encenar a peça”*.

O evento voltaria a ser alvo dos militares naquela mesma semana. Em 13 de junho, dois dias após a intervenção da PF, uma bomba relógio é encontrada junto de uma viatura que fazia rondas na região da Bela Vista para impedir eventuais manifestações contra a Feira Paulista. As circunstâncias do ocorrido são pouco esclarecidas. O jovem Eduardo Abramovay (1951-), na época com 17 anos, foi preso por suposto envolvimento no caso. Em entrevista à “*Folha de S.Paulo*”, ele, já adulto, relatou que uma pessoa, de quem não lembra o nome, pediu para que ele transportasse as bombas dentro de um embrulho até o teatro. Na sequência, alguém iria procurá-lo para recebê-la.

²⁹ Imprecisão nas datas de nascimento e/ou eventual morte.

“Eu sabia que era coquetel molotov. Mas era muito moço, coloquei lá no carro, sem me preocupar em esconder direito”, disse ao jornal. Mas, ao chegar ao teatro, os policiais, então, olharam dentro do veículo e viram o pacote. Quando desceu, foi enquadrado. “Não deu outra. Fui parar no Dops [Departamento de Ordem Política e Social]”, declarou. Na época, os agentes divulgaram que a bomba havia sido colocada ao lado do pneu direito da perua da Polícia Federal. Abramovay negou a versão à “Folha”. “Isso não aconteceu”.

O jovem ficou preso até o dia 4 de julho, quando o Superior Tribunal Militar o concedeu um habeas corpus. *“Não cheguei a ser torturado, mas apanhei. Levei uns tapas e socos no Dops”, relatou. A liberdade durou cerca de dois meses livre, quando foi novamente detido e encaminhado ao Presídio Tiradentes. Antes que fosse julgado, conseguiu outra vez uma liberdade provisória. “A minha família foi avisada que eu seria condenado, e, então, decidi mudar de país”. Morou no Uruguai, na França, no Chile e novamente na França antes de voltar ao Brasil em 1976. O retorno se deu no cenário em que já não tinha chances de ser preso, já que havia sido condenado a três anos e meio de prisão.*

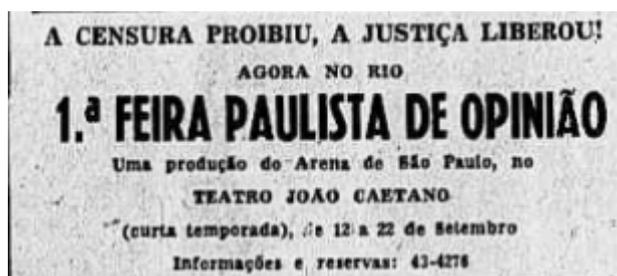
CAPÍTULO V

Em 11 de agosto de 1968, o Teatro Ruth Escobar sofre um novo atentado. Ampolas de gás lacrimogêneo foram lançadas nas escadarias e banheiros da sala Gil Vicente, em meio ao público, enquanto a Feira Paulista era encenada.

A substância se espalhou pelo espaço, de modo que a segunda sessão do espetáculo, que aconteceria na mesma noite, foi suspensa. Conforme noticiado pelos jornais da época, os bombeiros que atendiam à ocorrência abriram portas e quebraram vidros das janelas para facilitar a circulação do ar.

Como das outras vezes, os sucessivos ataques não desmotivam o Teatro de Arena a seguir com o espetáculo. Ao contrário, após três meses em cartaz na capital, a Primeira Feira Paulista segue para Santos, onde teria uma apresentação única no dia 21 de agosto de 1968 no Teatro Coliseu. Em seguida, foi para o Rio de Janeiro.

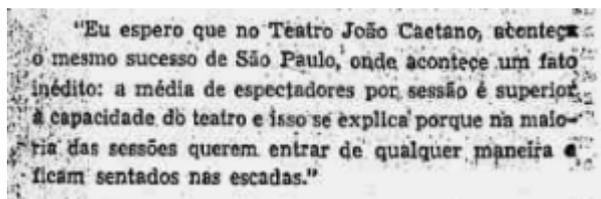
A montagem na capital fluminense, com o total de duas horas, se daria no Teatro João Caetano, dos dias 12 a 22 de setembro, às 21h30. O deslocamento fez com que jornais chegassem a renomear o espetáculo para “Primeira Feira Carioca de Opinião”. O nome original, no entanto, foi mantido no fim das contas.



Reprodução: Correio da Manhã.

A saída da capital paulista para a fluminense antecipava o desejo de deslocamento que Augusto Boal planejava dar ao espetáculo. Depois de Santos, e da antiga capital federal, o dramaturgo pretendia levar o espetáculo para outros países, tanto da América Latina quanto de outros continentes.

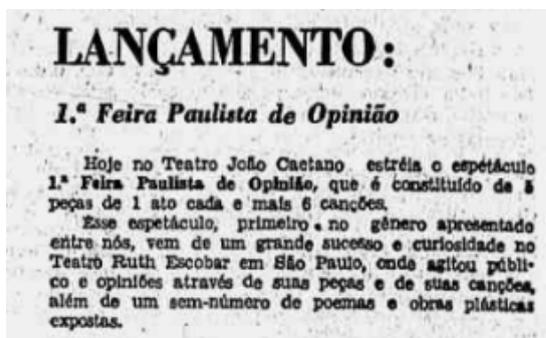
A montagem no Teatro João Caetano seguiu a ideia original do que fora apresentado no Ruth Escobar. Pequenos ajustes foram feitos. A apresentação, por exemplo, foi reduzida para cinco peças ao invés de seis, como no Ruth Escobar. Permaneceram “O Líder”, “É Tua a História Contada?”, “Verde que te Quero Verde”, “Animália” e “A Lua Muito Pequena e a Caminhada Perigosa”. O mesmo valeu para a música, com a permanência de “Tema”, “Enquanto seu Lobo não Vem”, “Espiral” e “Miserere Nobis” e “Meu Brasil Brasileiro”.



“Eu espero que no Teatro João Caetano, aconteça o mesmo sucesso de São Paulo, onde acontece um fato inédito: a média de espectadores por sessão é superior à capacidade do teatro e isso se explica porque na maioria das sessões querem entrar de qualquer maneira e ficam sentados nas escadas.”

Augusto Boal comenta expectativa em torno da montagem da Feira Paulista no Rio. / Reprodução: Correio da Manhã.

O desembarque da peça no Rio foi destaque entre repórteres e críticos dos jornais cariocas. “*Ele incrivelmente não está nesta porcaria de Wikipédia*”, diz Ruy Castro (1948-) sobre Van Jafa, crítico que atuou no *Correio da Manhã*. O escritor, jornalista e imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) trabalhou com o baiano no período em que o periódico — extinto em 1974 — ocupava o posto de um dos mais prestigiados do Brasil. “*O Correio era o jornal mais importante do país, lido nacionalmente, e seus críticos [Jafa no teatro, Moniz Vianna (1924-2009) no cinema, Eurico Nogueira França (1913-1992) na música erudita] eram vozes mais do que respeitadas*”, lembra Castro.



LANÇAMENTO:
1.ª Feira Paulista de Opinião

Hoje no Teatro João Caetano, estréia o espetáculo 1.ª Feira Paulista de Opinião, que é constituído de 5 peças de 1 ato cada e mais 8 canções.

Esse espetáculo, primeiro no gênero apresentado entre nós, vem de um grande sucesso e curiosidade no Teatro Ruth Escobar em São Paulo, onde agitou público e opiniões através de suas peças e de suas canções, além de um sem-número de poemas e obras plásticas expostas.

Texto de Van Jafa sobre a chegada da Feira Paulista ao Rio / Reprodução: Correio da Manhã.

Em suas críticas, Jafa, mais do que analisar a Feira de seu ponto de vista técnico e estético, descrevia o cenário em que a censura era uma realidade para os artistas. Na mesma linha, Jafa tecia críticas ao regime militar a meses da instauração do AI-5. *“O governo não se dá conta de que ao teatro que tenta pisotear, submetendo-o aos garrotes de uma censura vesga, está mais é passando-lhe um atestado de vitalidade e eficácia. Mais um sintoma do medo que se apossa do governo”*.

Van Jafa era, na verdade, um pseudônimo. Alguns de seus textos são assinados com as iniciais V.F. O seu nome verdadeiro não é de conhecimento do próprio Ruy. *“Sempre super bem vestido, belas gravatas e camisas. Jafa era careta escrevendo, mas engraçadíssimo na vida real. Era o nosso Noël Coward, pelas tiradas espirituosas. Delicioso conversar com ele”*, lembrou.

Castro calcula que Van Jafa tenha nascido por volta da década de 30. Já a morte teria sido em torno dos anos 1980. *“Não sei com quem ficou sua fabulosa coleção de vinis de trilhas sonoras da Broadway --- talvez com um dos rapazes também muito fortes que ele apresentava como ‘Aqui, o Tabajara, meu afilhado!’”*.

A exibição da Feira Paulista, ainda sob mandado de segurança, é garantida por Boal durante a temporada de 10 dias. Nesse período, o *“Jornal do Brasil”* chega a relatar um episódio de censura contra o evento, inclusive, na televisão — mais especificamente na TV Excelsior³⁰.

A emissora transmitia uma entrevista do ator José Serber³¹, que integrou o elenco da Feira Paulista em sua montagem no Rio. A conversa, no entanto, é tirada de exibição ainda enquanto estava no ar. *“Anteontem, o programa Gente Importante, da TV Excelsior, foi posto fora do ar quando o ator José Serber, do elenco da peça, falava sobre a censura, suas implicações e incoerências”*, noticiou o JB.

³⁰ A TV Excelsior encerrou as atividades em 30 de setembro de 1970, após não ter a sua concessão renovada pelo ex-presidente Emílio Garrastazu Médici. O general alegou conflitos ideológicos e o não pagamento de dívidas por parte da emissora.

³¹ Imprecisão nas datas de nascimento e/ou eventual morte.

Outro triste episódio de terrorismo de estado, ocorrido em 22 de agosto, demonstra a importância que as forças repressoras davam à Feira, agora na sua versão carioca. A dois dias do fim da temporada, uma granada foi encontrada por um espectador que a tinha sob os pés durante a apresentação. Como esperado, a presença do artefato causou tumulto na plateia, provocando a interrupção da peça.

O item não explodiu por estar defeituoso e sem o pino de segurança — o que poderia ter acontecido caso o item tivesse sido arremessado com mais força. *“Felizmente, made in Brazil, não explodiu...mas imaginem se fosse tchecoslovaca?! A granada foi fotografada e a foto, divulgada pelos jornais com a face que expunha seu número e origem: a Marinha Nacional”*, ironizou Boal.

A granada foi confiscada e entregue ao bombeiro de serviço pelo sonoplasta da Feira Paulista. Agentes do DOPS e da 4ª Delegacia Distrital foram chamados ao teatro, onde estiveram também representantes da perícia. Sem se intimidar com o ocorrido, o Teatro de Arena retorna ao palco e a apresentação, então, é retomada. *“Nós tínhamos medo, mas apresentávamos a Feira apesar dos riscos”*, ressalta Cecilia Boal.

A temporada da Feira Paulista no Rio de Janeiro se encerrou oficialmente em 22 de setembro de 1968. O ato final foi um jantar do elenco no Restaurante Sumaré³², conforme noticiado pelo jornal *“O Fluminense”*. A partir disso, a peça retornaria a São Paulo.

Inicialmente, não era a despedida definitiva para a capital fluminense. Boal planejava que a Feira retornasse em janeiro de 1969. Uma nova nomenclatura seria adotada para o evento, que passaria a se chamar Feira Latino-Americana de Opinião. A nova montagem visava também incorporar o trabalho de dramaturgos inicialmente não convidados, como Alfredo Dias Gomes (1922-1999). Outro nome cotado era o de Pablo Neruda. O convite foi aceito pelo poeta chileno ali mesmo no Teatro João Caetano durante passagem pelo Rio de Janeiro.

³² Não foram encontradas referências do estabelecimento.

● Depois de ver no João Caetano a **I Feira Paulista de Opinião**, o poeta Pablo Neruda foi levado na madrugada de terça-feira a comer camarões graúdos e apimentados na Barra da Tijuca. O poeta sentiu no paladar o gosto do inferno, de que a malagueta foi a amostra. Mas gostou.

Reprodução: Jornal do Brasil.

Os planos de uma nova exibição, no entanto, foram interrompidos a partir da publicação do AI-5³³, em 13 de dezembro de 1968. A medida teve como principal consequência o recrudescimento da censura, que sufocou, ainda mais, as produções culturais. *“O teatro foi praticamente morto durante um bom tempo. Só podíamos fazer pecinhas muito leves, peças de brincadeira, peças de comédia simples, de triângulo amoroso. Não podíamos fazer nada, absolutamente nada, que tivesse algum cunho político”*, destacou Lauro César Muniz. A censura só acabaria formalmente a partir da restauração da democracia, em 1985.

³³ Além do ex-presidente Costa e Silva, assinaram o documento o ex-ministro da Justiça, Luís Antônio da Gama e Silva, Augusto Rademaker, Aurélio de Lima Tavares, José de Magalhães Pinto, Antônio Delfim Netto, Mário Andreazza, Tarso Dutra, Ivo Arzua Pereira, Jarbas Passarinho, Leonel Tavares Miranda de Albuquerque, Márcio de Sousa Melo, José Costa Cavalcanti, Edmundo Marcelo Soares e Silva, Hélio Beltrão, Afonso Augusto de Albuquerque Lima e Carlos Furtado de Simas.

CAPÍTULO VI

Apesar de sua importância histórica, A Primeira Feira Paulista de Opinião ficou apagada da memória coletiva nas décadas posteriores a sua realização. É um contraste, por exemplo, ao Festival de Música Popular Brasileira, exibido na “TV Record” apenas um ano antes.

Claro que existem diferenças notórias entre os dois momentos. A começar pelo próprio meio de divulgação. Chico Buarque, Caetano Veloso, Elis Regina (1945-1982), Nara Leão (1942-1989) e outros cantores e cantoras que se apresentaram no Festival foram beneficiados pelo alcance e estrutura da televisão. Como já mencionado anteriormente, a Primeira Feira Paulista de Opinião, por se tratar de um evento independente, conta apenas com registros fotográficos. Além disso, tinha como carro chefe o teatro — que, inegavelmente, tem um alcance popular menor do que a música.

De todo modo, é inegável a importância histórica da Feira Paulista. Desconhecida por muitos e pouco lembrada até por historiadores e críticos, não é exagero dizer que foi um dos eventos culturais mais importantes realizados no Brasil durante aquele período repressivo. Nas palavras de Lauro César Muniz, “*um movimento de rebelião*”. Afinal, todos os seus desdobramentos configuram uma verdadeira pedagogia de afronta e ruptura contra o regime civil-militar, tendo a linguagem teatral (e suas múltiplas interfaces) como pano de fundo.

Embora seja um evento concebido em 1968, podemos identificar elementos que conectam o passado ao presente ao tratarmos da Primeira Feira Paulista de Opinião. Ao mesmo tempo, a própria cultura — em seu termo mais amplo — se modificou desde então.

Aspectos que já se mostravam presentes na realidade na década de 1960, como a Indústria Cultural, hoje fazem parte das raízes da cultura de massas produzida no Brasil, como aponta Sérgio de Carvalho. “*A cultura do período antes do golpe, e depois do golpe, era uma cultura majoritariamente politizada. Isso mudou dos anos 80 e 90 para cá. Só recentemente, de 2013 para cá, que voltamos*

a ter uma cultura política forte no país. Ao mesmo tempo, é uma cultura politizada, mas não necessariamente anticapitalista". Para Carvalho, a cultura politizada ressurgiu em manifestações propostas pelo Movimento Social, por exemplo.

Ainda assim, é preciso ressaltar que mais de 30 anos após o fim formal da ditadura civil-militar no Brasil, o país não discutiu à altura as sequelas deixadas pelos anos de chumbo — ao contrário de países vizinhos, como Chile e Argentina. Não há perspectiva a curto prazo, sobretudo por parte do governo. A anistia dada aos presos políticos em 1979, e que permitiu o retorno dos exilados, também se estendeu aos próprios militares, que foram absolvidos de eventuais condenações.

As mobilizações aqui existentes, e que questionam o posicionamento governamental na época se atribuem, em geral, a instituições ligadas à sociedade civil, como o Instituto Vladimir Herzog. As mobilizações, no entanto, ainda não atingiram a magnitude que deveriam.

A não discussão do que foi a ditadura quando consideramos o ponto de vista governamental tem consequências graves. A começar pela disseminação de correntes que defendem, e ironicamente protestam, pela volta desse tipo de regime. Também reverbera nos novos nomes que surgem e ganham visibilidade na política. Afinal, a ditadura se tornou tema de saudosismo para representantes da direita e extrema-direita.

Não à toa a democracia foi questionada mais de uma vez e simbolicamente agredida em episódios como a tentativa de golpe de estado de 8 de Janeiro de 2023³⁴ e no dia 13 de novembro de 2024, quando o catarinense Francisco Wanderley Luiz encabeçou um atentado contra o Supremo Tribunal Federal (STF). Em outro episódio, no dia 19 de novembro de 2024, a Polícia Federal desencadeou uma operação contra um grupo, pró Bolsonaro, que planejou matar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o vice, Geraldo Alckmin. O objetivo era extinguir a possibilidade de um golpe de Estado eliminando a chapa presidencial vencedora.

³⁴ Série de vandalismos e invasões cometidos por uma multidão de bolsonaristas extremistas que invadiu edifícios do governo federal em Brasília com o objetivo de instigar um golpe militar contra o presidente Lula.

Para além, também há a discussão em torno da PEC da Anistia, que pode tornar Jair Bolsonaro elegível para concorrer à Presidência novamente em 2026. O ex-presidente havia sido condenado, e tornado inelegível por prática de abuso de poder político e uso indevido dos meios de comunicação durante reunião realizada no Palácio da Alvorada com embaixadores estrangeiros no dia 18 de julho de 2022.

Nesse cenário, a ideia sobre o que teria sido de fato o regime civil-militar parece nunca ter sido tão banalizada quanto nos últimos anos, principalmente sob a gestão Bolsonaro. Um imaginário de resgate da ditadura foi de fato glorificado por amplo espectro da direita bolsonarista. Em muitas manifestações não raro saem às ruas com cartazes, bandeiras e gritos de guerra em pró de um período que até hoje não teve todos os seus acontecimentos e mortes esclarecidas.



Reprodução: G1.

O legado que a Primeira Feira Paulista de Opinião deixa para o Brasil após os anos 2000 é o de como a arte é um espaço que propicia o debate de novas ideias e projetos de país. Nas palavras de Frei Betto, soma-se ainda a resistência à ditadura. “A Feira se somou com outras atividades promovidas por nós de não aceitar a censura”, afirmou. Para Carvalho, a Feira Paulista de Opinião pode ser encarada

como a peça mais importante daquele momento. *“Ela estava tentando abrir caminhos e trazer novas propostas ao teatro”*, destacou.

Ressalta-se que poucas pessoas que vivenciaram o evento em sua plenitude estão vivas, o que nos remete novamente à importância de conhecer e não deixar que as suas participações no meio cultural sejam esquecidas. O esquecimento, como já mencionado, tem consequências graves.

Hoje, quem caminha pelo bairro Vila Industrial, na zona leste de São Paulo, se depara com a rua Silvio Correia de Andrade. Esse é apenas um dos inúmeros exemplos de espaços nomeados com nomes que fazem alusão a, não apenas os militares, mas figuras questionáveis da história do país — como os bandeirantes, por exemplo. Ao mesmo tempo, Zé Celso, que reivindicou por anos a criação de um parque em um terreno — que pertenceu por mais de 40 anos ao Grupo Silvio Santos — ao lado do Teatro Oficina, corre o risco de ter seu nome vetado (por políticos reacionários) para dar seu nome ao parque pelo qual tanto lutou.

ANEXOS

O dossiê que detalha a censura à Primeira Feira Paulista de Opinião está disponível no Arquivo Nacional. O documento, que conta com 132 páginas, destaca os pontos censurados pelos militares, bem como a comunicação dos censores no período. Vários dos arquivos que compõem o acervo foram classificados como confidenciais no período, só ficando disponíveis para consulta pública a partir de 2018.

“O Líder” (Lauro César Muniz)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P. 50

49 2

2. Sôbre un anteparo projeta-se:

PROJEÇÃO I - A estória do líder Joaquim Romão é verdadeira. Romão vive na praia de Tabatinga, perto da divisa entre Ubatuba e Caraguatatuba, litorãl norte do Estado de S.Paulo. É uma estória simples, mas exemplificada na sua pureza, o que pode acontecer, quando há abuso de autoridade.

PROJEÇÃO II - A praia de Tabatinga tem ___ habitantes, sendo que ___ por cento da população é produtiva, vive da pesca e da lavoura rudementar. Moram em palhoças miseráveis de pau a pique, configurando os índices mais chocantes de sub-desenvolvimento.

x x x

Foco de luz nos planos central e da direita. Romão ao centro ladeado por dois soldados. Na escrivaninha o INQUIRIDOR.

Romão- Eu não fiz nada!

Inquir- Seu nome.

Romão - Eu não fiz nada, doutor! Sou homem de bem, todo mundo sabe, pergunta pra quem quizer. Eu tava na minha casa, chegaram os soldados de Ubatuba, dando tiro, atôa... Nem sei porque...

Inquir.- Seu nome

Romão- Atiraram pra todos os lados, açonbraram a meninada, fazendo todo mundo fugir que men loco...

Inqui.- Seu nome!

Romão - Mas eu num fiz nada, doutor! Deve de ter engano... Num roubei ninguem, sou roceiro, pescador, vivo do meu trabalho. Entraram na minha casa disparando tiro, pincharam a janela por riba, fizeram uma avaria que até nem sei... Depois me carregaram em seis! Seis homens me pegaram e botaram no carro. Num deixaram eu falá num deixaram nada...

Inquir.- (GRITANDO) Qual é o seu nome?

Romão - Minha muié, meus filhos ficaram na praia sen saber pra onde me carregaram. Tem dois dias que a gente tá rodando de un laão pra outro, ninguem me escuta nem fe falam por que me fizeram isso...

Inquir.- Seu nome! (ESMURRANDO A MESA. DEPOIS, CONTROLANDO-SE) Vamos devagar e com ordem! qual é o seu nome?

Romão - Joaquim Romão do Nascimento.

Inquir.- Estado Civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, P. 54

50

3.
 Inquir.-Estado civil! (UM TEMPO) casado ou solteiro?
 Romão - Sou casado e tenho cinco filhos...
 Inquir.-Responda apenas aos quesitos! (OLHA PARA UM PAPEL) tem filhos?
 Romão - Tenho cinco filhos...
 Inquir.-(SEGUINDO OS QUESITOS) Natural de...(UM TEMPO) onde nasceu?
 Romão - Perto de São Sebastião.
 Inquir.- Dia, mês e ano.
 Romão - É dia 12 de fevereiro...ano não sei não...
 Inquir.-Quantos anos você tem?
 Romão - Uns quarenta...
 Inquir.-Profissão.
 Romão - Sou pescador e trabalhá na roça...
 Inquir.-Pra quem trabalha?
 Romão - Pra quem precisa. Em tempo de carregá banana eu vou com os caninhão pro bananal e ganho a diária. Noutros tempos eu faço a plantação de mandioca pra gente fazer a farinha do pirão. As vezes vou pro mar com alguma canôa e as vezes...
 Inquir.- Está bem. Sabe ler e escrever, não é?
 Romão - Sim senhor.
 Inquir.-(EXIBINDO) Este livro é seu?
 Romão - É meu sim senhor.
 Inquir.-(EXIBINDO) E esta espingarda?
 Romão - É a minha "garrincha".
 Inquir.-(VOLTA AOS QUESITOS) O senhor se declara culpado ou inocente.
 Romão - De que?
 Inquir.-Ora, seu Romão vamos deixar de brincadeira! Eu não tenho tempo a perder. Tenho que interrogar mais dezessete pessoas ainda hoje, ~~sem esse calor dos infernos...~~(ENXUGA A TESTA) O senhor se declara culpado ou inocente?
 Romão - Mas doutor... Num sei de culpa nenhuma...
 Inquir.-(VAGAROSO) Tenho aqui um relatório ~~de três lausa datilografadas~~, assinado pelo doutor delegado de Ubatuba e mais seis testemunhas, ~~dando conta de suas atividades na praia de Tabatinga.~~
 Romão - Ah! O delegado de Ubatuba! Foi ele que me mandou pra cá?
 Inquir.-~~Os motivos são claros e explicitos nesse relatório.~~Consta inclusive seus antecedentes penais.(CONSULTANDO O RELATÓRIO) O senhor esteve preso na delegacia de Ubatuba, há dois meses atrás.. nos dias... ahn...14,15 e 16 de Fevereiro próximo passado...
 Romão - Ele num podia me prender, seu doutor! Num podia! Eu era inspetor da praia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, P.52

(51) (B)

4. Inquir. - Era o que?

Romão - (COM DESTAQUE) Inspetor de quarteirão da praia de Tabatinga!
(A LUZ CAI SÓBRE O PLANO DA DIREITA, FICANDO ~~XX~~ APENAS UM FOCO SÓBRE ROMÃO, NO PLANO CENTRAL).

Romão - ~~Essa vez que tem briga na Tabatinga, eu sou chamado pra resolver a questão.~~ Lá na praia num tem delegacia, então quem dá os castigos pros culpados sou eu mesmo. Todo mundo obedece o que eu mando, e na praia tem sempre muita ordem.
(A LUZ RETORNA SÓBRE O PLANO DA ESQUERDA, REVELANDO DOIS HOMENS CERDADOS POR VÁRIOS OUTROS. UM DELS TEM A CABEÇA ENFAIXADA. ROMÃO NO PLANO CENTRAL MAIS ELEVADO, DIRIGE-SE AO GRUPO DO PLANO DA ESQUERDA)

Romão - Então Zé Maria, o que é que houve?

Zé Mar. (O ENFAIXADO) Ele me deu uma porraça. Me abriu uma brecha aqui.

Bastião - Ele me roubou!

+ Zé Mar. - Roubei não!

Bastião - Roubou, tá todo mundo de prova!

Romão - Pera aí Bastião, O que foi que o Zé Maria roubou?

Zé Mar. - Num Roubei nada...

Romão - Espera Zé Maria! Um por vez. Fala Bastião!

Bastião - Ele me roubou! A gente tem acôrdo de meia, já vai fazer ano...
Desde que eu peguei maleita. Num podia trabalhar, fiz acôrdo de meia com ele... Eu dou a canoa, ele pesca... Comprei a canoa com sacrifício. Comprei queise nova...

Zé Mar. - A canoa, tá do mesmo jeito que tava quando comecei trabalhar com ela.

Romão - Fala um por vez! Bastião!

Bastião - Acôrdo de meia, em toda parte é uma coisa só: ele tem que me dar metade da pesca... (AOS DEMAIS) Alguem conhece acôrdo de meia diferente?

Romão - Acôrdo de meia, é acôrdo de meia... metade, metade...

Bastião - A meia dele é diferente... num me pagava a metade da pesca, pagava menos... fui saber quando ele recebia lá no entreposto de Ubatuba e...

Zé Mari. - Foi uma vez só, Romão... uma vez só...

Bastião - É roubo!

Zé Mar. - Foi pouca a diferença... eu ia interá depois...

Bastião - Quero meu dinheiro agora!

Zé mar. - Mas como é que eu vou cagar? Num tenho...

Bastião - Arruma! Eu vivo de meia, num tenho otros ganho, Tenho só essa canoinha... num sou nenhum "armador" que tem uma frota em cada praia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0636, P.53

- 5..
- ZéMar.-Eu tava precisando do dinheiro, Romão...A mulhé tava de barriga, você sabe...
- Bastião-Eu nun tenho nada a ver com isso...Si num qué a mulhé barriguda, vigia ela...(RI)
- ZéMar.- (EXPLODINDO) Engole isso! (ATIRANDO-SE CONTRA BASTIÃO. OS ASSISTENTES APARTAM, SEGURANDO OS DOIS.)
- ZéMar.- (GRITANDO) Vagabundo! Vagabundo! X Você só bebe e dorme enquanto eu trabalho pra você! Vagabundo! Vagabundo!
- Romão - (IMPERATIVO) Chega! Chega!!! (OS DOIS DOMINADOS DIANTE DE ROMÃO)
- Romão- (ENERGICO) Eu nun quero mais saber de briga! Vocês tão se portando que nen dois arruaaceiros! Eu tô querendo resolvê tudo dentro da ordem!
- Bastião - Ele é ladrão!
- Romão - Cala a boca e me escuta! (PAUSA BREVE RETOMANDO COM SEGURANÇA)
- Eu aqui sou inspetor! ~~Quem resolve tudo sou eu! Num quero mais saber de briga nem de bata boca!~~ Eu sempre resolvi tudo na praia, sem arruaça...Mas jé que vocês num qué resolvê por vem, a gente vai resolvê por mal...(A UM DOS HOMENS QUE ASSISTE) Bento, me tra a "garrincha" e corda de amarração (SAI O HOMEN)
- ~~Faz muito tempo que eu sou inspetor. Poucas vezes tive que apelar pro Dr. Tomaz, delegado de Ubatuba. Num gosto de botar ninguém na cadeia! Mas agora num tem outro jeito... Eu vou levar os dois pra delegacia de Ubatuba. E lá é o dr. Tomaz que vai resolver! E ele num tem dó de ninguém...Fica sabendo, Bastião, que as pancada que você deu na cabeça do Zé Maria, pode também dar cadeia. O último que eu levei lá, ficou mais do que trancado~~
- (VOLTA O HOMEN COM UMA CORDA E UMA ESPINGARDA NA MÃO ENTREGANDO A ROMÃO)
- Romão- (PARA O HOMEN) Anarra os dois com as mão pra traz! (O HOMEN OBEDECE) Daqui lá, a gente tem que andar calado...Se vocês num obedecer as minhas ordens, vão comer fogo!(ROMÃO DE ARMA EM PUNHO NO PLANO CENTRAL.OS DOIS PRESOS, NO PLANO MAIS BAIXO, COM AS MÃOS PARA TRAZ, AMARRADAS NA EXTREMIDADES DA MESMA CORDA. A CORDA É SEGURA AO MEIO POR ROMÃO, COMO SE FOSSE UMA RÉDEA. OS DOIS PRESOS ESTÃO COLOCADOS COMO PARELHA DE ANIMAIS NA CARROÇA)
- Romão - Que isso sirva de lição pra todo mundo!
- (ROMÃO EM ATITUDE ALTIMA, TENDO NAS PONTAS DA CORDA OS DOIS PRESOS.SAEM OS DEMAIS ASSISTENTES. A LUZ CAI, FICANDO APENAS UM FOCC SOBRE ROMÃO E SEUS PRESOS, QUE SE MANTEM IMÓVEIS, ENQUANTO ROMÃO FALA:)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P. 54

(53) 2

6...

Romão- Não que seja meu costume, legar todo mundo amarrado pra delegacia. ~~A maior parte dos casos são brigas atã. Basta a gente passar um pito que tá tudo resolvido. Mas dessa vez, pra falá verdade, eu num sabia resolvê a questão. Coisa de acôrdo de meia entre armador e pescador, não é pro meu entendimento.~~ Quando um pescador tem precisão e rouba do armador, êle tá errado?(LUZ SOBRE O PLANO DA ESQUERDA, NOVAMENTE, ONDE AGORA ESTA PREPARADO O AMBIENTE DA DELEGACIA DE URATUBA. ROMÃO E OS DOIS PESCADORES AMARRADOS, NA MESMA POSIÇÃO ANTERIOR. DIANTE DOS TRÊS, O DELEGADO.)

Romão- Pois foi isso, doutor... O Zé Maria roubou do acôrdo da meia, e o Bastião quebrou a cabeça dêle com um porrete.)

Deleg.- (GRAVE) Antes de mais nada, vamos desamararr os dois! (AO CABO) Cabo! Solte os homens! (O CABO OBEDECE. O DELEGADO PEGA A PONTA DA CORDA)

Deleg.- Que é isso? Sangue?

Bastião- A corda arranhou minha mão.

Deleg.- (A ZÉ MARIA) E a sua?

Zé Maria- Não doutor... Eu tenho calo na mão. Eu trabalho.

Deleg.- (AO CABO) Leva os dois pra dentro!

(O CABO SAI CONDUZINDO OS DOIS)

Deleg.- (A ROMÃO) Me dê a sua arma! (RECEBE A ESPINGARDA) Então o senhor fez a proeza de trazer os dois briguintes amarrados de Tabatinga até aqui, numa caminhada só?

Romão- Num tinha outro jeito, doutor...

Deleg.- Deixe-me ver as suas credenciais!

Romão- Como?

Deleg.- Suas credenciais! O senhor não se apresentou como inspetor de quarteirão?

Romão - Eu sou o inspetor.

Deleg.- Se o senhor é inspetor, o senhor tem credenciais!

Romão - Num preciso documento pra ser inspetor. Todo mundo já sabe. ~~O Dr. Tomaz sempre recebia os presos que eu trazia. Onde está o Dr. Tomaz?~~

Deleg.- O Dr. Tomaz foi renovido. A única autoridade aqui sou eu! E pelo que me consta, ninguém mais está autorizado a exercer funções policiais em toda essa comarca!

Romão - Mas doutor...

Deleg.- O senhor interferiu em um conflito de terceiros e puniu os transgressores, sem estar habilitado para isso

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0686, P. 55

(54) ②

7...

Romão.-Mas Doutor... eu... sempre...

Deleg.- (INTERCEPTANDO, ENÉRGICO) Além disso empregou método barbaresco de tortura! (TOMANDO A CORDA E ENROLANDA) O senhor caminhou com os dois desde Tabatinga até aqui, como se eles fossem animais! Um deles está ferido... Como se não bastasse isso, ainda portava uma arma de fogo! (VOLTA O CABO)

~~XXXX~~
Romão.- Ela tá enfiçada, num funciona. Era só pra garantir os presos... Eu sempre trouxe os arruaceiros assim pro Dr. Tomaz...

Deleg.-Qual é seu nome, mesmo?

Romão.-Romão...Joaquim Romão.

Deleg.-Cabo! Leve o seu Romão para uma cela!

Romão.- (DEPOIS DE BREVE PAUSO, PÉRPLEJO) O senhor não pode fazer isso comigo!

Deleg.-A cela do meio, entre os dois briguetos!

Romão.-Eu sou inspetor!

Deleg.-Não quero mais saber dessa conversa!

(O CABO SEGURA ROMÃO QUE SE DEBATE)

Deleg.-Não tente resistir, senão as coisas se complicam ainda mais!

(ROMÃO É LEVADO PARA DENTRO)

Deleg.-Você precisa aprender a obedecer, antes de mandar!

(CAI A LUZ, FICANDO APENAS UM FOCO SOBRE O DELEGADO, AINDA NO PLANO DA ESQUERDA:)

Deleg.-Nuna sociedade organizada, cada pessoa tem a sua função bem estabelecida. A função do aparelho policial é manter a ordem pública. A função dos cidadãos é obedecer ao comando. Quando todo mundo começa a mandar, é sintoma de que há uma crise séria de autoridade! Onde vamos parar, se cada cidadão resolver fazer justiça por conta própria? A causa de coisas como essa, é o excesso de liberdade que há nesse país. Excesso de liberdade gera anarquia! precisamos de menos liberdade e mais disciplina! (A LUZ RETORNA NO PLANO DE ESQUERDA. Junto ao delegadox ESTA O DR. TOMAZ)

Deleg.- (A TOMAZ) Romão deve ser punido! Ele cometeu excessos em nome de uma falsa autoridade! (OUVE-SE UM ZUM:ZUM DE PESSOAS FORA)

Tomaz.- É preciso soltar o Romão.

Deleg.-Por causa dessa gente que está aí fora? Impossível Dr. Tomaz!

Se eles continuarem com essa barulheira, meto todo mundo no xadrez

Tomaz.- (SEM SE ALTERAR) Não é um pedido, delegado. É uma ordem!

Deleg.-De quem

Tomaz.- (CALMO) Do seu superior.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0816, P.56

- 8..
- Deleg.- O dr. Furtado?
- Tomaz.- Não é mais ele o seu superior...
- Deleg.- Não?!
- Tomaz.- Ele foi promovido.
- Deleg.- Quem é então?
- Tomaz.- (MUITO SIMPLEMENTE) Eu...
- Deleg.- (PAUSA. O DELEGADO PERDE A ALTIVEZ) O senhor?...eu não sabia...
- Tomaz.-Eu lhe devia ter mandado uma comunicação, mas achei melhor vir pessoalmente devido a êsse caso da prisão do Romão
- Deleg.- (DÓCIL) Pois não...Cabo! Solte o Romão!
(CABO SE RETIRA)
- Tomaz.-Tôda essa gente que está aí fora a ~~espera de que você o solte,~~ prova como ele é popular na sua praia.É um líder, ~~um verdadeiro~~ líder dos lavradores e pescadores. Foi justamente, por ele ter esta capacidade de liderança, que eu o nomeei "inspetor de quarteirão" de Tabatinga, ~~quando ocupava esta delegacia.~~ Na época eu deveria ter feito uma notificação, ~~pedindo oficialmente~~ esse nomeação...Mas você sabe como são essas coisas de nomeação são complicadas...~~Eles iam pedir a documentação do Romão~~ ~~tôda aquela burocracia...~~(EMENDA) necessária. Nomeei então Romão, num boteco de praia, num bate papo informal, tomando uma cachacinha...
- Deleg.-Se eu prendi o Romão, Dr.Tomaz, foi porque êle abusou dessa autoridade. Precisava ver como ele chegou aqui com os dois presos...Amarrados em corda grossa, e com uma espingarda em punho.Un tratamento bárbaro, da idade da pedra...
- Tomaz.-~~Idade da pedra...~~Sabe que ~~conclusão~~ você vai chegar se for até Tabatinga?Que muita gente nessa terra ainda vive da idade da pedra...E o que é que voce pode fazer ~~senão~~ aceitar o comportamento dessa gente, de acôrdo com a época em que eles vivem?
- Deleg.-Nos temos que usar para eles o tratamento do nosso tempo.
- Tomaz.-Não é justo...Eles não tem culpa se a lei escrita pelos nossos juristas não serve para o tempo deles. A gente tem que se amoldar às condições deles e excitar a cooperação de um falso inspetor com seus métodos de justiça...Somente os países adiantados podem fazer da lei escrita uma prática...Nós temos que "quebrar o galho" (ENTRA O CABO CONDUZINDO ROMÃO)
- Romão - Dr. Tomaz! (ROMÃO APROXIMA-SE RESPEITOS DE TOMAZ)
- Tomaz - ~~Como está Romão?~~Vai dizer à sua gente que está aí fora que você está solto...
- Romão - Solto? (ROMÃO DIRIGE-SE PARA A PORTA E VOLTA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, 1. 27

9...
Romão - (AO DELEGADO) Posso levar as minhas coisas? (O DELEGADO E ROMÃO SE ENTROOLHAM ALGUM TEMPO. DEPOIS O DELEGADO ENTREGA A ROMÃO UM PACOTE E UMA ESPINGARDA. ROMÃO TOMA SEUS PERTENCES, ASSUMINDO UMA ATITUDE DE VITÓRIA PERANTE O DELEGADO)

Romão - Deus lhe pague, Dr. Tomaz!
Tomaz - Agradeça ao doutor delegado... (ROMÃO SA. FORA OUVI-SE ACLAMAÇÕES DE POPULARES)

Tomaz - Um líder... (DEPOIS DE BREVE PAUSA) Muito bem, até a próxima vez... -saindo-

Deleg.- Cabo! (RÁPIDA INDECISÃO DEPOIS FIRME) Vamos ficar de olho nesse Romão!..

(A LUZ CAI INSTANTÂNEAMENTE NO PLANO DA ESQUERDA, DEPOIS RETORNA NO PLANO CENTRAL SOBRE ROMÃO)

Romão - Eu era inspetor de quarteirão, sempre fui e continuo sendo; antes do Dr. Tomaz me pedir ajuda, eu já era autoridade na praia. Todo mundo sabe disso, só o Delegado de Ubatuba não entende!
(LUZ NO PLANO DA DIREITA SOBRE O INQUIRIDOR QUE OUVI O DEPOIMENTO DE ROMÃO, NA SUA MESA)

Inquir.- Essa estória de inspetor de quarteirão não me interessa. Isso não tem nada a ver com o nosso caso. A sua prisão anterior na delegacia de Ubatuba, está aqui no relatório, apenas para esclarecer seus antecedentes penais. Não é essa a causa de sua presença aqui, o senhor bem sabe disso...

Romão - Eu não sei nada, doutor. Até agora não sei porque vim parar aqui. Só foi por vingança do delegado de Ubatuba ~~por causa da brecha que levou do Dr. Tomaz...~~

Inquir.- Cuidado com o que diz! Posso mandar te recolher já ao zadrês, ~~por desobediência à autoridade!~~

Romão - Eu não fiz nada!

Inquir.- A policia nunca prende ninguém sem motivo! A minha função aqui é tomar as suas declarações iniciais que serão encaminhadas à autoridades responsável pelo Inquérito Policial Militar!

Romão - Ahm?!!

Inquir.- Esse I.P.M. foi instaurado para apurar responsabilidades pelas subversões nas áreas sindicalistas... Dessa forma, eu espero ouvir sem mais perda de tempo, suas declarações a respeito das suas atividades como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ubatuba. (PAUSA. O INQUIRIDOR PASSA O LENÇO NA TESTA ROMÃO MAIS CONFUSO AGORA, QUE NO INICIO)
-O senhor não tem nada a declarar sobre isso?

Romão - Eu não tô entendendo nada...

Inquir.- (PERDENDO A PACIÊNCIA) COMO não está entendendo nada? Eu fui bastante claro! Será que eu não falei português? Ou o senhor está querendo me confundir?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, 1-98

10.
 Romão - (ATÔNITO) Não senhor...
 Inquir. - (PACIENTE) O senhor não é o presidente em exercício do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ubatuba?
 Romão - Presidente do Sindicato?
 Inquir. - É ou não é?
 Romão - Eu sou inspetor de quarteirão da Taba.....
 Inquir. - (EXPLODINDO) Outra vez, santo Deus! É mais fácil interrogar um surdo, que o senhor!... (COM PACIENCIA) Então, o senhor nega ser o presidente do Sindicato de Ubatuba?
 Romão - Num sou isso não senhor...
 Inquir. - Por favor, venha cá... chegue aqui perto...
 (ROMÃO APROXIMA-SE DA MESA DO INQUIRIDOR)
 Romão - (Respeitoso) Dá licença...
 Inquir. - (Mostrando um papel) Essa assinatura aqui é sua?
 Romão - (OLHANDO, RESPONDENDO COM FIRMESA E CERTO ORGULHO) É sim senhor!
 Inquir. - (ANIMADO) Pois então! O senhor assinou esse documento na qualidade de presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ubatuba, eleito em assembléia geral organizada pelos agentes da Superintendencia da Reforma Agrária!
 Romão - É
 (A LUZ CAI NO PLANO DA DIREITA. AO MESMO TEMPO UM FOCO DE LUZ, NO PLANO DA ESQUERDA, REALÇA UM CARTAZ COM A SIGLA: "SUPRA" UM QUADRO NEGRO E UMA MESA TOSCA. NA MESA UM JOVEM DE ROUPA ESPORTE E GESTOS AMPLOS, LÊ UM TRECHO DO "ESTATUTO DO TRAB. RURAL" OU "ESTATUTO DA TERRA" PARA UMA SUPOSTA ASSEMBLÉIA-plateia. ROMÃO DEIXA O PLANO DA DIREITA INDO COLOCAR-SE NA ASSEMBLÉIA, DE PÉ, APÓS O INICIO DA LEITURA DO JOVEM.)

JOVEM - "Segundo o artigo 115 do "Estatuto da Terra": "é prerrogativa dos sindicatos rurais representar, perante as autoridades administrativas e judiciárias, os interesses gerais das classes que os integram, ou os interesses individuais dos associados, relativos a atividade exercida. Artigo 116- são deveres do sindicato: a) promover a conciliação nos dissídios do trabalho; b) promover a criação de cooperativas para as classes representadas; c) fundar e manter escolas de alfabetizações". (DEIXA O LIVRO) Aliás, para este programa, a Supra lhes fornecerá material e professores para pôr em prática em método revolucionário de alfabetização: o método "Paulo Freire". Em pouco tempo, todos os senhores estarão lendo e escrevendo correntemente. (VOLTA AO LIVRO) Artigo 117: "Os sindicatos rurais deverão atender entre outros, os seguintes requisitos: a) mandato da diretoria não excedente de três anos; b) exercício do cargo de presidente, por brasileiro (FECHA O LIVRO) Este é o momento mais importante desta reunião, porque é o momento de escolher aquele que será o vosso represen-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, 259

(58) (2)

12... -te junto ao poderes constituídos. Eu pediria a todos aqueles que desejarem se candidatar ao cargo, que levantem o braço. Um detalhe importante: todos os candidatos deverão ser maior de idade, e alfabetizados. Quem se habilita?(LONGA PAUSA. NINGUEM SE MANIFESTA) Não há ninguém interessado em se eleger o representante da classe? (NOVA PAUSA. TODOS IMOVEIS) Não é possível... É um cargo importante!(APONTA PARA ZÉ MARIA QUE É QUE ESTÁ DE PÉ NA ASSEMBLÉIA) O senhor não tem interesse em ser o representante da classe?

Zé Mar.-Num sei lê...

Jovem- Hum...(APONTANDO OUTRO) O senhor?

Outro- Também não...

Jovem-(APONTANDO OUTRO) O senhor sabe lêr?(NÃO HÁ MANIFESTAÇÃO) E o senhor?(APONTANDO SUCESSIVAMENTE CABEÇAS DA ASSEMBLÉIA) O senhor? O senhor? O senhor? (pausa) Mas aqui ninguém sabe ler? (pausa) Quem sabe ler, levante o braço! (NINGUEM SE MANIFESTA) ninguém? (MUITO TIMIDAMENTE, JOAQUIM ROMÃO LEVANTA O BRAÇO.)

Jovem-(A ROMÃO) O senhor sabe?

Romão-Sim senhor...

Jovem- Sabe mesmo...

Romão- Sei sim senhor...

Jovem-Então, o senhor é o único que pode ser candidato aqui. Por favor, venha cá. (ROMÃO DIRIGE-SE ATÉ A MESA DO JOVEM)

Jovem- Qual é o seu nome?

Romão-Joaquim Romão do Nascimento.

Jovem-Mora aqui em Tabatinga?

Romão- Moro sim senhor...

Jovem- (A ASSEMBLÉIA) Todos concordam com a candidatura de Joaquim para representante da classe?(PAUSA) Quem não estiver de acordo levante o braço!(NINGUEM SE MANIFESTA) Estão todos de acordo... O senhor é o candidato único proposto pela assembleia!

Romão-Eu gheguei agora pouco; num escutei o que o senhor leu, num sei bem o que é que é...

Jovem-O senhor poderá ler esse livro, e se inteirar de tudo...(DÁ O LIVRO A ROMÃO) ~~O principal é o senhor sentir-se interessado pelos problemas da sua classe!~~ Aceitando esse cargo, o senhor estará colaborando com o governo federal numa campanha extraordinária de esclarecimento do campesinato, visando uma reforma agrária completa e radical, que dará a cada um dos senhores um pedacinho de terra para o melhor desenvolvimento da região!

Romão- O senhor é deputado?

Jovem- Eu? Não...Sou agente da Supra, autarquia do governo federal, ligada ao Ministério do Trabalho!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.60

59

13..Romão-(SEM ENTENDER) Ahm...

Jovem=(EM 1º PLANO SURGE O CABO DA DELEGACIA DE UBATUBA)
-O senhor então, está disposto a colaborar nessa campanha do governo?

Romão- Se é pra colaborá com o governo...

Jovem- Muito bem, seu Joaquim! O senhor é um homem patriota!(Exibe um papel impresso e dá uma caneta a Romão.) O senhor pode assinar a nossa ata de fundação!

(ROMÃO TOMA A CANETA NUM GESTO LENTO E CAPRICHADO ASSINA SEM SEM LER, O PAPEL QUE RECEBE)

Jovem- Uma nova era se abre para o trabalhador rural de Tabatinga!
(CAI A LUZ SÔBRE O PLANO DA ESQUERDA, VOLTANDO SÔBRE O PLANO DA DIREITA, ONDE O INQUIRIDOR MANTEM NAS MÃOS O DOCUMENTO ASSINADO POR ROMÃO)

Inquir.-Como signatário dêesse documento, o senhor está incurso na Lei de Segurança Nacional, no que diz respeito às atividades subversivas!

(ROMÃO NO PLANO CENTRAL AINDA ATÔNITO)

Romão- Eu tentei fazer tudo, como o moço do governo mandou, as reunião na escola, a leitura do livro pro pescal...Eu num tenho culpa se o pescal da práia, num queria ir nas reunião. Eles foram uma vez, nas dormiram nas cadeiras. A gente lá levanta muito cedo sabe, e sente sono de noite. A escola num tem luz, só tem uns lampeão...É mesmo pra dar sono...Eu dizia pra eles voceis tem que ir nas reuniões. Os homens do governo mandou a gente aprendê as coisas do livro, pra depois dar terra pra nós...Foi o que o moço do governo prometeu!

Inquiridor- Está bem...

Romão- ~~Eu cumpri minhas obrigação, direitinho. Ninguém pode ter queixa de mim, eu fiz o que pude. As vezes eu até obrigava eles ir na reunião...~~ Mas eles diziam sempre: pra dormir eu durmo na minha casa...

Inquir.- (BATE NA MESA) Esta bem! Chega!!! O Senhor confirma plenamente a denuncia contida no relatório! O senhor vai aguardar detido, o encaminhamento do processo. (AOS GUARDAS) Podem leva-lo.

Romão- Detido?! Cela?!(OS GUARDAS SEGURAM ROMÃO QUE SE DEBATE. NA PORTA SURGE O DR. TOMAZ)

Romão-(SURPRESO) Dr. Tomaz!(OS GUARDAS TENTAM LEVAR ROMÃO QUE RESISTE)

INQUIR+(AOS GUARDAS) Esperem! (AMAVEL) Dr.Tomaz, tenha a bondade...

Romão -(IMPLORANDO)Dr. Tomaz, me salva!Eles qué me prendê!Eu num fiz nada dr.! Num tenho culpa se o pescal da práia num quis ir nas reunião! Eu fiz de tudo pra eles ir!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, 1. 01

14..

Inquir.- (GRITANDO E BATENDO NA MESA) Silencio!!!

(ROMÃO CALA-SE DOMINADO PELOS GUARDAS. TOMAZ ASSISTE TUDO IMPASSIVEL)

Inquir.- Por favor, sente-se Dr. Tomaz... (TOMAZ SENTA-SE) ~~queira des-~~
~~culpar nos, mas êle é um tanto rebelde. Pedimos que viesse~~
~~até aqui, para cumprir um pedido que consta no relatório de~~
~~denúncia. O delegado de Ubatuba deseja que o senhor con-~~
~~firme essa denúncia. Segundo esse relatório, o prêso é um~~
~~líder camponês, agente da Supra, presidente do Sindicato~~
~~Rural de Ubatuba, como prova esse documento (exibe), per-~~
~~goso agitador, parte de esquema de subversão...~~

Tomaz- (CORTANDO) ~~Eu já estou a par do relatório. Recebi uma cópia...~~
 O depoimento dêle, confirma a denúncia aí contida?

Inquir.- Não só confirma, mas confessa ~~a tentativa de realizar uma~~
~~série de reuniões, tendo~~ mesmo coagido os habitantes da
 região a comparecer.

Tomaz - (FRIO) Hum... E ele confirma também a assinatura no documento
 em questão?

Inquir.- Confirma.

Romão - (SUPLICANTE) Dr. Tomaz! Diz pra ele quen sou eu!

Inquir.- O senhor pretende prestar algum depoimento em favor dêle?
 (BREVE PAUSA. TOMAZ LIGEIRAMENTE EMBARAÇADO)

Tomaz - Não... Não... A culpa parece bem configurada... (COM FIRMEZA)
 Nada mais ne resta, diante da confissão e das provas, ~~sinão~~
 confirmar essa denúncia e me colocar a inteira disposição
 do inquérito militar, ~~para quaisquer outros esclarecimentos...~~

Inquir.- Obrigado. ~~Não queremos mais tomar o seu tempo. De nossa parte~~
 o senhor está dispensado.

(TOMAZ LEVANTA-SE)

Romão - Doutor Tomaz, me tira daqui!

(TOMAZ VAI SAINDO. PARA. VOLTA E ENÇARA ROMÃO)

Tomaz - Você traiu a minha confiança Romão...

Romão - -Por que?

Tomaz - Eu acreditava em você. Acreditava na sua natureza de homem
 bom... Me enganei redondamente... Talvez tenha mesmo criado um
 monstro contra as nossas instituições ao nomea-lo inspetor de
 quarteirão e ao dar-lhe as armas para a liderança... Mas o que...
 fazer? A vida é essa... Estamos sujeitos a enganos e decepções...

Inquir.- Nem diga...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.62

15...

Tomaz - Nada posso fazer por você agora, Romão... Você sabe que quando se trata da lei, sou um soldado intransigente... (PAUSA)
Com licença... (TOMAZ FAZ UM DISCRETO ACENO PARA O INQUIRIDOR E DEIXA A SALA SOB O OLHAR PERPLAXO DE ROMÃO)

Romão- (CHAMANDO DESESPERADO) Doutor! Doutor Tomaz!
(OS GUARDAS SEGURAM NOVAMENTE ROMÃO).

Romão - Me larga! Me larga! Eu sou do governo! Eu sou do governo! Me larga! Tá ai nesse papel! Ninguém pode me prender! Eu sou do governo! Eu sou do governo!
(NO SEU DESESPERO, ROMÃO LIVRA-SE DOS GUARDAS E CORRE PARA A MESA DO INQUIRIDOR, QUE SE LEVANTA)

Romão - Onde está o moço?!

Inquir.-Que moço???

Inquir.-O moço do governo. Que me mandou fazer as reunião!

Inquir.-O agente da Supra?!

Romão -Manda chamar ele! Manda chamar ele!

Inquir.-Numa hora dessas, se ele não fugiu, está preso.

Romão - Prêso?! (ROMÃO DÁ UM PASSO ATRÁS)

Inquir.-Com tôda certeza...

Romão.-Mas Mas êle nun é do governo?...

Inquir.-Do governo deposto!

Romão- Deposto?

Inquir.-Do governo passado...

Romão- (DANDO MAIS UM PASSO PARA TRAZ. PAUSA LONGA. ROMÃO ATURDIDO)
O governo foi mudado?...

Inquir.-Não sabia?

Romão - Não...

Inquir.- (PERPLEXO) Não sabia que o govêrno anterior, foi deposto
per uma revolução?

Romão- Não...

Inquir.- (ESTUPEFATO) Não é possível??!...

Romão- Num sabia, não...

Inquir.-O senhor não lê jornais?

Romão- Na tabatinga num chega jornal...

Inquir.- Não houve rádio?

Romão- Na Tabatinga num tem luz...

Inquir.-mas...ninguem comenta nada?...

Romão - Não...

Inquir.-Na escola...

Romão - Tá fechada...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0696, p. 63

(62) (B)

16...

Inquir.- (O INQUIRIDOR ATURDIDO REFAZENDO O RACIOCÍNIO DEPOIS)
Só agora, então...só agora o senhor soube que...(PASMADO)
Isso é absurdo!...(PAUSA LONGA. O INQUIRIDOR PARADA, EM ATITUDE DE IMPASSE. EXAMINA OS PAPÉIS QUE TEM DIANTE DE SI, AO MESMO TEMPO QUE PASSA O LENÇO NO ROSTO, ENXUGANDO O SUOR)

Romão- Então...eu fui preso, porque mudaram de governo?
(OUTRA PAUSA LONGA. ROMÃO PARECE VER TUDO CLAREANDO, AGORA AO CONTRÁRIO DO INQUIRIDOR QUE SE PERDE EM EXAMES DE PAPEL.)

Romão - O senhor é do governo, não é?
(NÃO HÁ RESPOSTA)

Romão - O senhor não trabalhava aqui antes de mudar o governo?

Inquir.- (TENTANDO SE ORDENAR) Eu...Eu o que? Trabalhava onde?

Romão - Aqui, antes de mudar o governo.

Inquir.- Eu?...Trabalhava...Por que?

Romão - Então o senhor também trabalhava pro governo passado, como eu.

Inquir.- Eu??!!!(O INQUIRIDOR EMBARAÇA-SE DIANTE DA LÓGICA DE ROMÃO)

Romão -Antes o senhor prendia quem era contra o outro governo. Agora o senhor prende quem era a favor...

(PAUSA. O INQUIRIDOR ENCARA ROMÃO POR ALGUNS INSTANTES, DEPOIS LEVANTA-SE DECIDIDO, AJUNTANDO A PAPELADA DA MESA).

Inquir.-Eu não tenho que lhe dar satisfações! A minha função aqui é tomar o seu depoimento, nada mais!Sou pago para isso...(APONTANDO A PAPELADA)A sua culpa está qui! MATERIALIZADA NESSA ASSINATURA!O senhor assinou o documento que...Ora, eu não tenho que lhe dar satisfações!(AOS GUARDAS, VIOLENTO) Podem leva-lo daqui!!! Levem logo!(SENTA-SE CANSADO) E podem trazer o próximo denunciado!...Mais dezessete ainda hoje...Uh!;;.
(OS GUARDAS SEGURAM FIRME ROMÃO. CAI RAPIDAMENTE A LUZ, FICANDO APENAS UM FOCO SÓBRE ROMÃO, ENTRE OS DOIS GUARDAS).

Romão - Eu vou ser preso por que sei escrever?

(ESCURECIMENTO RÁPIDO. DEPOIS DE ALGUNS SEGUNDOS ENTRA A PROJEÇÃO FINAL:

PROJEÇÃO III

Josquin Romão foi posto em liberdade, dias depois, pela interferência de um jornalista que publicou os fatos ocorridos

F I M

“É Tua a História Contada?” (Bráulio Pedroso)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0686, 1.69

1. Música ritmada. O senhor Doutor, de pijama de sêda com o monograma Sr.Dr., bordado no bolso do paletó, demonstra excitação ao aproximar-se da cama.

Sr.Dr.--(CANTA) Exitado, exitado
Lá-lá-lá-lá não aguento,
lô-lô-lô-lô arrependo.
Exitado, exitado...(CANTAROLANDO, ALISA AS COBERTAS E DEITA-SE.) A música continua.(RECOSTA-SE NA CABECEIRA DA CAMA, DE MÃOS NA NUCA. TEM OS OLHOS ARREGALADOS EM EXPECTATIVA. A ESPOSA SURGE DE "NEGLIGÉE". O JEITO É LANGOROSO)

Esposa-Acordado?

Dr.- Acordado. E muito bem acordado.

Esposa-Que milagre! Há anos que você ronca antes de me dizer "boa noite".

Dr.- É que hoje é uma noite especial.

Esposa-De que jeito especial?

Dr.- Não dá para ver em minha cara?

Esposa-Esté um pouco vermelha. Mas de um lado só.

Dr. -Só isso?

Esposa-Para se ver só.

Dr.- Olhe mais. A bôca. Os olhos. As narinas.

esposa-De tudo, um pouco arreganhado..

Dr.- (PEXANDO-A PARA CAMA) Isso, isso mesmo. Não consigo me relaxar
Eu estou, minha querida, exitado.

Esposa-(DEITANDO-SE INTERESSADA) Exitado?...

Dr.- Exitado como que!

esposa-Hihihi... engraçado.

Dr.- Não vejo graça nenhuma.

Esposa-^u que assim derrepente...(ACONCHEGANDO-SE) Você me dizer isso...

Dr.- Não é uma novidade em nossa vida.

esposa-Mas é raro.

Dr.- Como hoje, reconheço, é raro.

esposa-Então me diga como é sua excitação? Hoje?

Dr.- -Grande.

esposa-(MALICIOSA) Muito grande?

Dr.- --Muito. Vou passar a noite acordado.

esposa-(SENSUAL) Nós vamos.

Dr.-- Ah, minha querida, eu não esperava tanta solidariedade.

esposa-Mas é preciso. Você não acha?

Dr.-- Acho. E fico muito satisfeito. Você nunca perdoou nossa lua de mel

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, P.55

Esposa-(DESGARRANDO-SE INDIGNADA) Quer dizer que esta excitação é aque-
-la de sempre?

Dr.- É

esposa-Você é um degenerado! Um tarado!

Dr.- Eu sou um exemplo. Todos dizem que eu sou. Só você que não.

esposa- Porque eu sou a exceção.

Dr.- Eu não a compreendo. Você não tem tudo que pediu a Deus?

Esposa-(IRÔNICA) Tudo. Quatro filhos e seis casacos de vison.

Dr.- E não basta? Não?(CARINHOSO) Então, minha querida, fique
tranquila. Agora vai ser um milhão de vezes melhor.

esposa-Que melhor? O seu melhor?

Dr.- O único e possível melhor.

esposa-(SOCANDO-SE) Irrrr! Que raiva! Que raiva!

Dr.- Calma, calma, minha jóia. Você terá uma outra jóia.

esposa- É que eu queria uma outra coisa.

Dr.- Você não muda mesmo. Pensa sempre como se fosse a primeira
noite de nossa lua de mel.

esposa- Pudera! Nós nunca tivemos uma lua de mel.

Dr.- Chut, chut! Não reviva velhas histórias. Pense no solitário que
você vai ganhar.(FAZENDO O GESTO)

esposa-(QUASE CONFORMADA) Desse tamanho?

Dr.- Desse. (PAUSA) Contente?

esposa- Contente(PAUSA E EXAMINANDO O ROSTO DO MARIDO) A mancha
vermelha está virando uma bola.

Dr.- É coça. (COÇANDO)

esposa - (VIRANDO PARA DORMIR) Não deve ser nada...

Dr.- Quer ouvir?

esposa-(QUASE DORMINDO) Quero.

Dr.- Estou numa excitação... Vai ser o maior negócio de minha vida!

Esposa-(MECANICA E SONOLENTA) Um negócio da china...

Dr.- (ANIMADO E BRINCALHÃO) Na China não há mais negócios, minha
querida, É um negócio de Brasil. Temos que reconhecer nossos
valores.Hihihi...Só para ~~imaginar~~ aquele negócio dos pedregu-
-lhos - que você caiu de quatro - é uma brincadeira perto des-
-se...a coisa agora é internacional. Seu maridinho está atuam-
-do na área dos dólares. Business, my dear, big big business...
querida?... amorzinho?... jóia?(A ESPOSA RONCA) Dormiu. Estava
~~mesmo desconfiando~~. Não tem o menor espírito de solidariedade.
~~Não conto para minha mulher para nada.~~ (LEVANTA-SE) Em nossa
lua de mel já foi assim. Ela nunca me perdoou ter passado as

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P. 66

65

3.....primeiras noites de olhos arregalados. Mas como dormir, meu Deus?

Sendo-se jovem e tendo pela frente o primeiro grande negócio?

~~Isso jamais ela entendeu. E agora esquece, como quem esquece~~

~~o nome de um empregado, que a nossa felicidade se deve àquele~~

~~primeiro negócio:(RINDO) um fornecimento de pedregulhos ao X~~

~~Governo a preço de paralelepípedos.9PAUSA) Agora Que passou~~

~~parece brincadeira. Mas no momento, só eu sei quanto sofri.~~

Que expectativa, Santo Padre! E se o Exército não estivesse de

acôrdo? E se um jornal denunciasse? Ou mesmo, se o presidente

entrasse em acerto com outro grupo? Nisso, ela nunca pensou.

(ENTRA A MÚSICA)Mas o que fazer? As mulheres são assim, pouco

~~imaginativas. O que elas sabem de um negócio? Da responsabili-~~

~~dade? Da emoção? (CANTA) Exitado, exitado,~~

exitado como quê.

Lá-lá-lá-lá não aguento

lô-lô-lô-lô arrebento.(SENTA-SE NO X

SOFÁ) O ronco de minha mulher é uma coisa infernal. Ven de re-

~~pente, aos trancos, Assusta a gente. Como é que se pode pensar~~

~~assim? Ah, mas aqui na sala, na penumbra, no silêncio, é dife-~~

~~rente... (DEITA-SE E EM DEVANEIO) Que negócio!Que negócio!~~

Os números nem me cabem na cabeça...(COÇA O ROSTO) Cocceirinha,

chata, mas deixa pr'a lá, hoje à tarde vou assinar o contrato.

~~Sé de pensar... Arre! Que é um sofrimento! Um sofrimento que~~

~~tenho de sofrer sózinho, porque minha mulher nessa hora dorme~~

~~o sono dos inocentes, com aquela bunda branca refestelada!~~

~~Ela bem que podia estar aqui, Junto de seu narizinho, somando,~~

~~ressomando, antegozando os lucros.(SENTA-SE) Se ela fizesse~~

isso, eu juro, eu juro que seria capaz de despi-la e de rolar

com ela por esse tapete. Fazer uma dessas locuras que se faz

com as amantes. Porque mulher da gente é outra coisa... Mas

hoje até isso eu faria... (COÇA O ROSTO) Mas venos ao que inte-

~~ressa. Em primeiro lugar a propaganda... A propaganda...Ohohoh...~~

Vou ter a cobertura dos principais jornais do país, o da

direita, o do centro e o da esquerda. Serei líder conservador

progressista e nacionalista. Uma santíssima trindade que me

custa os olhos da cara. Mas compensa. Torna o lucro, do lado

que vier, inaculado.(CANTA) Lá-lá-lá-lá-naõ aguento

lô-lô-lô-lô arrebento.

Exitado, exitado,

exitado como quê

Lá-lá-lá-lá (COMO SE OLHASSE PELA JANELA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0696, P.67

4.....A cotovia já canta, o dia chegou e não tarda a hora de (662)
 quintuplicar minha fortuna! Vamos, homem, ganhe o pão com o suor
 de seu rosto! (AO FIM DA FRASE, JÁ ESTARÁ FAZENDO A BARBA DIANTE
 DE UM ESPELHO) Uhn...uhn...uhn... Chegou a hora de ser a genti-
~~leza retribuida. Não foi por nada que o presidente deu a vol-~~
~~ta ao mundo às minhas custas...uhn...uhn...uhn...sua mulher~~
~~com ar de pobreza honrada, me enguliu uma fortuna em caviar e~~
~~champanhe.~~ (PARA DE FAZER A BARBA) Engraçado, no lugar da co-
 ceira surgiu um inchaço...Mas estou lá para perder tempo com
 uma espinha ou furúnculo que seja! Há um negócio a fechar e
 beleza é assunto de adolescente. O melhor é me vestir. (TIRA O
 PIJAMA) ESTANDO VESTIDO POR BAIXO, APARECE A EMPREGADA TRAZENDO
 O CAFÉ DA MANHÃ, ELE SENTA-SE NA MESA. A EMPREGADA OLHA-O COM
 SOLICITUDE)

Dr.- (INTERROMPENDO O GOLE DE CAFÉ) E se o presidente fizer o jôgo
 de um outro?

Empregada- O Senhor Doutor pediu alguma coisa?

Dr.- Não, não é nada (A EMPREGADA CONTINUA AO LADO) O safardana x
 sabe que eu estou com o peçoal lá de cima. E depois ficou bem
 clara a sua participação. Não foi a toa que na viagem eu pro-
 curei conseguir uma grande intimidade para agora lhe dizer as
 coisas claramente. Dá cá, toma lá.

Empreg.- Senhor Doutor...

Dr.- Já disse que não quero nada! (VOLTA AO CAFÉ) O canalha não
 vai esquecer agora das trufas netidas goela abaixo de sua
 esposa...Mas sempre pode aparecer um outro. Não, não é pos-
 sível, os lá de cima não vão concordar, não há pessoa mais
 indicada do que eu. Já fui até candidato das forças nacionalistas!

Empreg.- Senhor Doutor...

Dr.- Já sei! Já sei que tem ovos, mamão, geléia, presunto, já sei!
 mas eu só quero tomar um café, entendeu? Quando se tem um
 negócio pela frente, a gente não tem fome! Aprenda isso!

Empreg.- Me desculpe, Sr.Dr.Não é de comida não...

Dr.- O que é aumento de salário? Isso é com minha mulher.

Empreg.- Também não é...é seu rosto...me permite a liberdade de dizer
 que tem uma espinha nele...

Dr.- Ora, não me aborreça! Cuide de seu trabalho!

Empreg.- Sim, Senhor Doutor. (SAI ATemorizada)

Dr.- (RINDO) Ela se assustou com a minha cara. Que se assuste. Os
 empregados são para isso, para se assustar! Porque eu...ben eu
 beijo a ponta do guardanapo (BEIJANDO) prometendo comedimento

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.68

- 5.- para a hora de assinar os contratos. Maria, oh Maria! (64) (2)
- EMPREG-(A EMPREGADA REAPARECE) Pronto, Senhor Doutor.
- Dr.- Dispense o chofer.
- Empreg.-O japonês ou o alemão?
- Dr.- Os dois. Nenhum deles, por melhor do mundo, seria capaz de entender minha pressa. Hoje, eu mesmo vou guiar. (A EMPREGADA SAI, ELE SENTA-SE NUM BANCO, FAZENDO A MÍMICA DE GUIAR, CANTA)
- Exitado, exitado,
exitado como quê.
Lá-lá-lá-lá não aguento,
lô-lô-lô-lô arreberto.
Exitado, exitado... (BRACA O CARRO, APONTADO PARA FÓRA)
- Há sempre um sinal vermelho para atrapalhar a vida da gente. (OLHANDO O ESPELHINHO) Não adianta buzinar, seus idiotas! Eu tenho mais pressa que todos vocês juntos! (APROXIMA-SE MAIS PERTO DO ESPELHINHO) Puxa, já ocupa quase todo o espaço do espelho. Deve ser furúnculo certamente... Abriu, abriu o sinal (ASSOVIANDO, CONTINUA A GUIAR. APARECE A SECRETÁRIA DE LAPIS E BLOCO NA MÃO. SENHOR DOUTOR DEIXA O CARRO E VAI AO SEU ENCONTRO. AO CHEGAR NA ESCREVANINHA, DÁ TRÊS BATIDAS NA PRIMEIRA GAVETA)-Iiih, os contratos estão aqui! Mas antes vamos a rotina. (SENTA-SE) A senhora confirmou o jantar com o general? (A SECRETÁRIA RESPONDE AFIRMATIVAMENTE COM A CABEÇA. NAS PERGUNTAS SEGUINTE ELA PROCEDERÁ DA MESMA MANEIRA, PORÉM COM UM ESPANTO CRESCENTE NO ROSTO.)
- A senhora mandou a caixa de champanhe para o diretor da carteira de importação do Banco Central?
- A senhora reclinou da agência de publicidade?
- A senhora mandou o dinheiro dos desembargadores?
- A senhora reservou hotel para os nossos clientes?
- A senhora falou com o veterinário da "Lady Bird"?
- A senhora providenciou a correspondência para a matriz em Nova York?
- A senhora pagou a conta do costureiro de minha mulher?
- A senhora está me ouvindo? Me ouvindo? A senhora... (A SECRETÁRIA SAI CORRENDO) O que? O que houve? Nunca vi tanta insubordinação! Onde é que estamos? Isso aqui virou Cuba por acaso? (FALANDO NO DITAFONE) Chame o chefe dos advogados imediatamente em minha sala. (CONSIGO MESMO) Não entendo. Ela sempre foi uma secretária exemplar... (ENTRA ADVOGADO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0696, P.69

684

6....

advogado- Às suas ordens, Senhor Doutor.

Dr.- O que houve com a moça? Cólica menstrual?

Advog.- Não, Senhor Doutor.

Dr.- O que então?

Advog.- É difícil de dizer, embaraçoso.

Dr.- É uma orden, diga!

Advog.- Seu rosto...

Dr.- O que tem meu rosto?

Advog.- Uma espinha...

Dr.- E uma espinha é motivo para tanta falta de respeito?

Advog.- É que é uma espinha grande...

Dr.- Que fosse enorme!

Advog.- Mas está purgando...

Dr.- E daí? Não é comum sair pus de uma espinha?

Advog.- É que o pus é grosso e está pingando em sua camisa...

Dr.- (OLHANDO A CAMISA) Ah entendo. As mulheres são muito delicadas, por uma bobagem qualquer fazem logo um estardalhaço. Mas está bem. Vamos ao que interessa. Há alguma novidade sobre o nosso negócio?

Advog.- Eu queria avisá-lo antes que seja tarde...

Dr.- (SOBRESSALTADO) Interferências estranhas?

Advog.- Não, Senhor Doutor. Quanto a isto, está tudo em ordem. Nova York confirmou que Washington já agiu sobre o ministério.

Dr.- Ora, isso eu já sabia. Eu pergundo se, de ontem para ~~xx~~ hoje, nenhum jornal se manifestou ou se algum deputadozinho andou fazendo demagogia?

Advog.- ~~O Senhor Doutor sabe que todos estão com o Governo.~~

Dr.- Então, tudo continua no melhor dos mundos. Nada impedirá que hoje à tarde o contrato seja assinado!

Advog.- (HESITANTE) É que eu... eu... me desculpe...

Dr.- O que, homem? Não me ponha nervoso!

Advog.- É difícil de falar...mas...a sua camisa e seu paletó estão encharcados de pus.

Dr.- Como?

Advog.- Apareceram mais duas espinhas em seu ~~peste~~ pescoço.

Dr.- Está bem. Está bem. Mande o servente trazer uma nova troca de roupa. (O ADVOGADO SAI)- (TIRANDO O PELETÓ E A CAMISA)
Secretárias estenografas poliglotas. Advogados empolados citadores. Um bando de imbecis. Parar todo o expediente por causa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.70

69

7.....de uma droga de três espinhas. (O SERVENTE TRAZ A TROÇA DE ROUPAS)

Eu é que devia reclamar, pois a espinhas estão em mim. Ainda mais que, pela coceira da perna, já não são três, mas cinco ou sete. (VESTINDO-SE) É para me preocupar? É. Mas há uma ordem de preocupações. E isso essa gatinha nunca vai entender. Como é

eles pensam que despejei quilos de caviar no prato da mulher de um presumível presidente? Naquela época, o Exército andava bem dividido. Há que se ter visão e obstinação. Mas essa gatinha

lha não vai além do corriqueiro. Impressiona-se por um espirro ou por uma maldita espinha. Tudo é desculpa para desistir.

(ACABANDO DE VESTIR-SE) Mas eu não cedo, ponho um pedaço de esparadrape aqui, outro lá, outro acolá. (MOVIDO PELOS GESTOS RITMADOS DE POR ESPARADRAPO? COMEÇA A CANTAR)

Exitado, exitado,
exitado como quê.

Lá-lá-lá-lá não aguento,

ló-ló-ló-ló Arrebento... (ENQUANTO CANTA, APARECE UM JOVEM CASAL DE NAMORADOS NA MESA DE UM RESTAURANTE. O PAR CONVERSA. O SENHOR DOUTOR SENTA-SE NA MES AO LADO? CONSULTA O CARDAPIO)

NAMORADA- (TOMANDO UMA TAÇA DE CHAMPANHE) Que louquinho que voce é tomar champanhe no almoço.

Namorado- Não é romantico?

~~Namorada- É perigoso.~~

~~Namorado- Você tem medo?~~

~~Namorada- Não. Eu também sou loquinha.~~

~~Namorado- Não. Eu também sou loquinha.~~

Namorada- Não. Eu também sou loquinha. (AO EMBORCAR AS TAÇAS DE CHAMPANHE, OS NAMORADOS VÊM O SENHOR DOUTOR. FICAM PARALIZADOS)

Sr.Dr.- Não sei porque vim almoçar. Com um negocião deste, não há apetite que resista. Em todo caso, serve para passar o tempo. Sózinho, eu morria de excitação. Afinal, um bife na chapa não faz mal a ninguém. Garção! Garção! (AO CHAMAR O GARÇÃO, DÁ COM O OLHAR DO CASAL. APALPA O ROSTO, O PESCOÇO) Será que apareceu mais uma espinha? Na nuca? Nas costas? O educado é ir embora. É um restaurante enfim. E depois, bolas, não tenho mesmo nenhuma fome. Estou... Exitado, exitado,

exitado como quê.

Lá-lá-lá-lá não aguento,

ló-ló-ló-ló arrebento (ENQUANTO CANTA

O CASAL FOGE ENOJADO E VOLTA O CENÁRIO DO ESCRITÓRIO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, p.71

(90) (D)

8...Dr.- (ACARICIANDO A GAVETA DA ESCRIVANINHA) Contrato, contratinho...
 enfim sós, hein. Não há ninguém no escritório para nos
 atrapalhar. Estão todos almoçando. Vou poder pegá-lo, apalpá-lo
 ainda uma vez antes da assinatura e para isso é só pegar a
 chave (TIRA A CHAVE DO BOLSO) e por nesse buraquinho...(INDICANDO
 A FECHADURA DA GAVETA) Mas não vou por já.(TIRA A GRAVATA E
 O PALETÓ) VOU ESPERAR UM POUCO. Quanto mais demorado melhor é...
 (TIRA A CAMISA) Mais gostoso (INDO COM A CHAVE) Chego perto,
 bem perto e... pensou que eu ia por, hein? Ah, contratinho...
 (ENCOSTA O ROSTO NA TAMPA DA ESCRIVANINHA) Você é meu? Só meu?
 Não minta! (MOSTRANDO A CHAVE) Eu sei, eu sei que você não é,
 eu sei seu safado... me traindo com os gringos. Mas não tem
 importância, o que você me dá já chega. É até demais! (TIRA
 AS CALÇAS) Demais, contratinho, demais, ! (AO NÃO SABER ONDE
 JOGAR AS CALÇAS, PERCEBE QUE ESTÁ NÚ. EXAMINA O CORPO,
 ASSUSTA-SE) Vinga-se! Minha! Meu corpo cobriu-se de espinhas!
 (EXAMINANDO-SE) Pequenas...grandes...pustulentas (CONCLUINDO)
 Eu, eu devo estar fedendo. Mas? E agora? A reunião? Como
 vai ser, meu Deus? Não posso ir assim, vou assustar todo
 mundo! O que eu faço? (PAUSA) O que? (PAUSA) Ah! já sei.
 Vou tomar um banho. A água purifica, absolve-nos dos pecados
 A água é santa! (DESPA-SE COMPLETAMENTE E ENTRA NA BANHEIRA)
 Ah, como é relaxante, como é bom!(BRINCA COM O SABÃO) Ó spa!
 (BATE OS PÉS) Ah, ah! (ESPALMA A ÁGUA) Oh, oh! Que descanso,
 que alegria! (OLHA PARA SEU CORPO) Epa! com seis espinhas,
 você tomou um banho tão agradável? Meus parabéns...
 Chohoh...Ahahah... Um negócio! Negócio!(VAI SE LAVAR,
 OBSERVA-SE) Ô diabo, as supurações estão aumentando muito
 depressa...(ESPREMLENDO UM FURÚNCULO NA MAMILA) O que é isso?
 (PAUSA) É denso...move-se...são, são vermes! Reproduzem-se
 com rapidez. Estão inundando a banheira, deixando a água
 viscosa, difícil de escoar pelo ralo...(MUDA O TOM) Mas eu
 não tenho tempo a perder. (XXX SAI DA BANHEIRA) O importante
 é chegar na reunião na hora certa.(VESTE UM "ROBE-CHAMBRE"
 Há um negócio, um grande negócio pela frente.(OLHANDO A
 BANHEIRA) Mais tarde, mandarei um encanador desentupir a
 banheira. (E PARTE SALTITANTE COMO NOS FILMES DE CHAPLIN,
 LEVADO PELA MÚSTÇA QUE ENTRA CANTADA POR UM CÔRO)
 CÔRO . (f.c.) Exitado, exitado,

CORTAR

CORTAR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, P.72

9.....

exitado como quê.
Lá-lá-lá-lá não aguento,
lô-lô-lô-lô arrebento
Exitado, exitado,
exitado como quê.
Lá-lá-lá-lá-.....
(ESCURECIMENTO.)

Handwritten marks: a circle containing '41', a circled scribble, and a vertical line below them.

O coringa entra para fazer aligação a próxima péça enquanto os maquinistas retiram a banheira, usando máscaras antissépticas.

F I M

FSN.

"Animália" (Gianfresco Guarnieri)

BR DFÁNBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, 23 (2)

2-
AO FUNDO, GRANDE TELA PARA PROJEÇÃO DE SLIDES. DIANTE DELA, ESTÁ ARMA-
-DO UM PALANQUE COM UMA BALAUSTRADA COBERTA POR BANDEIRAS DOBRADAS.
TRES MICROFONES PRESOS A COMPRIDOS SUPORTES.

Slide: (MULTIDÃO NA PRAÇA)

SOM- (ACORDES DE GUITARRA ELÉTRICA.VOZERIO DE MULTIDÃO. BAÇUCADA EM B.G.)
OS ACORDES SE ACELERAM MARCANDO A ENTRADA DO "SOLDADO".

IMPONENTE ÊLE SE APROXIMA DO PALANQUE. OLHA SATISFEITO PARA O POVO.
SOBRE DIGNAMENTE OS POUÇOS DEGRÁUS QUE CONDUZEM AO PALANQUE. FICA EM
FRENTE AOS MICROFONES. PARECE CONCENTRAR-SE...

LENTAMENTE? APROXIMAM-SE, VINDO DE DIVERSAS DIREÇÕES, "SENHORA", MOÇO,
"MOÇA", "HIPPIE", "CRIADO MUDO", "CRIADA MUDA". FORMAM O GRUPO DIANTE DO
PALANQUE, ATENTOS.

CESSAM OS ACORDES DE GUITARRA. SILÊNCIO. URROS DE MULTIDÃO. TRÊS URROS
DESTACADOS. NOVAMENTE SILÊNCIO. O SOLDADO ERGUE O BRAÇO NUMA SAUDAÇÃO.
SORRI. COLOÇA OS ÓCULOS. DO BOLSO TIRA UM MAÇO DE PAPEIS. VAI INICIAR
O DISCURSO...

Soldado- Cidadãos!... É no instante...

Moço - (INTERRUPENDO) (AOS BERROS) Fora!... VENDIDO! ... Testa de
ferro! ... Leão de Chácara! ... Viva a liberdade! ...
Abaixo a ditadura!

Voz- Pipoca!...Pipoca quentinha! Sorveteinho Kibon!
(MURMÚRIO ENTRE OS ASSISTENTES...)

Voz- Cachorro quente!...Algodão!

(O SOLDADO FAZ UM GESTO AMPLO. AO GESTO, MUDANÇA RÁPIDA DE
SLIDE: -Soldados de armas apontadas.

SOM : -Três acordes rápidos de guitarra.

INDECISÃO DO MOÇO,...

SD.- Cidadãos!... É no instante...

Moço - (NUM GESTO QUE SE DESESPERADO) Fora!... Abaixo a ditadura!...
Viva a América Livre!...

O GRUPO SE FECHA SOBRE O MOÇO. MOÇA TAPA-LHE A BÔCA COM AS MÃOS.

Vozes abafada- Cala a bôca! Cala a bôca!

- Provocador!
- Não vê que está cheio de mulher e criança!
- Pensa nos outros, desgraçado!
- De que adianta bancar o herói?
- Em vêz de estudar só querem saber de arruaça!
- Depois, quem paga são os outros!
- Êles ficam no bem-bom!
- Deixa êle! Deixa!...Vai pegá uma "cana" sentida!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0616, P. 2

(3)

3
O MOÇO QUE CONTINUAVA A GRITAR COM A VOZ ABAFADA PELAS MÃOS DA MOÇA AGORA NÃO MAIS SE MANIFESTA, O GRUPO SATISFEITO DEIXA-O DE JOELHOS NO CHÃO. OLHAM TODOS PARA O SOLDADO E SOLICITAMENTE BATEM PALMAS.

-SOLDADO SORRÍ, VISIVILMENTE SATISFEITO. GESTO AMPLO E MUDANÇA DE SLIDE: -NOVAMENTE O POVO NA PRAÇA.

SOM : -ACORDES DE GUITARRA, ASCENDENTES.

SOLDADO-(PIGARREIA E RECOMEÇA O DISCURSO) Cidadãos!.. É no instante... (PROSSEGUE ININTELIGÍVELMENTE) A LA RENATO CONSORTE. APENAS SONS. AS SILABAS NÃO FORMAM PALAVRAS. CANTILENA. INFLEXÕES SEM CONCEITO. DE QUANDO EM QUANDO DISTINGUEM-SE ALGUMAS PALAVRAS, PEDAÇOS DE PRESES. -"DESENVOLVIMENTO"... "FUTURO DA NAÇÃO"... "CONTENÇÃO DA INFLAÇÃO"... "BEM ESTAR SOCIAL"... "METAS DO GOVERNO"...

Hippie- (INTERROMPENDO NUM GRITO) Façamos o amor, não a guerra!

UM SOLO DE VIOLA QUE VINHA ACOMPANHANDO O DISCURSO DÁ LUGAR AGORA A UMA EUFORIA DE GUITARRAS ELÉTRICAS...

TODOS, MENOS OS MUDOS, PROCURAM FAZER CALAR O HIPPIE, ADMOSTANDO-O COM GESTOS.

Hippie- (REPETINDO DESAFIADOR) FAÇAMOS o amor, não a guerra!

Grupo - Psssssiu!

Soldado- (BONACHÃO) Deixem-no falar! ...Cidadãos!...Mais que nunca é necessário ouvir os protestos da juventude!

Hippie:-(VITORIOSO) Façamos o amor, não a guerra!

Todos - Façamos o amor, não a guerra!

Amor sim! Guerra não!

Soldado- (PROSSEGUINDO) Sua ânsia de amor... Seu desejo de paz!... Sagradas reivindicações dos que querem condições propícias para o trabalho, o progresso, o desenvolvimento da nação!... E não é outro nosso dever. Nem outra nossa intenção, se não a de armas em punho se preciso fôr- garantir-lhes precisamente a paz e o amor, o amor e a paz. À custa de quaisquer sacrifícios, na certeza da justiça desta causa, sem hesitações de qualquer espécie. Que se calem as Cassandras do Apocalipse, porque com a ajuda de Deus, tornaremos realidade os anseios juvenís. Mas para isso é urgente e inadiável o sacrifício, que exigimos em nome dos nossos mais sagrados ansêios, de todos os tresmalhados, os arautos da desordem e do desassossêgo!

A MÚSICA ABRANDA, QUASE UMA AVE-MARIA...

MOÇA, SENHORA, HIPPIE-(LENTAMENTE CAMINHANDO AO PALANQUE)

Amor sim! Guerra não! ... Amor sim! Guerra não!

Amor sim! Guerra não!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE 0616,25

40

4

MUDO E MUDA ACOMPANHAM O GRUPO BALANÇANDO O CORPO NO RITMO DO CÔRO.

Hippie- (COMO QUE TOMADO, SOBE AO APALINQUE.COM GESTO HERÓICO)

Façamos o amôr, não a guerra!

Côro - Não à guerra. Sim ao amor!

SOLDADO NUM GESTO HISTÓRICO PASSA O BRAÇO POR SOBRE OS OMBROS DO HIPPIE NUM FORTE E EMOCIONADO ABRAÇO.

(TODOS SE ABRAÇAM E SE BEIJAM. ESTOURA A CANÇÃO "AMOR SIM, GUERRA NÃO")

DURANTE A CANÇÃO, MUDANÇ DE

SLIDES:-Flôres, muitas flôres multicoloridas.

-Soldados com fuzis, cobertos de flôres.

-Flagrantes violentos de batalhas.

-Documentação da miséria.

-HAWAIANOS, soldados e flôres.

-Cemitério com muitas flôres.

-Defunto no caixão coberto de flôres.

ENQUANTO TODOS (MENOS O MOÇO) CANTAM A CANÇÃO "AMOR SIM, GUERRA NÃO",

O MUDO E A MUDA (LARGO ESPARADRAPO GRUDANDO OS LÁBIOS) VÃO TRAZENDO

GELADEIRA, VITROLA, UM ENORME APARELHO DE TELEVISÃO, DEMAIS ELETRO-

-DOMÉSTICOS, MESA, CADLIRAS, POLTRONA, UMA GRANDE CESTA REPLETA DE

CHAVES DE VOLKSVAGENS, ENORME PILHA DE DISCOS COMPACTO SIMPLES.

HIPPIE (DURANTE A CANÇÃO VAI ATIRANDO DISCOS PARA A ASSISTÊNCIA.

ACS POUCOS TUDO VAI ADQUIRINDO JEITO DE PROGRAMA DE AUDITÓRIO.

O SOLDADO É O ANIMADOR, COADJUVADO PELO HIPPIE. A MOÇA TIRA O VESTI-

-DINHO E APARECE DE SAIOTE E MEIAS RENDADAS.

A COISA CHEGA AO PAROXISMO --CÔRO E MÚSICA EM PLAY BACK. HIPPIE

COMEÇA A ATIRAR CHAVES DE VOLKKS.

TERMINA A CANÇÃO. APLAUSOS. BORBORINHO.

Senhora - (PUXANDO O CÔRO) Isso, Isso, Isso! O mundo é um sucesso!

Todos- Isso, Isso, Isso! O mundo é um sucesso!

OS MUDOS BATEM PALMAS UM TANTO CANHESTRAMENTE.

Moço - (SÓZINHO A UM CANTO) Aço, Aço, Aço! O soldado é um palhaço!

Todos- (COM MAIOR ÊNFASE, PREOCUPADOS EM ENCOBRIR O GRITO DO MOÇO)

Esso, Isso, Isso! O soldado é um sucesso!

Soldado- (SORRINDO. BEM ANIMADOR DE AUDITÓRIO) Calma, calma, pessoal!

Chegou o momento de nosso grande sorteio!...Vejam quem será

o felizardo!... Vamos, vamos, que é issó?!Nosso auditório só

tem recebido até hoje gente ordeira e educada. Tenho a impres-

-são que há gente nova por aí hoje. Gente que desconhece as

regras da bôa educação. Esses que se retirem porque nosso

programa não é prá eles não!...Não é?

FALTA A LETRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0616, p.65

5 - ÇORO - É

Sodl.- E não se esqueçam, quem vos escrever dizendo "quem é o amigo número um do País" concorre a um belíssimo automóvel "0 Km":

Senhora-(COMO RESPONDENDO A UMA PERGUNTA DA MOÇA) Usa, usa sim!

Sd.- Ah, ah, ah!...Não vale soprar! E atenção! Quem são os amigos de D. Finança?

Côro- Contenção e Segurança!

Sd.- Muito, muito, ~~xxxx~~ muito bem!

(MOÇO IRRITADO NUM CANTO, ENCHE UMA BOLA DE AR.)

Sd.- (BEM ANIMADOR) E como dizia o outro: não vem de urna que o cargo é por nomeação (RISALMS, ANIMADOR FAZ CHARMINHO) Dôr, Gripe, Resfriado? Segurança Nacional é o remédio indicado! *

Côro- Esso, Esso, Esso! A segurança é um sucesso!

Sd.- E vamos prosseguir com a nossa brincadeira, nunca esquecendo que pior que a Corrupção só...

Côro- Subversão!

Sd.- Bidú!...Este é sem sombra de dúvida o maior público...(com GRANDE ÊNFASE)... do m u n d o! ...Antes porém, para o aplauso de vocês aquela que é tôda carinho, é tôda meiguice, é tôda candura... aquela que tem muita bossa e pouca roupa... O ritmo jovem em corpo de mulher... PERERECA!

(O MOÇO ESTOURA O BALÃO. ESTRONDO, GRITOS...PÂNICO.)

Sold.- (HISTÉRICO) Prendam o terrorista!...

Senhora- Socorro! Socorro!

(HIPPIE MORRE DE RIR) (METAFÓRICAMENTE É CLARO)

Hippie-Calma pessoal! É bombinha de S.João!

CONFUSÃO. SOLDADO PULA DO PALANQUE E DESCE DE CASSETETE SOBRE O MOÇO. SENHORA E MOÇA CORREM DE UM LADO PARA O OUTRO AOS GRITOS)

VOZES GRAVADAS- Assassino! Traidor! Comunista! Sergio Ricardo! Bispo do Nordeste! Aventureiro! Dominicano!... Bôa, nêgão!

HIPPIE FICA SÓZINHO DIANTE DOS MICROFONES. OS MUDOS O OBSERVAM UM POUCO AFASTADOS. OBSERVARAM O PÂNICO DIVERTIDOS.

Slide ou filme- JOVENS CABELUDOS, CARRÕES, CALHAMBECQUES.

HIPPIE - (DEDILHANDO A GUITARRA, SORRI CÍNICO. COM MÚSICA DE TROPICÁLIA)

(CANTANDO) Oi que merda-da-dá! Que grande merda-da-da-da! *

Slides- CENAS DE HISTÉRIA NAS CONCENTRAÇÕES PARA AS CURAS DE JOSIAS.

HIPPIE- (LEVANTA A GUITARRA COM VIOLÊNCIA COMO QUEM VAI QUEBRÁ-LA.

DISISTE. TENTA NOVAMENTE. ARREPENDE-SE DEFINITIVAMENTE. PÕE A GUITARRA NO OMBRO E SAI GRITANDO) Salve a vida! Salve a morte! Salve o povo!Salve-se quem puder!

-MUDO E MUDA FICAM SÓZINHOS. OLHAM-SE EM SILÊNCIO.

* CORTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0616, P.7

6 - Slides- PERFIL DE FÁBRICAS.

-LENTAMENTE, UM DE CADA LADO, O MUDO E A MUDA SOBEM AO PALANQUE. LARGOS ESPARADRAPOS SOBRE A BÓCA. VÃO PARA DIANTE DOS MICRO-
-nes. COMEÇAM A GESTICULAR COMO QUEM DISCURSA PARA UMA GRAN-
-DE MASSA. MÍMICA. SILÊNCIO ABSOLUTO. DEPOIS DE ALGUNS SEGUN-
-DOS OUVEM-SE EM B.G. A CANÇÃO "ESPANTO QUE TE ESPANTA A
GENTE" QUE VAI AUMENTANDO AOS POUCOS. QUANDO A CANÇÃO CHEGA
AO CLIMAX, ESTANCA DE REPENTE. MUDO E MUDA VOLTAM-SE UM PARA
O OUTRO COMO SE ESTIVESSEM DESPERTANDO. SENTE QUE O ESPARA-
DRAPO OS INCOMODA, IMPEDE QUE SE FALEM. PASSAM O BRAÇO SOBRE
A BÓCA, DESAJEITADAMENTE, PROCURANDO ARRANCAR O ESPARADRAPO.
NÃO CONSEGUEM. IGNORAM QUE SERIA SIMPLES ARRANCÁ-LO COM AS
UNHAS, PARECE QUE PELA PRIMEIRA VÊZ TOMAM CONHECIMENTO UM DO
OUTRO. COM O TATO PROCURAM CONHECER-SE. O TATEAR DE SIMPLES
RECONHECIMENTO DÁ LUGAR A CARÍCIAS. (MÚSICA PASSA A ACOMPANHAR
A AÇÃO)

SOLDADO SURGE E OS OBSERVA SEM SER PERCEBIDO. OS MUDOS ESTÃO
NO MAIOR ENLEVO.

SLIDES- - SOBREPÕE-SE AO PERFIL DE FÁBRICAS ROSTOS DE GENTE DO POVO,
OPERÁRIOS E CAMPONESES, HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS, MOÇOS
E VELHOS. MUDO E MUDA QUEREM BEIJAR-SE. O ESPARADRAPO IMPEDE
AGONIA. POR FIM DESCOBREM QUE PODEM ARRANCAR O ESPARADRAPO
UM DO OUTRO COM OS DEDOS. ANSIOSOS ESTÃO PARA LIBERTAR-SE
DO ESPARADRAPO QUANDO O SOLDADO CORRE PARA LIGAR O APARELHO
DE TELEVISÃO. A LUZ BRILHANTE DO APARELHO TEM UM EFEITO
MÁGICO SOBRE OS MUDOS. COMO QUE HIPNOTIZADOS, ÊLES PARAM NO
MOVIMENTO. COMO AUTÔMATOS VOLTAM-SE PARA O APARELHO E CAMI-
NHAM ATÉ ÊLE. SENTAM-SE DIANTE DO TELEVISOR;
(EXPLODE MÚSICA DE TRILHA SONORA DE FILME MUITO M.G.M.)

Slides- - CLOSSES DE ÍDOLOS DO CINEMA e T.V.-BEIJOS FAMOSOS-
AMBIENTES LUXUOSÍSSIMOS - JAMES BONDE etc. - -AS LUZES ACENDEM-
SE EM RESISTENCIA. ESTÁ FORMADO UM VERDADEIRO AMBIENTE BURGUES
APARELHOS ELETRODOMÉSTICOS, POLTRONA, MESA, CADEIRAS, SANITA
CEIA, ALTAR. MUDO E MUDA CONTINUAM DIANTE DA TELEVISÃO...
MOÇA VAI SENTAR-SE TAMBÉM DIANTE DA TV.
SOLDADO TIRA O BONÉ. DESABOTA O DOLMAN E SENTA-SE APARENTAN-
-DO ENORME CANSAÇO, NA POLTRONA. ESTICA A PERNA.
SENHORA VEM CORRENDO PARA TIRAR AS BOTAS DO SOLDADO.

Senhora -Cansado?

Soldado- Aborrecido!

FALTA
LETRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P. 8

7. Senhora - Por causa dêle?

Soldado - (ASSENTE) Ele continua perturbando a paz da família!

Senhora - Bobagem. Coisa de moço! Mais alguns anos e êle esquece tudo isso!

Sold.- Não se iluda!

Senhora- Eu acho muito compreensível. É uma repulsa muito juvenil à disciplina. Mais tarde quando vierem as preocupações reais êle vai compreender!...Eu acho até bonito um môço assim, que se expõe, que se manifesta; sinal que tem ideal. Eu acho bonito um idealista!

Soldado- ~~Liberal imperfeita é o que você é, minha velha!~~ Mas você não enxerga um palmo diante do nariz...(ABRÇA-A COM CARINHO) Êsse moço não tem mais jeito, perdeu a fé. Desrespeita todos os valores! Já não tem nem a noção de decência, de honra, de obediência!

Senhora- Olha só quem fala! (BEIJA-O NA TESTA) Parece até que nem foi aquêle moço impetuoso, de fuzil na mão, lutando de peito aberto...Não vem com coisa não que você foi muito revolucionário, meu bem!

Soldado- Revolucionário é uma coisa. Baderneiro é outra! Vou ter de tomar sérias providências. É preciso dar o exemplo!

Senhora- Não exagera. Dá mais uma oportunidade ao rapaz. Quem sabe eu falando...

Soldado- Não se intrometa nisso. Trate de manter a casa trabalhando. As outras questões são comigo...Vou ensinar a êsse môço o que é autoridade...Afim de contas nossa tradição conta ou não conta!?

Senhora- Claro que conta!...Mas e... o outro?
HIPPIE APROXIMA-SE, FAZ UM ACENO AOS DOIS.
SENHORA MANDA-LHE UM BEIJO. ÊLE RETRIBUI.

Soldado- Êsse aí?...Êsse não faz mal a ninguém!

Senhora- Às vêzes êle me assusta!

Soldado- (RI) Pois é exatamente o que êle quer. Ser notado...No fundo, um questão de carência de afeto. Precisamos ser mais carinhosos com êle...

Senhora- E o outro não será também carência de afeto?

Soldado- ~~Coisa nenhuma.~~ Mau caráter é o que êle é! Dissolvente. Muito cheio de idéias! Êsse aí, não. Não merece perigo! O outro tem máus instintos. É uma descrença. Quer nos levar ao caos. Êsse aí, não. Ao contrário. Êle lamenta o caos...e canta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, P. 9

8. ~~O outro é agressivo, agressivo mesmo quando canta. Mexe-se demais, fala muito... Questiona tudo. Não se convence que o que é, é e está acabado. É um maníaco do devir... Esse aí, não. Ele se pinta e se satisfaz!~~

OUVE-SE UMA SIRENE DE FÁBRICA.

MUDO E MUDA DEIXAM A TELEVISÃO E COMEÇAM A TRABALHAR...

SOLDADO VAI A UM CANTO DA SALA, DESCALÇO. PEGA UM ESTOJO ABRE-O E SORRI SATISFEITO. VOLTA PARA JUNTO DA SENHORA COM UMA METRALHADORA NOVINHA EM FOLHA.

Sold.-Olha! Não é linda?

Senhora-(CHARMINHO DE APAVORADA INDEFESA) Não chega perto com isso!...

Não gostos dessas brincadeiras!

Sold.- Bôba!...Não tem perigo!... Não é linda?

Senhora-Não vejo beleza nisso!

Sold.- Por que às vezes você me desaponta?! É! Saber apreciar determinadas coisas é uma questão de cultura!

Senhor.-Não consigo apreciar isto!

Sold.- Dá tempo ao tempo... Você vai acabar apreciando, minha velha! MOÇO ENTRA SEM SER PERCEBIDO. FICA OBSERVANDO OS DOIS. NUM REPENTE, ARRANCA A METRALHADORA DAS MÃOS DO SOLDADO, QUE SURPREENDIDO, OLHA ASSUSTADO PARA O MOÇO.

Moço- Linda, não é?

Sold.- Largue isso!

Moço - (APONTANDO A ARMA PARA O SOLDADO COMO POR ACOSO) Linda, não acha?

Solda- Me dá essa arma!

Senhor.-Pelo amor de Deus, não brinque com isso... Pode disparar!

Moço- Quantas balas por segundo?

Sold.- Você não entende disso!

Moço.- Não é só puxar o gatilho?

Sold.- É necessário arte! Saber mirar... E mirar certo!

Moço - Pois então, vamos lá!

FAZ UM MOVIMENTO COMO QUEM VAI ATIRAR EM DIREÇÃO DO SOLDADO. ÉSTE FECHA OS OLHOS, ESTUFANDO O PEITO.

Moço.- Ainda acha que é linda?

Sold.- (A SENHORA) Vê como tenho razão! É um desordeiro! Tem tudo de assassino!

Moço- Então, já não acha mais tão linda?

Sold.- Vamos acabar com a brincadeira, mocinho. Largue isso e saia daqui!

Moço - Tudo uma questão de perspectiva, não é? Quando você segura é linda! Na minha mão é pavorosa... Compre mais algumas! Eles são...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0636, P.30

90

9.---...estão aperfeiçoando, estão vnz mais... Preciso de ocasião! Milhares de balas por segundo... Quanto mais melhor!...

Sold.- Você vai se arrepender! (À SENHORA) Vamos!

SAEM COM TÔDA A DIGNIDADE. SOLDADO DE DOLMAN ABERTO E DESCALÇO. ELA CHOROSA E TRÔPEGA.

O MOÇO FICA COM A METRALHADORA NA MÃO. DÁ UM GRITO DE VITÓRIA. FINGE QUE ATIRA ENVOLVIDO NUMA ENORME BATALHA. IMITA OS TIROS COM A BÔCA. LEVANTA A METRALHADORA NUMA SAUDAÇÃO, ADQUIRE POSES ESTILO POETA EM "TERRA EM TRANSE"...CORRE EMPUNHANDO A METRALHADORA. VERDADEIRO BALLEET. O HIPPIE OLHA TUDO DIVERTIDO. O MOÇO CONTINUA NA REPRESENTAÇÃO DA BATALHA FAZENDO SONOPLASTIA COM A VOZ. FINALMENTE, FINGE QUE ESTÁ FERIDO. CAI... ARRASTA-SE ATÉ A MOÇA QUE VÊ TELEVISÃO DEITA A CABEÇA NO COLO DELA. FINGINDO QUE ESTÁ A MORTE, GEME. SEGURA A MOÇA PELA NUCA E OBRIGA-A A BEIJA-LO. DEPOIS NUM MOVIMENTO RÁPIDO, SENTA-SE SORRIDENTE.

moço- Morte bonita, não?

moça- Bacana! Me arripou!

moço- Melhor morrer assim do que viver assim!

Moça- (ABRAÇANDO-O) Não quero que você morra!

moço- ~~Se preciso fôr... A gente não pode ter medo!~~

Hippie- Hei! Por que não atirou pra valer?

moço- HUM?

hippie- ~~Porque não atirou de verdade?~~

moço- Em quem?

Hipp- Nêle, ora!

moço- (ESPANTADO) Atirar nêle?

Hipp- (DIVERTIDO) Por que não?

moço - Você atiraria?

Hippie- (RI MUITO) Prá começar eu nem pegava nisso aí! Não sou de dar tiro, não!

Moço - (PENSATIVO) Mas não é que eu podia ter atirado mesmo?!...

Imaginou que bôlo, rapaz!

Hippie-E prá que você ia atirar?

moço - Prá ~~xxx~~ me livrar dêle!

hippie-~~xxxxxxxixxxxi~~ Pra que?

~~mmmm~~

Moço - Prá ser livre!

hippie-Prá que?

moço - Porque estou cheio, tá bom?!

hippie-(IMPETURBAVEL) Por que?

moço - Você não está?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P. 11

- 10.
- Hippie - Eu não! Sou feliz!
- Moço - (INCRÉDULO) Ha!..., (A MOÇA) E você?
- Moça - (ATRAPALHA-SE) Eu...eu...eu gosto de você!
- Moço - Tá bom! Mas independentemente disso, você não está cheia?
- moça - Sabe... Sabe que eu não sei?! Nunca pensei nisso!
- moço - Você nunca pensou isso sim...
- moça - Pode ser.
- moço - Ele fica aí, gastando. Comprando metralhadora. Não te mendou prá escola!
- moça - Mandou sim. Fiz o curso. Sou professora!
- moço - Não é isso que eu estou dizendo! Vê se me entende. Generaliza, pô!
- moça - Então o que é?
- moço - Sei lá, agora perdi o fio!
- moça - Você estava falando da escola...
- moço - Não. Da metralhadora! Não foi isso que eu disse?
- Moça - E aí eu disse que gosto de você...
- moço - E eu de você. Por isso mesmo!
- moça - Por isso mesmo o que?
- Moço - O que, o que?
- moça - De gostar...
- moço - (NUM BERRO) De atirar nêle!
- moça - Bobinho...Tudo brincadeira. Ninguém atira. Aqui. Aqui em casa ninguém atira!
- Hippie- Pois é! Se devolve tudo no: "vamos lá, deixa disso! Ora, ora!... Alô, como vai?... Deixa prá lá, eu dou um jeito!... Amanhã, está bem?!... (PINGINDO TELEFONAR) Alô, compadre?...É!...Nós vamos fazer uma revolução, viu?...É!...Eu estou com dois exércitos, você está com quantos? Sem nenhum?...Então você perdeu, viu compadre! Não liga, não...Depois a gente arruma prá você uma "sunabezinha", um servicinho de proteção aos índios, tá bom?... tá certo... Quer dizer que você se rende, não é? Ótimo! Até mais, compadre!..." - "Mãos ao alto! - "Deixa de bobagem!"...
- Moço - Palhaço! ... (à MOÇA) O que é que você estava mesmo dizendo?
- Moça - Que gosto de você!
- Moço - ~~Agora já não sei mais...~~ Não era isso!...Eu queria... Está errado
- Hippie- Gritando que nem bôbo. Sem ninguém ouvindo! Gritando prá ela, prá mim?
- moço - Eu sei que tem saída...
- Hippie- ~~Precisa ser uma de emergência...~~ E os teus amigos que entende disso, cadê eles?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0636, P.12

11.-
 moço - Que amigos?
 Hippie- Aquêles, pombas! Aquêles que pensavam prá burro!...
 Moço - Quais?
 Hippie- Aquêles, ô cara! Os esclarecidos paca!
 moço - Ah, êles?!
 hippie- Lembrou, não é? Então, cadê êles?
 moço - Por aí.
 Hippie- Aí onde?
 Moço - Dando duro por aí.
 hippie- Mas onde?
 moço - E eu ~~xxx~~ lá sei? Não podem aparecer, é perigoso!
 hippie- Se escondenram?
 moço - Faz tempo!
 hippie- Procura, êles.
 Moço - Difícil... Se esconderam tão bem que nem mesmo êles se encontram...
 E depois, prá quê?
 hippie- E então?
 moço - O que eu quero, o que eu sinto... eu é que sei!
 hippie- Que vai fazer?
 moço - Não enche, tá bom?
 moça - Eu gosto de você!
 Moço - Você já disse isso!
 moça - Eu ajudo você!
 moço - (AFLITO) Mas não assim!... Não assim!
 moça - Diz! Como é que você quer?!
 moço - (AFASTANDO-SE RÁPIDO, ABRACANDO A METRALHADORA) AaaaaaaH!
 hippie- (NA GUITARRA, CANTANDO)

Oi, você aí de cima o que é que vê?
 Está olhando prá frente, ou olhando prá trás?
 Vá dizendo, vá contando, na certeza do que vê!
 Diz o certo, diz o errado, mas vá dizendo o que vê!
 Tem um mundo embananado, sem saber o que fazer!
 Olha em volta, firma a vista, vai dizendo o que vê!
 Tem gente perdendo o norte.
 Tem moço querendo a morte,
 Os velhos teimando em viver.
 Tem um mundo embananado sem saber o que fazer!

O MUDO E A MUDA APROXIMAREM-SE DO HIPPIE E OUVIRAM ATENTAMENTE A CANÇÃO
 A MOÇA FOI ATÉ O MOÇO E ABRAÇA-O CARINHOSAMENTE PELAS COSTAS. HIPPIE AO
 FINALIZAR A CANÇÃO OLHA PARA OS CRIADOS MUDOS COM AR IRÔNICO DE TROÇA.

RR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0616,813

120

12.---

hippie -(ENGROSSANDO A VOZ, CÔMICO) Proletários do mundo inteiro, univ-
vos! (VAI ATÉ OS DOIS E JUNTA-OS UM DE FRENTE PARA O OUTRO).
Assim!... Bem unidinhos! Pronto! Aí está a salvação do mundo!

(PAUSA. EXAMINA-OS CUIDADOSAMENTE DOS PÉS A CABEÇA) Como des-
crevê-los? - Espalham-se pelos campos e pelas cidades, vão se
alastrando, alastrando! Não falam, tartamudeiam. Mãos enormes
e grossas em desproporção com o corpo. Carência de dentes na
boca de lábios murxos. Servís, Traíçoeiros. Indolentes por
doença ou convicção. Aí está a salvação do mundo!

Moço - Para com isso!

Hippie- Apreciadores da cachaça, Maldosos. Violentos entre si. Cordei-
-ros diante dos poderosos. Entre uma imagem sacra barata e uma
obra de ~~Modi~~, Goya, Mondrian, Picasso, preferirão sempre a
imagem sacra barata!

Moço - Para com isso ou te parto a cara!

hippie- Entre Teixeira e Chico Buarque de Holanda, estarão sempre com
o Teixeira!

moço - Os senhores do mundo, isso sim! São maioria, Milhares nas mesmas
condições... São os que trabalham!

hippie- Chavão! Linguagem viciada, mofada!

Moço - E você, bom môço, que fala tanto. Que é que tem prá propôr?

hippie- Nada. Não tenho nada prá propôr. Tenho só prá despropôr. Por
que não? Por que não?

moço - Individualista!

hippie- Quadrado!

moço - Reacionário!

hippie- Gorila de esquerda!

moço - Impotente, Castrado!

MANCHETES COMEÇAM A SER PROJETADAS. A MOÇA OLHA PARA OS DOIS QUE SE IN-
SULTAM E PARA AS MANCHETES PROJETADAS. VAI FICANDO ABERTA E TENTA CHA-
MAR A ATENÇÃO DOS DOIS.

MANCHETES: ~~Pare amanhã aumento de gasolina.~~

~~Leite e pão mais caros. Aguardam-se novos aumentos.~~

~~Guerrilheiros no Capangá.~~

~~Incêndio em S. Paulo. Frente Ampla em ação!~~

~~Menagem opositora de governo.~~

Israel invade Jordânia

Novo Conflito Racial nos Estados Unidos.

Mortos mais 1.348 Vietcongs. Aliados não revelam baixas.

RODÉSIA, apesar do papa, Ian Smith continua matando nêgros!
REINA PÁZ E TRANQUILIDADE EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL.

⊗ CORTAR, FACE PORTARIA
MINISTERIAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P. 34

13. hippie- ~~Antolhos~~. Viseira de mula!
 Moço - Pacifista decadente!
 Hippie- Fascista!
 moço - Revisionista
 MANCHETES: CORRIDA DO OURO.
 Cuidado com De Gaulle.
 Agrava-se conflito sino-soviético.
 URSS X CUBA
 Reunião de PCC. Romênia retira-se.

Hippie- ...ista!
 moço - ...ista!
 hippie- ...ista!
 moço - ...ista!
 Moça - Escutem!...Olhem prá cá!...
 moço - ~~Não se meta!~~...Vou te mostrar, safado! Eles aí, ó... (APONTA OS
 MUDOS) eles ~~é~~ é que vão te mostrar!...Agora você vai ter de ouvir!
 Eu vou conseguir que eles falem!

MUDO E MUDA QUE ESTAVAM TRABALHANDO E OBSERVANDO SE ASSUSTAM
 moço - (POSSESSO) Venham cá!...Arranquem essa coisa da boca. Ninguém
pode viver de mordada!... Contem prá êsse alienado!... Êle pre-
cisá saber o que o povo quer, o que o povo sente... venham cá!

MUDO E MUDA SE ASSUSTAM. QUEREM CORRER DO MOÇO.
 Moça - Não precisa se assustar, não! Êle é amigo de vocês... Não
 precisa ficarem desconfiados!

hippie- Preferem Teixeira e Chico Buarque de Holanda! Quem fêz revo-
lucões? Iênin, um intelectual, fidel, advogado, Guevara, médico;
marx, judeu...

moço - E o povo na rua! O povo e as teses de abril!...Venham cá!...
Falem de uma vêz!

MOÇO E MOÇA CORREM ATRÁS DOS MUDOS. GUITARRA ELÉTRICA ACOMPANHA.
 FINALMENTE, MUDO E MUDA SÃO AGARRADOS.
 moço - (SÓFREGO, ARRANCANDO O ESPARADRAPO DA BÓCA DOS DOIS) Pronto!...
 Agora podem falar!...Podem falar!...Falem!

SILÊNCIO. MUDO E MUDA MEXEM OS LÁBIOS COMO PARA SENTÍ-LOS ESTÃO ADORNECIDOS)
 Moço - Pode falar!
 SILÊNCIO. MUDO E MUDA SE ENTROOLHAM.
 moça - Estão entre amigos. Podem falar!
 Hippie- Olha aí, se não sabe falar, canta! Eu dou o tom. Mete lá:
 Churrasquinho de Mãe...Um, dois e...
 Moço - Cala a bôca! Não liguem prá êle! É um alienadão metido à besta!
 Vamos conversar, eu sei que vocês tem um mundo de coisas prá
 dizer...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.15

- 14.... MUDO E MUDA EMITEM UM SOM ESTRANGULADO. 14 B
- moço - Agora vão falar!...Presta atenção! Hoje é um grande dia!
vamos, companheiro, ~~diz alguma coisa!~~ Diz o que você está sen-
tindo, o que está achando disso tudo! Nem que seja só palavrão!
- Mudo - (COM DIFICULDADE) Sem...entrada... Em suaves... prestações...
- Muda - Quem dá...aos pobres... empresta...a Deus...
- Mudo - (COM MUITA DIFICULDADE) Mais vale... um pássaro na mão... que
o telhado do vizinho...
- Muda - (COM MAIS FACILIDADE) Com os protestos da mais elevada estima
e consideração+
- mudo - O homem põe... Deus dispõe...
- muda - Como va passando? E os seus, como estão? As crianças vão bem?
- mudo - (CANTANDO) Viva dá Mustang! Viva dá Mustang!
- muda - Dinheiro não traz felicidade, mas é melhor chorar com dinheiro
no bolso!
- mudo - Cabral descobriu o Brasil pela Varig!
- muda - Ave-Maria, cheia de graça...(CONTINUAM A RESA. OS DOIS SE ANIMAM.
AGORA FALAM RÁPIDAMENTE)
- MUDO + (DURANTE A RESA)Seu talão vale um milhão! Meus pêsames! Parabens
a você! Amém! Lave mais branco! Alô, quem fala? Ajude a manter
a cidade limpa! Respeite seu superior! OMO!
- Muda - Gooool! Que bola, bola!
- Mudo - Eu amor, dr. Fernando...Onde está Mario, Mario...Ângela...
(SONOPLASTIA COM A BÓCA)
- Muda - E foi ao ar mais um capítulo de "Redenção";
- Mudo - (Cantando) Viva dá Mustang! Viva dá Mustang!
- muda - Apito.
- mudo - Seis horas.
- muda - Apito..
- mudo - Almoço.
- muda - Apito.
- mudo - Condução.
- muda - Apito..
- mudo - Jantar.
- muda - (NUM GRITO BEM DE CORTIÇO) Hoje não tem janta!
- mudo - Dormir.
- muda - Apito.
- mudo - Seis horas.
- muda - Apito.
- Mudo - Marmita.
- OS DOIS- Salve lindo pendão da esperança,
Salve símbolo augusto da paz!

CORTAR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0636, P.16

- 15...
 muda - Família que reza unida, permanece unida!
 Moço - Pára! Pára!
 hippie- Aí está a salvação do mundo! (RI)
 moça - Deixa êles em paz!...Deixa êles!
 Moço - Coisa nenhuma!...Sacode a cabeça, mano. Procura pensar! É você, sim. Você existe, vive, tem nome, está aí. Você pode pensar sózinho juro que pode...Você acha que se as vacas pudessem conversar entre sí, elas iriam para o matadouro?
 Muda - E que tudo mais vá parao inferno, ô, ô!
 Mudo - (COM A VOZ IMPOSTADA DE TENOR, CANTA UM TRECHO DE "LIVRE", SEGUNDO AGNALDO RAYOL)
 moço - Pelo menos estão falando...(quese EM DESESPERO)
 mudo - Viva dá Mustang!
 moço - Porque chegará uma nova era!
 muda - A palavra é?!
 moço - Quaisquer que sejam os êrros dos homens...
 MUDO - Pernachia! (FAZ COM A BÓCA)
 moço - QUAISQUER QUE SEJAM AS CONDIÇÕES equivocadas que tratem de dificultar o caminho!...
 Hippie- (CANTANDO) Por que não? Por que não?
 MUDO E MUDA PARAM.NOVAMENTE PARECEM TOMAR CONHECIMENTO UM DO OUTRO.
 Moça - (PEGANDO O MOÇO PELO BRAÇO) Olha!
 MUDO ESTENDE OS BRAÇOS PARA A MUDA, ELA CAMINHA LENTAMENTE PARA ELE. COMO EM SONHO. HIPPIE INTERESSA-SE E APROXIMA-SE? OBSERVANDO(de cócoras)
 mudo - (FALAM COM EMOÇÃO. QUASE UMA CANÇÃO)
 Teu nome não é Maria?
 muda - É sim. E o teu é José!
 mudo - Teu nome é Rosa...
 muda - E Pedro é teu nome.
 mudo - Lavrador de profissão!
 muda - Fazedor de obras. Mestre pedreiro!
 mudo - Servente só. Fui bom é carpina!
 muda - Fez casa prá mim...
 mudo - Com essas mãos...
 muda - No tempo livre...
 mudo - Em cada feriado nacional...
 muda - Pegou fogo!
 Mudo - Fogo posto. Ateado...
 muda - Milhões de filhos tivemos...
 mudo - Poucos vingaram...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0636,P.17

16 B

16.
 muda - Tem mais prá vir.
 mudo - Prá fazer...
 muda - Prá morrer...
 mudo - Que pasa? ...Pues que me han dado los hombres el deseo de ser hombre!
 muda - Que tudo o que existe tem a marca dos homens... Do meu homem!
 mudo - Viveremos!
 muda - Venceremos!
 mudo - (CANTIGA) Hay, Hay, Concita...Que falta siento de tu calor!
 De três punhais faço vassoura
 Limpo o mundo pro meu amor!
 muda - (RI COM DENG0) (DEPOIS SOBE AO PALANQUE E DIANTE DOS MICROFONES, TRANSFORMANDO-SE, ENVOLVENDO-SE NUM XALE)
- Parí muito, seu moço; Parí homem e mulher! Pará louro, moreno e mulato, pará nêgro, teve um ruivo até que eu paí... Dos que não morreram logo, muitos morreram depois... bem nos anos da melhor esperança. Muitos vingaram, de tôda côr. Tudo filho meu; Prá todos o mesmo beijo na testa apressado, o mesmo pirão, o mesmo conselho: Pé no mundo que o mundo é teu! - Um acreditou que devia ser verdade. Cresceu, botou bigode e ficou zangado, fuçando, descobrindo, perguntando, atigando, reclamando, brigando e mais brigando,.. Até que morreu de bala na testa. Bem no ponto do meu beijo, com a mesma pressa. Bem alí no encontro das sombrancelhas. Fiuzinho de sangue regando a terra, que passou a alter donó... Ninguém mais esqueceu. Dos vivos e mortos que ~~teve~~ ~~foi~~ o que mais cresceu...
- SOLDADO APARECE, VAI RÁPIDO LIGAR A TELEVISÃO.
 SLIDES: Aviões de combate
 Som: Roncos de motores de avião.
 mudo e muda apressados, recolocam OS ESPARADRAPOS E COMO AUTÔMATOS VÃO ATÉ A TELEVISÃO.
 Soldado- (SEGURANDO O MOÇO PELA GOLA) Última advertência. Não tolerarei mais. Estou sendo clemente, portanto injusto! Farei justiça!
 Que não te apanhe em próximo flagrante. Atitude inequívoca. Pertubação consciente da ordem. Agitação. Aproveitamento ignorância gente boa fins excusos. Última advertência.
- Moço - (IMITANDO PALA TELEGRÁFICA) Não tem registro. Adverte nome de que?
 Soldado-Tranquilidade, progresso, paz, ordem!
 moço - Os esquifes estão em ordem.
 Em orden as estatísticas das muitas mortes.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0616, P.18

17.- ...Computado o desespero em silêncio.

~~A perplexidade em ordem~~

Todos se vão perdendo em ordem...

Em ordem o arrivismo,

~~O comodismo em ordem,~~~~A ordem é ordem do dia...~~

Em ordem o ordenado, em ordem?

A ordem é fome...

SOLDADO BATE OS TACÕES E SAI RESOLUTO.

Senhora- (VESTIDO DE BAILE) (APROXIMA-SE DELE. RETOCA A MAQUIAGEM OLHANDO-SE NUM ESPELHINHO) Por que você fala assim? Tão jovem e tão amargo. Meu, filho, é preciso ter paciência... É próprio da juventude sorrir. Por que você não se diferte um pouco...Vai na minha bolsa, pega o dinheiro... Deixe para nós as preocupações, nos os mais velhos, os mais maduros...

moço - De tão maduros apodreceram!

Senhor- Que é isso, filho? Deus queira que ele não tenha ouvido... estou do teu lado, sabe? Compreendo o que você sente...Pensa que não me revolto também? Não podemos é ter pressa. Com o tempo tudo se ~~xxxxix~~ ajusta... Afinal, progredimos nesses séculos, ou não? Não deixa essa cabecinha torturada inventar locuras... Tudo se resolve, meu anjo. Uma conquista aqui, outra ali, e os problemas se resolvem por sí. Confia em mim. Tenho experiência, sabe? Há muito que vivo com ele... Ele é bom, sabe? Certo que as vezes parece rígido demais, outras vezes até mesmo se equivoca e comete seu errozinho. Mas e daí? É um bom pai de família, sabe?

SOLDADO VAI ATÉ O ALTAR. SENHORA RORRÍ PARA O MOÇO GUARDA O ESTOGINHO E VAI AJOELHAR-SE JUNTO AO SOLDADO.

REFLETOR SOBRE O MOÇO NUMA ATITUDE HAMLETIANA; FINGINDO SEGURAR UM PUNHAL.

moço - Agora poderia fazê-lo! Agora que ele reza!...E vou fazê-lo!

moça - (ABRAÇANDO-O) Tolinho!... Vamos ao cinema!...Ela tem razão! Tudo aqui em casa é diferente. Família grande, casa enorme. A gente só pode resolver as coisas do jeito da gente. Vamos ao cinema! No fundo ninguém quer mal a ninguém... O mal que se faz, é o que sempre foi feito...Vamos ao cinema...É tudo uma... questão de entendimento...É necessário desarmar os espíritos!... Vamos ao cinema...Mais confiança, mais compreensão...

FILME - (CENAS DE FAR WEST)

Moço - Já não entendo mais nada...Que é que eu sou? Burro, covarde!? Que que há comigo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0616 P.19

18..-

HIPPIE- (COM A CANÇÃO DO SUBDESENVOLVIMENTO) Embananamento, embananamento embananamento sem igual...

moço - Mas o diabo é que eu me sinto responsável...Agora, eu sou responsável...Maldita consciência!...(SAI CORRENDO)

MOÇA CORRE ATRÁS DO MOÇO. CESSA O FILME, LUZ SOBRE O ALTAR. SOLDADO E SENHORA TERMINAM DE REZAR; PERSIGNAM-SE E VÃO SAINDO. HIPPIE COM A GUITARRA FAZ ACOMTANHAMENTO LITÚRGICO. OS MUNDOS ACÇORAM-SE OBSERVANDO O HIPPIE. ELE PEGA UMA GARRAFA DE WISKI E SERVE-SE.

Slides- PROPAGANDA DO WISKI

HIPPIE VAI A UM CANTO E TRÁS UMA FOTOGRAFIA DE GUEVARA E COLOCA-A NO ALTAR.

SLIDE: FOTO GUEVARA AUMENTADA

HIPPIE SUBSTITUI A IMAGEM DE SANTO POR "CHE". SENTA-SE DIANTE DO ALTAR NUMA POSIÇÃO YOGA. BEBE E LEVANTA O COPO COMO SAUDANDO O RETRATO;

Hippie- Bôa machão!...Ave tua impulso, ave tua consciência;

Ave tua coragem, ave teu individualismo;

Ave o romantismo perdido, ave teu sangue...

Ave meu comandante, três vêzes ave.

Ave teu carinho, ave tua feroz ternura;

Ave tua desorden.

De minha imensa covardia, levanto esta prece;

Do despudor que me dá a consciência,

Levanto esta prece...

~~Qual pior tortura? A tua? A do ser agindo?~~

~~Qu a minha, de minha pobre condição?~~

Ave os mistérios do anôr tão amplo,

Ave comandante da história:

Pecador me confesso.

Qual a sorte real dos homens, não me importa;

~~Não me importa, não me importa!~~

Ave o indivíduo que admiro por ser fulgurantemente,

~~Enormemente, inequívocante~~

Indivíduo...

Que o tanto anôr não me importa

Que a imensa fé em nós, não me importa. ...

Só me importa esta morte, tão linda e crua...

Ave comandante de intrincada teia,

Três vêzes ave...

~~Sei que existo, pois exististes...~~

Não sou como tu,

E te critico.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0616, P.20

19.... (EXALTANDO-SE) ~~E te crítico...~~

Critico sim, do fundo do meu comodismo!

Que estavas pensando?

Que sentiriam todos como sentiste?

E por que sentiste assim?

Criminoso aventureiro!(ESTÁ BÊBADO.LEVANTA-SE

E CAMBALEIA)

Então não vês o que fizeste?

Depois do teu sangue derramado,

O que resta? O que resta,

Desgraçado!

Levantaste o homem muito alto,

a alturas já esquecidas...

~~Despertaste um mundo imenso e silencioso...~~

Acendeste o rubor da vergonha em cada face

Deste esperanças demais! honesta!

(ATIRA O COPO NO RETRATO)

Prá que desmistificar um processo lindo

e calmo, tépido, de tardes quente de sol?

Não vês que encostastes a todos nós na parede?

Dividiste tudo num sim e não brutal?

Prá que dar consistência as coisas

e mostrar que de um tiro sai sangue

e que a morte é feia e triste e... necessária!

Façamos o amor, não a guerra!

E quiseste provar ao mundo

Que há mais amor no ra-ta-tá

de tua metralha do que num coral de preces?

~~S. Jogo contra o dragão?~~

E eu? E eu?

Não abduco do que conquistei...

Queres mostrar que sou responsável pelo mundo?

Não é do meu feitio.

Por isso canto, grito e me dopo!

No tonteio da marijuana,

Protesto, berro e me afano,

Suo, ano, ano e mais ano

Na saudade enorme, imensa

Do tiro que não posso, não quero dar!

FURIOSO DÁ ACORDES REPETIDOS, RAIVOSOS NA GUITARRA E SAI.

MUDO E MUDA VÃO ATÉ O RETRATO. LIMPAN-NO. MUDO GUARDA O RETRATO DENTRO DA CAMISA. -DESAPARECE SLIDEZ-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.21

2o...- ENTRA SOLDADO AGITADÍSSIMO SEGUIDO DA SENHORA: 200

Sold.- É inútil. A decisão foi tomada!

Senh.- Mais um pouco de paciência. Deves ser mais liberal!

Sold.- Já fui em demasia. Se não agir depressa, peço por omissão!

Senh.- Pelo amor de Deus, ouve-me! Ele é nosso, não é? Muito jovem ainda por isso se ilude!

Sold.- Já exgotou nossa paciência. Pelos corredores, aliciando gente, gritando pelos campos, com faixas e cartazes! É a anarquia! É o retorno! Será punido!

Senhora.- E as liberdades, os direitos do homem...?

Sold.- Não há lei que justifique que se arrisque a unidade da família!

Senh.- Ouve! Bem sabes o que já fiz! Troquei a calma do lar pelo turbilhão das ruas. Caminhei em nome das tradições, da família, de Deus e da liberdade... Sabes que podes contar comigo!... Mas agora, é nosso filho!

Sold.- Foi meu filho, já não é!

Senh.- Piedade!

Sold.- Cumprirei meu dever!

MOÇO SURGE DO OUTRO LADO SEGUIDO PELA MOÇA. VEM AGITADO ARMADO DE PORRETES.

moço - Ven comigo, ou não vem. Decide de vêz!

moça - Já escolhi. Vou! Vou sim!

moço - Pela tua cabeça, sabendo o que faz?

moça - Sei lá! Eu vou... É o que sinto!

moço - Me dá a mão!

AMBOS CORREM PARA A TELEVISÃO. O SOLDADO INTERPÕE-SE.

Sold.- Nem mais um passo. Para trás! Estão presos!

moço - Sai da frente!

Sold.- Um passo a mais e é o fim!

moço - Sai da frente, já disse!

moça - Cuidado

COM UM PORRETAÇO, MOÇO DESTROI O APARELHO DE TELEVISÃO

MUDO E MUDA, ARRAMCAM NO MESMO INSTANTE OS ESPARADRAPOS E DEIXAM ESCAPAR UM GRITO DE ALEGRIA. JUNTA-SE AO MOÇO QUE LHES ENTREGA DOIS PORRETES.

Sold.- Pela última vêz. Renda-se!

moço - Isso nunca!

OUVE-SE UM DISPARO COM ÉCO.

SLIDES: CAPITÃO AMÉRICA (FIGURA JÁ FAMOSA DOS POSTOS DE GASOLINA)

O MOÇO LEVA A MÃO AO PEITO E VAI CAINDO LENTAMENTE

TODOS OBSERVAM SILÊNCIO... TUDO MUITO X LENTO.

SLIDES OU FILME. DETALHES DO CORPO QUE CAI. OLHOS. MÃO CRISPADA. BÓCA ABERTA NUM GRITO.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, P.22

21.

Sold.- Vamos circular! Vamos circular!

Hipp.- (ENTRANDO COM UM MICROFONE. AO SOLDADO) Tem algo a declarar?

Sold.- Minha mensagem é de otimismo. Nosso déficit não dá para assustar ninguém. O possível está sendo feito. Tivemos muitos êxitos que nos orgulham nos diversos setores. Educação, saúde, transportes, particularmente nas tele-comunicações...

Hipp.- (À SENHORA) TEM ALGO a declarar?

Senh.- Meio quilo de farinha de trigo, uma dúzia de ovos, bater bem, uma pitadinha de sal, duas xícaras de leite e açúcar a vontade. Bater bastante. Depois levar ao forno... Depois é simples é só deixar esfriar!

Hipp.- (À MOÇA) TEM ALGO A DECLARAR?

moça - Não, nada! (PEGA UM PORRETE E VAI PARA JUNTO DOS MUDOS)

OS TRÊS COMEÇAM A QUEBRAR TUDO QUE ENCONTRAM. SOLDADO ARMADO CORRE PARA ELES, QUANDO CORRE ATRÁS DE UM O OUTRO CONTINUA QUEBRANDO. SOM DE BATALHA...

SENHORA VAI ATÉ O PALANQUE JUNTO AOS MICROFONES. ATRÁS CONTINUA O CAPI-TÃO AMÉRICA...

Senhora -- Quero falar ~~re~~vos sôbre as obras assistenciais sob minha direção! Com a graça de Deus e a caridade dêste povo, aumentamos os fundos para obras assistencias. Trezentos cobertores foram arrecadados em apenas duas horas, após uma brilhante palestra de nossa companheira, Ciclone, que falou sôbre ... "A caridade como Instrumento de Equilíbrio Social"...ete...

CONTINUA A BATEÇÃO, TIROS. HIPPIE NA GUITARRA NUM IÊ-IE QUE PROCURA ABAFAR TUDO ELE CANTA DESESPERADO SEM PALAVRAS SÓ EM "OS" e "AS"... ENQUANTO ISSO SEGUEM SE OS SEBES?

JOHNSON; MÃO; BOB KENNEDY; DE GAULLE; HO-CHI-MIN, WESTMORELAND; CHE; O MOÇO; FINALIZANDO COM CABEÇA SEM ROSTO, COM UMA INTERROGAÇÃO
--

F I M D E " A N I M A L I A "

CORTAS

"A Receita" (Jorge Andrade)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, p.40

(39) (2)

1- NENÁRIO - Sala de casa de pau-a-pique. Cortinas gastas e coloridas sugerindo portas; póte de barro, folhinhas pelas paredes e muitos quadros de santos, enfeitados com flôres de papel gastas e sem forma. No canto da sala, a cama de Devair.

CENA: Ao abrir-se o pano, Marcelo, sentado, escreve a receita sôbre sua perna. De vez em quando, relanceia os olhos à sua volta, observando os colonos. Marcelo é bastante jovem, risonho e saudavel. Seu sorriso, poren, vai norrendo, pouco a pouco, até que seu rosto pareça mais envelhecido. Devair, inovel, solta gemidos abafados pela colcha. Carlinda, sentada ao pé da cama, olha fixamente para o rosto coberto de Devair; disfarçadamente, levanta a colcha e olha o pé do irmão. Mais distante, tentando se esconder, Jupira está sentada em um canto. Percebe-se em seu rosto, expressão de vergonha e humilhação. É ainda muito joven, mas já bastante estragada; a tentativa de disfarçar sua condição de prostituta foi inutil. Sua presença é tentação para os colonos. Chico Filisbino, sentado e de cabeça baixa, olha fixamente para o chão. Sentinos, em sua posição, uma vergonha inensa que êle tenta esconder. Furtivamente, observa a filha Jupira. Embora não definida, paira no ar a possibilidade de uma ligação de dependencia entre os dois. Jovina, como as outra mulheres, tem os seios muito caídos e é sêca de corpo. A velhice prenatura, os cabelos caídos no rosto, a pele encardida e escalavrada, não consegue esconder o ter sido nôça bonita. Ela tenta ver o que Marcelo escreve, embalando o filho; sua preocupação pelo tamanho da receita é visível. Iranides, parado à porta, observa curioso. Perceben-se outras pessoas atrás dêle. Todos estão de olhos fixos em Marcelo.

Jovina-(PREOCUPADA) Tudo isto, doutor? O senhor não pára mais de rabiscar!

Marcelo-(SORRI) São remédios necessários. (ESCRIVENDO) Além de remédios seu filho necessita de alimentos ricos em soja.

Jovina- Soja?

Marcel- É isto que parece feijão. Não conhece?

Jovina- Conheço, doutor. Mas, tem gosto de "maria fedida"! Nem porco come

Marcel- (ESCREVENDO) É ótimo elimento.

Jovina- Mas que tem a soja com o pé do meu filho?

Marcel- (SORRI) Êle precisa ficar forte para... (COM CERTA PILDADE) para se recuperar mais depressa.

Jovina- Nois não tem soja, doutor.

marcel- (DELICADO) Seu filho tem necessidade de boa alimentação. É por isso que a receita é grande. Os remédios substituem ao alimentos indispensaveis. (PARANDO DE ESCREVER) Há algum rio aqui perto?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.41

2...

Iranides-Tem um ribeirão numa caminhada regular.

Marcelo- Não é rico em peixes?

Iranid- Sábado, a gente costuma encontrar alguma miudeza.

Marcelo-O que é isto?

Iranid- Traíra, lambarí, cascudo. Das veis dá p'ra encher uma dorqui-lha. Conforme a lua, aparece a papaterra.

Jovina- Acha que seu irmão vai comer peixe com gosto de barro? Vê o que fala infeliz!

Marcelo-(SORRI, ESCRREVENDO) É só tirar o fio que a papaterra tem no seu lombo. É dele que vem o gosto de barro.

Jovina- Se não, doutor.

Marcel.-E ovos de galinha?

Jovina- (EM GUARDA) Que que tem?

Marcel.-A senhora tem?

Jovina--A gente cata por ai. Por que?

Marcelo-Devair precisa comer ovos todos os dias.

Jovina-(ACENTUA-SE A PREOCUPAÇÃO) Todos os dias?

Marcelo-Todos os dias. Dê a êle, de manhã, ovos frescos.Se possível com manteiga.

Jovina-Acontece, doutor, que justo agora eu butei as galinhas p'ra chovar. A gente carece de ter frango.É o que garante as dispezinhas

chico- (SEM LEVANTAR A CABEÇA)Eu ben que falei p'ra você,Jovina.

Jovina- Você queria era comer os ovos. Não carecia pagar a carrocinha do Salim?

Marcelo- Carrocinha?

Jovina- O Salim passa vendendo coisa de precisão. A gente troca.

Carretel de linha, botão, pano...essas coisa.

chico- Tinta de cara tambem!

Jovina-(INSTINTIVAMENTE LEVA A MÃO AO ROSTO) Também! (ABAIXANDO A MÃO E daí?

Marcelo- (OLHA PARA JOVINA, INCRÉDULO)

Iranide- A galinha do pescoço pelado tá botando lá no pé da figueira,nãe.

Jovina-(PREOCUPADA COM OS OVOS,OLHA FURIOSA PARA IRANIDES) Se é de precisão...

Marcelo-(ESTRANHANDO E AINDA SEM COMPREENDER A APARENTE AVAREZA DE JOVINA) Claro que precisa. Se não tem alimentos ricos em proteínas, preciso receitar remédios que possam substitui-los.

Jovina- Que é isso doutor?

Marcelo-(ESCREVENDO) As proteínas formam a massa muscular.

JOVINA - ???????????

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, p.42

3...

Marcelo-(INDICANDO) São elas que nos dão os músculos.

Jovina-(INCRÉDULA) Ora, doutor! Devair tem músculo pra todo lado.

Machado é que faz músculo. Não conheço caboclo mais sarado que meu filho.

Marcelo-(OLHA DEVAIR DESCRENTE, TENDO UM MOVIMENTO DE IRRITAÇÃO)

Jovina- Verdade! Ninguém pode com êle nun eito. Mais resistente que aroeira. Não existe mulher casada ou moderninha que não anda com os olho derretido em cima d'êle. Não tem uma que êle não deita no chão.

Marcel- (FOGE AO ASSUNTO) O problema é que... pode sobrevir uma gangrena. Com êstes medicamentos terenos tempo para esperar.

Jovina- Esperar o quê, doutor?

Marcel- (DISPARSA) Que êle... fique mais forte.

Jovina- E se começa subir pela perna? No começo era apenas o dedo. e

Agóra é o pé inteiro! Devair precisa de andar muito pra trabalhar

Iranides- É só não trabalhar, nãe.

Jovina- Cala a bôca, filho duma puta!

Marcel- (CHOCADO E CONTRAHEITO) Não é seu filho?

Jovina- É (NATURAL) Não tinha nostrado êle, doutor?

Marcel- Tinha sim. (PASSA A MÃO PELA CABEÇA COMO SE NÃO SOUBESSE O QUE FAZER) Devair não poderá mesmo trabalhar...por uns tempos.

Jovina- Não fosse aquele estrepe lazarento!

Marcelo-(OBSERVANDO UMA COLONA QUE EMBALA UMA CRIANÇA NO COLO) Vocês não devian trabalhar descalços.

Jovina- Ora, doutor. Nosso pé é mais grosso que pele de anta. Não é isso, não. A disgraceira entra é pra tôda parte.

Marcel- (INDO À COLONA E OLHANDO A CRIANÇA) Que remédio ela está tomando?

Colona- (ADMIRADA) Nenhum, doutor! Meu filho não tá doente!

(MARCELO FICA OLHANDO A COLONA, COMO SE NÃO PUDESSE ACREDITAR; súbitamente, volta-se para jovina)

Marcel- Devair não podia ter voltado ao trabalho. Foi por isto que piorou.

Jovina- Se não voltasse, como é que ia ser, doutor? Meu marido é êsse enplastro que o senhor tá vendo. (GRITA) Levanta a cabeça, macutena. Ouve, pelo menos, o que o doutor tá falando! Tá vendo? Não tem ânimo nem pra levantar a cabeça. Também...êsse lêсна não sai da porta da venda. (FREMENTE) É aquela vaca que mora lá Mulher sen dente, e de bôca pintada. Abrindo as pernas pro marido vender mais! (AVANÇANDO NA DIREÇÃO DE CHICO, CIUMENTA) Fala se não é verdade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, P. 43

4...

Marcelo-(OLHA A SUA VOLTA, DESORIENTADO) Essas coisas não me interes-
-sam. Quero saber...

Jovina- Se o chico pudesse comprir os trato! Trabalhar no lugar do
Devair. Andar légua p'ra ver jôgo de bola, êle anda. Andar
pelas estradas, Trocando perna feito cavalo nafo, tambem anda
Viver caído em trilho com a cara em bosta de vaca, tambem sabe
(OLHANDO FIXO PARA CHICO) Quando não tá enleado naquelas per-
nas de mulher de ponta de rua! Sou eu, doutor. Sou eu que ~~tenho~~
tenho que fazer. Eu e o meu filho Devair. Quando é que a
gente ia pensar que o demo tinha entrado, com aquêle estrepe,
no pé do meu filho? E a gente precisa trabalhar com estrepe
ou sen estrepe.

Marcelo-(JÁ DESNORTEADO) Vocês não tem outros filhos?

Jovina -Um bando. É outra coisa que êle sabe fazer: encher a minha
barriga, nas só de filho. Essa aí que o senhor tá vendo, é a
Carlinda. Já nasceu boba. Não serve p'ra nada. Comer, ela sabe
E como come! Olha só, doutor! Desde que o Devair entrou, que
não tira os olhos dêle. E aí vai ficar, nem uma junta de boi
de carro tira ela daí. Quando dá ataque, nem cinco homens segura
ela. Aí, as forças brota nos braços, nas mão, p'ra todo lado.

Marcelo-(COMPREENDE O MAL DE CARLINDA E, CONDOIDO, APROXIMASE ESTENDEN-
DO A MÃO) Como vai?

Carlinda- (OLHA, COM CARINHO, A MÃO DE MARCELO E SORRI)

Marcelo- Pode pegar!

Carlinda-(AINDA OLHANDO A MÃO DE MARCELO, SACODE A CABEÇA NEGATIVA-
MENTE. PARA ELA AQUELAS MÃOS SÃO MÁGICAS, SAGRADAS)

Marcelo-(CONTRAFEITO) Ela não fala?

Jovina- Como matraca, nas só com devair. P'ra êle, ela faz tudo! É
capaz até de matar. (AMEAÇADORA) Responde p'ro doutor! Não ouviu?
Além de boba ficou surda?

Marcelo-(CORTA O MOVIMENTO DE JOVINA) Deixe-a em paz! Não deve trata-la
assin.

Jovina-(ADMIRADA) Por que não?

Marcelo- Porque não deve!

Jovina-Diz que os ataque que ela tem, é entrevêro de gente do alem, Dr.

Marcelo-(IRRITADO E COM UM COMEÇO DE CANSAÇO) São convulsões provo-
cadas por doença nervosa. Fáceis de serem controladas. (OLHA A
SUA VOLTA E SENTE, NAS EXPRESSÕES DE MENTES OBLITERADAS, QUE
FOI INUTIL A EXPLICAÇÃO. DESVIA A ATENÇÃO SOBRE CARLINDA)

E seus outors filhos?

Jovina-Aquela lá (APONTA JOVINA, QUE SE ESCONDE) Bom! Aquela virou mulher
bonita! Um dia, essa infeliz perfumou a ponta das orelhas,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P. 119

93 98

5... --ganhou a estrada e foi ver o administrador. Quando a lua nasceu, já era madame.

Jupira-(HUMILHADA) Mãe.

Jovina-E não é o que você é? Puta do bico do Pavão. Ainda se ajudasse

Jupira-Quero ajudar. Vim aqui p'ra isso.

Jovina-(FINGINDO) Não quero dinheiro excomungado por Deus.

Jupira-Carece pagar êsse mundo de remédio, mãe.

Jovina-Já disse que dinheiro de bordel não entra na minha casa.

Jupira-Devair está muito doente, mãe. Deixa eu ajudar. Êsses remédios custa muito caro.

Jovina-(JÁ CONVENCIA, MAS FINGINDO DIANTE DAS COLONAS) Enfia o seu dinheiro

Marcelo-(CONTRAI-SE REVELANDO GRANDE MAL ESTAR)

Jovina- Aquêlé é o Iranide. Idade p'ra trabalhar já tem. Passou dos onze Vontade também tem. Mas o que impede, eu não sei, doutor... Sabe correr atrás de bola. Isto, sabe! O resto é miudeza, como êste... (PARA SUBTAMENTE) Chupa o leite, não precisa morder! Se não sai é porque não tem mais. Se deixar, êle mastiga meus peito!

Marcelo-(OLHA JOVINA JÁ CONTAGIADO POR SUA MISÉRIA) Gostaria de ajudar Se pudessem ter alguns alimentos, não precisariam comprar tantos remédios.

Jovina- Devair precisava era de ficar na Santa Casa, doutor. É disto que êle precisava. As água, tá chegando, e com ela vem o mato.

Marcelo-(INCOMODADO) Já expliquei que não há vagas. Obedecemos a uma lista de gravidades de casos

Jovina- O senhor mesmo disse que meu filho tá muito doente.

Marcelo- Há casos mais graves na frente dêle. Não posso fazer nada.

Jovina-(SUBTAMENTE) Doutor! Leva meu filho agora. Não deixa êle aqui A gente mora longe do comercio.

Jupira-Mãe deixa o Devair comigo. Eu moro perto da Santa casa.

Jovina-Deixar meu filho na bôca daquele inferno?

Jupira- Eu queria sair desta casa, mãe!

Jovina- E enquanto não saiu...minha casa virou porta de cadela viciada.

Jupira- Eu queria sair daqui de qualquer jeito .

Jovina-Você queria sair e aquêlé pingueiro aceitou!(APONTA O MARIDO) Ajudou abrir suas perna...!

Jupira-Você sempre teve ciúme de mim, mãe...!

Jovina-(CONTROLA-SE MAS REVELA A TERRIVEL LIGAÇÃO) Foi um braço que nós perdeu...p'ra ir trabalhar no guampo de pião mulambento!

Jupira-(AGRASSIVA) Não vivo pior que aqui!

Jovina-Ainda se fôsse pra ganhar dinheiro! Puta de pião!

* CORTAR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, R. 45

6...
Devair-(NUM GEMIDO) Mãe! Não fala assim. A Jupira foi boa comigo. Ela pagou a Santa casa. Eu tive que ficar na parte que paga. A outra tava cheia. Eu vou trabalhar, vou ficar bom, mãe... Antes que a água chegue.

Jovina-Claro que vai trabalhar. Era só o que faltava. Carlinda não presta nem pra lavar um pires. Seu pai só sabe agarrar na orelha da sóta...(RETESADA)... e no rabo daquela capeta! O resto só trabalha com o mastigador.

Devair-Não fala essas coisas mãe!

Jovina-(GRITA) Falo! Falo! E vou continuar falando. Se você me faltar como é que vai ser?

Carlinda-(APAVORADA) Não. Não!

Jovina-(OLHA CARLINDA) Se Deus levasse quem devia!

Marcelo-(ATÔNITO E ÁSPERO) Eu não falei em possibilidade de morte. E isto não depende de Deus.

Carlinda-(SORRI, AFLITA E OFEGANTE, SACUDINDO A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE, COMO SE QUISESSE CONFIRMAR O QUE MARCELO DIZ.)

Jovina-Se não fôsse de Deus, então como é que pode ser, doutor?

Marcelo-NÃO SABE COMO EXPLICAR)

Jovina-Ainda se fôsse doença dos peito, ou dos figo... dava pra ajudar Braço e perna é o que a gente precisa. É pra isto que a gente tem filho.(Súbitamente, volta-se para as colonas) Correu, nesta maldita colônia, de ponta a ponta, que usei Jupira pra ganhar mais terra. Ganhar mais terra p'ra quê? Terra p'ra gente não poder plantar nem um pé de linho?

Marcelo- Por que não?

Jovina- Plantar p'ra gente não ver crescer?

Marcelo- Não ver crescer, por que?

Jovina-(INCRÉDULA) O senhor parece que vive na lua, doutor! Não sabe das coisas! Porque a gente nunca vê.

Marcelo-Saí da escola há um ano. É primeira vez que vou a uma casa como ésta. Mas, sempre ouvi dizer que não querem ter trabalho, por isto não plantam!

Jovina- Plantar pra que, doutor? Quando a terra tá pronta, é outro braço que semeia. Quando a flôr vira fruto é outra mão que colhe... e outra boca que come.(SUBTAMENTE, OLHANDO A SUA VOLTA) Doutor o senhor precisa salvar o meu filho. Tenho nove boca p'ra fazer comer.

Marcelo- Ele vai ficar bom. Dois meses de tratamento...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.416

7...

Jovina-(CORTA) Dois mês?! Dois mes parado, doutor? O nato vai comer a minha roça...

Marcelo-(ACUADO E IRRITADO)Já disse que vou ver o que posso fazer. Não depende de mim.

Jovina-(ANGUSTIADA) Depende de quem, doutor? Fala! Quem sabe a gente pode ir pedir. Eu vou de joelho. Fala, doutor!

Marcelo-(LINDA, AGITADO, PELA SALA) A santa Casa está cheia. A de Ribeirão ~~XXXX~~ é a mesma coisa. As filas são grandes em toda parte.(ALGO DESCONTROLADO) Se dependesse de mim não seria apenas o Devair que eu levaria...!(PÁRA, SÚBTAMENTE, CONSCIEN- TIZANDO, PELA PRIMEIRA VEZ, SUA ALIENAÇÃO) Parece mesmo que eu vivia em outro mundo!(OLHANDO A SUA VOLTA) A gente aprende a ser médico, mas de algumas doenças...e não das piores! (APROXIMA-SE DE CARLINDA)Pode ficar calma!(TENTANDO SE CONVENCER) eu solvo o teu Devair.

Carlinda-(DE REPENTE, AGARRA A MÃO DE MARCELO E FICA OLHANDO,FASCINADA COMO SE NELAS ESTIVESSE A ÚNICA SALVAÇÃO.)

Marcelo-(INCOMODADO, RETIRA AS MÃOS, OLHANDO PARA ELAS, CONFUSO)

Jovina- (HESITANTE) Tenho um capadinho...posso mandar nadar.Era pros Reis!(TODOS OS FILHOS OLHAM PARA JOVINA. PELA PRIMEIRA VEZ CHICO FILISBINO LEVANTA A CABEÇA) Pode segurar as lumbriga! É pro Devair.(RECOLHENDO O SEIO) Chega, esfomeado! Já tá taludo, mas o desgraçado não desmana. Ništo, Deus foi bom comigo, doutor: me deu leite bom e farto.(MOSTRA O FILHO) Não está bem criado? Esse é o derradeiro...chama Joaquin.

Marcelo-(OLHA A CRIANÇA COM EXPRESSÃO DE MAL-ESTAR)

Jovina- A disgrama começa é depois que eles larga das têtas.

Marcelo-Começa muito antes.(MEIO AUTORITÁRIO)Devair!Não se esqueça de tomar os remédios na hora certa. Não beba pinga nem cerveja. Mexa-se o menos possivel. Seu filho precisa de repouso, não fiquem em volta dêle, nem deixem que saia daqui.

Jovina-Sair como, doutor? O infeliz não pode nem encostar o pé no chão. (MARCELO OLHA AS RECEITAS EM SUA MÃO; DE REPENTE, COMEÇA A DIS- TRIBUIR A TODOS. AS COLONAS PEGAM AS RECEITAS COM CERTO RECEIO)

Marcelo-Pode pegar! Não cobro nada (IMPACIENTE) Pega!

(IRRITADO, MARCELO AGARRA A MÃO DE UMA COLONA E ENFIA A RECEITA ~~PARA~~ ELA FICA OLHANDO COMO SE FOSSE UMA COISA INDECIFRÁVEL)

Marcelo-(ACENTUANDO SUA IRRITAÇÃO)Vocês também estão precisando. Todos! Será possivel que não percebem o estado em que estão?(SUBTAMENTE) FAZ MENÇÃO DE SAIR) Quem vai comigo para trazer os remédios?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, p. 47

8...

JUPIRA-(DECIDIDA) Eu.

Marcelo- Tenho muita amostra grátis. Posso ajudar também.

Jovina- Obrigado, doutor. Deus abençoe o senhor.

Marcelo-(ÁSPERO) Não me agradeça. É o que posso fazer.

Jovina- O senhor é um santo.

Marcelo-(VOLTA-SE RETESADO) Santo? por causa disto?

Jovina- Quando que eu ia pensar que um doutor vinha na minha casa, só p'ra trazer meu filho!

(ASSENTIMENTO CHEIO DE ADMIRAÇÃO POR PARTE DOS DOÇONOS, MARCELO OLHA A SUA VOLTA, PARECENDO ENVELHECIDO E DOENTE. INSTINTIVAMENTE, OLHA PARA CARLINDA, PERDIDA EM SUA LOUCURA, CARLINDA SORRI PARA AS MÃOS DE MARCELO. SÚBTAMENTE, ELA TEM EXPRESSÃO DE ANGUSTIA, PASSANDO DAS MÃOS DE MARCELO PARA O PÉ DE DEVAIR)

Jovina- (PREOCUPADA) Que foi doutor?

Marcelo-(FIRMANDO-SE) Nada. Por que?

Jovina- Parecia estar com doença braba.

Marcelo-(PAUSA) Será que não estou? Fiquei seis anos numa porcaria de escola e não sei nada.

Carlinda-(AGITA-SE PREOCUPADA)

Marcelo- (PROCURANDO AINDA SE CONTROLAR) É tudo uma merda! Já não sei mais o que pensar, nem por onde começar...(DE REPENTE)
Quando puder eu opero Devair?

Jovina- Vai ter que rasgar o pé, doutor?

Marcelo- Temos que cortar.

Jovina - (DEPOIS DE UM CHOQUE) Cortar?!

Marcelo- Isto mesmo: cortar o pé.

Jovina- (AGARRA-SE EM MARCELO) Mas, doutor...

Marcelo-(TENTA SE DESVENCILHAR, COMO SE O CONTACTO DE JOVINA FOSSE REPULSIVO) Deixa-me

Jovina- (AGARRA-SE EM MARCELO E ARRASTADA POR ÊLE) ESpera, doutor...

Marcelo-(DESESPERADO, EMPURRA JOVINA SEM PIEDADE) Tira as mãos de mim!

Jovina- Doutor! O Devair é quem ajuda...

Marcelo-(GRITA) Não tenho nada com isto!

Jovina- Tenho nove bôca p'ra fazer comer...

Marcelo-(AFLITO) E eu um pé que preciso cortar...

Jovina-(ESCANDALOSA) Estão querendo matar meus filhos...!

Marcelo-Há coisas que precisam ser amputadas também...

Jovina- Não aleija meu filho...

Marcelo-...e eu nem tinha consciência.

Jovina-(TENTANDO ARRANHAR O ROSTO DE MARCELO) Maldito filho de uma puta!

96

CORTAR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, P.48

(44) (R)

- 9...
- Marcelo- (EMPURRA JOVINA COM VIOLÊNCIA) Não vê, sua burra, a vida que seus filhos estão levando? Como porcos...vermes! Não percebe que está tudo gangrenado? Até eu! Ser médico p'ra que? Tenho vontade de mandar tudo a puta que o pariu também... (FREMENSEE) Condição excomungada, lazarenta...! Não vê que estou com as mãos amarradas?! (SÚBTAMENTE OLHA AS MÃOS, ATÔNITO, SENTINDO A INUTILIDADE DELAS. DEPOIS RELANCEIA OS OLHOS À SUA VOLTA, OBSERVANDO A EXPRESSÃO ANSIOSA DOS COLONOS. LEVA AS MÃOS AO ROSTO, QUANDO DÁ COM A EXPRESSÃO DE CARLINDA) Meu Deus...!
- Carlinda- (LEVANTA-SE, LENTAMENTE, TENTANDO COMPREENDER O QUE HÁ DE TERRIVEL NO AR, NÃO CONSEGUINDO PERCEBER)
- Marcelo- (COM OS OLHOS MAREJADOS, FICA OLHANDO CARLINDA. SÚBTAMENTE, NÃO SUPORTANDO A VISÃO DE CARLINDA, VOLTA-SE A SAI COMO SE FUGISSE)
- Jovina- Doutor! Espera doutor!
(JOVINA, DESORIENTADA, SAI ATRÁS DE MARCELO, SEGUIDA POR TODOS O MOTOR DO CARRO É POSTO EM FUNCIONAMENTO)
- Jupira- (APRESSADA) Eu venho buscar você. A gente vai p'ra capital, a Santa casa de lá é maior, Agora estou numa pensão melhor... logo eu posso levar você. (SAI)
(CARLINDA OLHA NA DIREÇÃO DA PORTA E SE APROXIMA DO PÉ DE DEVAIR FASCINADA? ENQUANTO OUVIMOS LAMENTAÇÕES DE JOVINA E DAS MULHERES ELAS ACOMPANHA JOVINA, SOLTANDO IMPRECAÇÕES E FAZENDO GRANDE ALGAZARRA.)
- Jovina- (VOZ) Não. Isto, não. Aí, meu Deus. Tenha piedade de nós. Nicola chama a comadre. Vão aleijar o meu filho. São Benedito. Valeime! Santa, Luzia. Volta seus olhos p'ra nós. Dolor! Dolor! Corre aqui, Dolor!
- VOZES - (NUM CRESCENDO) Vão cortar o pé do filho da Jovina. É essa perda de Castigo de Deus. Didiéta! Corre cá Didiéta! Não deixa, Jovina. Não deixa! Para de chorar, merda! São Pedro! São Paulo! Corre no fim da colônia e conta p'ra Catarina! Vamo rezar um têrço!
(O BARULHO DO MOTOR DO CARRO ABafa AS VOZES)
- Carlinda- Deva! Deva! (TOCA NO PÉ DO DEVAIR E ÊSTE SOLTA UM GRITO ANGUSTIADO)
- Devair- Maldita boba! Sai daqui, excomungada!
(CARLINDA OLHA À SUA VOLTA, ANSIOSA? COMO SE PROCURASSE ALGUMA COISA MUITO IMPORTANTE. DEPOIS LEVANTA O COLCHÃO E TIRA UMA GARRAFA DE PINGA)
- Carlinda - Deva! Que um pouco? É do pai.
- Devair - Quero. Na garrafa mesmo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.49

48

10... (CARLINDA LEVANTA A CABEÇA DE DEVAIR E ENFIA A BÓCA DA GARRAFA EM SUA BÓCA, DEIXANDO QUE BEBA BASTANTE)

Devair-Carlinda! Vê se tem outra garrafa.

Carlinda-(PASSA A MÃO DEBAIXO DO COLCHÃO) Tem duas.

Devair- (ANSIOSO) Me dá mais ~~ã~~ Carlinda.

Carlinda-(VIRA A GARRAFA NA BÓCA DE DEVAIR) Dói muito, Deva?

Devair- Não aguento nem este pano. Tira de cima de mim. Carlinda. Dói tanto que tenho vontade...de pegar o machado e cortar!

Carlinda- Bebe que a dor passa. Mais, Deva! Bebe mais! Não quero que sente dor. Bebe!

Devair-(TENTA SE ERGUER E CAI COM UM GEMIDO) Ai! O doutor disse...que se não cortar...êsse pretume aí sobe perna acima.

Carlinda-(AFLITA) Então, porque êle não cortou, Deva?

Devair- Diz que não tem lugar...e a gente não pode pagar!

(CARLINDA DÁ UMA VOLTA PELA SALA, MEIO DESORIENTADA, PROCURANDO SE LEMBRAR DE ALGUMA COISA. OLHA EM TODAS AS DIREÇÕES ANGUSTIADA, TENTANDO SE LEMBRAR)

Devair- (JÁ COM A VOZ PASTOSA) Vou ficar...como o Bastião Cotó...(RI) melhor... peço esnola...+

Carlinda-(SÛBTAMENTE, SORRI, LEMBRANDO-SE. CORRE PARA DEVAIR) Bebe! Bebe que passa tudo. (DEERRAMA A GARRAFA NA BOCA DE DEVAIR QUE JÁ ESTÁ SEM DEFESA) Tudo! (CARLINDA SENTA-SE, LENTAMENTE, E ACARICIA O ROSTO DE DEVAIR, NUMA MISTURA DE LOUCURA E SENTIMENTO MATERNAL) Eu ia na roça...Só p'ra ver você no eito Ninguém varava primeiro. Agachada debaixo da Figueira eu pensava: se êle não brotar primeiro no carreador...é porque Deus não tá olhando p'ra gente. E você disportava...cantando, ensopado como se o corpo fôsse mina d'agua. Assim também era nos bailes. Era p'ra isto, que eu ia. Só p'ra ver você passar rodando...rodando, rodando!...Deva! (EXAMINA O ROSTO DE DEVAIR) Deva!

(CARLINDA SACODE O IRMÃO PARA CONSTATAR SE ESTÁ DORMINDO. DEPOIS TOCA EM SEU PÉ E DEVAIR APENAS SE CONTRAI. CARLINDA SORRI, SATISFEITA, E SAI CORRENDO. OUVI-SE, DISTANTES, AS VOZES DAS MULHERES SEGUINDO O TÊRÇO. CARLINDA VOLTA, SEGURANDO UM MACHADO; AJEITA O PÉ DE DEVAIR E LEVANTA O MACHADO COM DECISÃO, REVELANDO MÚSCULOS E FÓRÇA VIOLENTA, EM TODO O CORPO. SEU ROSTO CONTRAI-SE NUMA DECISÃO TERRÍVEL,

ENQUANTO AS LUZES SE APAGAM.

F
I
M.

“Verde que te Quero Verde” (Plínio Marcos)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0686, p.36

1.--- BATEM NA PORTA

Chefe- Quem é?

Sub-chefe - (DE FORA) Eu!

Chefé - Avança a senha!

S-chefe- (DE FORA) Deus, Pátria e família!

Chefe - (ALIVIADO) Pode entrar!

S-chefe- E a contra-senha?

chefe - Ah! é! (IMITA UM PEIDO COM A BÓCA)

S-chefe- (ENTRA) Perfeito!

chefe - Essa senha nem o Mandrake descobre. Nosso esquema de segurança é do cacete.

S-chefe- Do cacete mesmo. Tá todo mundo de prontidão.

chefe - De pau na mão?

S.chefe- De pau na mão! Dezoito mil homens de pau na mão.

chefe - Assim fico mais tranquilo. Desde que a peça dêsse moleque entrou na censura, que perdê o sono.

S-chefe- Não perca o sono, x tome Nebrutal.

Chefe- Os cambaus. Digo, não gosto de tomar droga. Você vê como temos razão de proibir peças com palavrão. Depois que comecei a censurar peça dêsse cara, vivo falando palavrão. Até eu, que sou um homem de formação religiosa me deixo influenciar às vêzes.

S-chefe- Ora, o senhor não fêz mais que citar um autor.

Chefe- É verdade! A merda é que eu nunca cito. Shakespeare.

S-chefe- Também, êsse aí está meio fora de moda. Agora é só palavrão

Chefe - Aqui, ó! Nós vamos moralizar isso.

S-chefe- Proibindo! Proibindo! Proibindo! Passando a borracha em caia palavrão.

Chefe - Ou no lombo do autor,

S-chefe- A família será salva!

Chefe - Família ou morte!

S.chefe- A Pátria amada!

chefe - A moral e Deus!

S.chefe- Abaixo o biquini!

chefe- Viva Joana D'arc!

S-chefe- Por que?

chefe- Essa era do cacete! Só andava de armadura.

Sub - Palavrão não é cultura!

chefe - Viva a cultura!

Sub - Devagar com andor, chefé!

chefé - Que é que há?

Sub - Viva a cultura é chavão comuna. É que aquêles agitadores que se dizem excedentes berram por aí.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE. 0616, p. 37

2,--

Chefé - É verdade. Então, viva só.

S-chefe-Bem, mas vamos ao que interessa.

chefé - Que tática o inimigo está usando?

S-chefe-Aquela de sempre.

Chefé -Tática onda.

S-chefe-Exato!

Chefé -Será que eles não sabem que essa está manjada? É tão ridículo;
 E sempre eles fazem isso. Mandam peças pra censurar, a gente
 proíbe, aí eles agitam.

S-chefe-A gente podia experimentar uma vêz, liberar uma peça dessas.

chefé - Nunca. A família precisa ser salva.

Sub.- Só pra ver o que acontece.

Chefe -- Não! Já experimentamos. Uma vêz liberamos uma peça de sacanagem.

Sabe o que aconteceu? (PAUSA) O autor ficou rico.

S.chefe-E a família?

Chefe - Essa não foi assistir. Disso tenho certeza.

S-chefe-Assim é que é. Só vai a gentinha.

Chefe - Mas, nosso esquema como está?

Sub - Usamos a tática do laço Húngaro

chefé - Parece bom,

Sub - É perfeito. A gente fica em volta do teatro. Se eles resolverem
 levar a peça mesmo ela estando proibida, a gente aperta o laço.

Chefe - E enforca a agitação.

Sub. - Exato.

chefé - Verifique como está tudo.

Sub - (PEGA UM DOS TRÊS TELEFONES VERDES) - Porra! Essa merda não dá
 linha. (PEGA OUTRO)e DISCA) Porra, essa merda está ocupada.
 (PEGA O TERCEIRO.SORRI)

Chefe - Qual foi a graça?

S-chef- Linha cruzada.

Chefé - Deixa eu escutar.(ESCUTA, RI.)Maior cantada o cara está passan-
 do nela.

(SUB RI. CHEFÉ COM CARA DE MALÍCIA.)

chefé - (DÁ UM ARRÔTO NO TELEFONE, RI PACA.) Desligaram (RI)

S-chefe-Deve ser a hora do rancho.

chefé - Como é a bóia?

Sub - Sopa de caldo verde. E lasanha verde e carne verde.

Chefé - Porra! (FAZ CARA DE NÓJO) Essa agitação que êsses caras fazem
 me tira a fome. Siga o rádio. Vamos ver se já começou a quebrar
 o pau.

Sub - (LIGA O RÁDIO)

CORTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.38

(37) (2)

3.... LOCUTOR - O Corinthians caminha tranquilo na liderança do campeonato.

Sub - Tão cedo não tem revolução.

(BATEM NA PORTA)-(OS DOIS SE OLHAM E DEPOIS SE JOGAM PRA TRÁS DAS TRINCHEIRAS. TROCAM OLHARES.)

Sub.- Avance a senha! (SILÊNCIO)

CHEFE- Avance a senha!
(SILÊNCIO)

Sub.- Avance a senha, senão atiro!
voz de fora - Sou eu. Esqueci a senha.

Chefé- Sou eu. Esqueci a senha.

Voz.- Mas sou eu, porra. Venho trazendo o gravador onde se gravou a assembléia da gente do teatro.

Chefé- Nada de truque.

Sub.- X Foi numa dessa que Tróia se estrepou do primeiro ao quinto.

chefé- Se não avança a senha, vai levar bala.

Voz - Mas sou eu chefe.

chefé- Fogo! (OS DOIS ATIRAM. SÓ SAI BALA DA METRALHA DO CHEFÉ, TREMENDA FUMACEIRA. A PORTA CAI. CAI JUNTO COM ELA UM HOMEM VERDE. ESTÁ FERIDO DE MORTE.)

Chefé -Poxa,era um dos nossos.

Sub - Quem mandou esquecer a senha?

Chefé -Não faz mal. Ele fica o herói que tombou em defesa da família.

Sub.- Boa Idéia!

Chefé- Diga suas ultimas palavras para que elas fiquem na história.

Sub.- Vamos!

homem verde -(QUASE MORRENDO) Putá sacanagem (MORRE)

chefé- Esta vendo? Passou na porta do teatro e já ficou bôca suja.
Ainda bem que morreu.

Sub.- Depois a gente bola uma frase prá êle.

Chefé- Vamos escutar a gravação dessa assembléia(LIGAM O GRAVADOR)
(ENTRA FITA COM MIL PESSOAS FALANDO JUNTO. UMA TREMENDA BAGUNÇA NÃO SE ENTENDO NADA.)

chefé- Eles estão perigosos.

(A FITA CORRE.) Por fim,escuta-se uma voz sózinha)

la voz- Vamos por em votação as duas propostas! A primeira é:Que se faça uma greve de fome...

outra voz -Uma questão de ordem! Uma questão de ordem! Quero acrescentar uma coisa a essa proposta.

la voz- Então acrescenta logo que a turma já está se mandando pro Gigeto.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0696, P.39

(38) (2)

4.....
outra voz - Invez de greve de fome, a gente podia tentar ganhar a simpatia dos censores oferecendo um banquete a êles.

~~(OUVE-SE OUTRA VEZ UMA PUTA BAGUNÇA DE VOZES NA TITA)~~

Chefé - (DESLIGA O GRAVADOR) Ganhamos.

Sub.- Como sempre! E êsse aí?

Chefé - Será enterrado com honras de herói.

Sub.- Enrolado em bandeira?

Chefé - É! Embrulha êle na bandeira.

(PEGAM O CADAVER E SAEM.) (APAGA A LUZ VERDE)

F I M

ATÉ NA
MARCAÇÃO?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0616, P.24

CHÉ?

(13) (4)

Muitos dirão que sou aventureiro e eu o sou: só que de um tipo diferente: o dos que arriscam a pele para demonstrar suas verdades.

Amei-os muito; mas não soube exprimir meu carinho. ~~Sou extremamente rígido em minhas ações, e creio que às vezes não me entenderam.~~ Agora, uma vontade que polí com leite de artista sustentará pernas flácidas e pulmões cansados. Lembem-se de vez em quando deste pequeno condottiere do século XX. Um beijo à Célia, ao Roberto, Juan Martin, e um abraço a Beatriz, a todos.

LOCUTOR - ~~Se eu era rico: Ele nunca teve problemas de dinheiro. Porém, preferiu a guerra. Sabia que enfrentava a morte.~~

Comand - ~~Está dentro do cálculo das probabilidades. Se assim for, aqui vai o último abraço. E se um dia eu morrer, saibam todos que medi o alcance dos meus atos, e que me considero apenas um soldado no grande exercício do dever.~~

LOCUTOR - ~~A Humanidade certamente vencerá; porém os soldados mortos não verão o dia da vitória.~~

Comand - ~~Que importam os perigos e sacrifícios de um homem quando está em jogo o destino da humanidade? Em qualquer lugar que me surpreenda a morte, seja bem-vinda: sempre o nosso grito de guerra chegará a um ouvido receptivo, sempre outra mão se estenderá para empunhar nosso fuzil, e sempre outros homens se apressarão a cantar nossos gritos de guerra e de vitória.~~

Coring - ~~Devemos dizer que sempre nos preocupamos com a possibilidade de que este temperamento, este gesto bem seu de estar sempre presente em todos os momentos de perigo, pudesse conduzi-lo à morte em não importa qual combate.~~ *alé aqui - (13)*

Comand - ~~Nós, num pequeno ponto do mapa do mundo cumprimos o dever que preconizamos e pomos à disposição da luta justa aquele pouco que podemos dar: nossas vidas e nossos sacrifícios.~~

Coring - ~~Ele se caracterizou por sua valentia extraordinária, por um desprezo absoluto do perigo, por fazer no momentos difíceis e perigosos as coisas mais perigosas e difíceis.~~

Comand - ~~Eu me despeço com uma mistura de contentamento e dor. Deixo aqui a parte mais pura das minhas esperanças de construtor. Parto para outras terras que reclamam o concurso dos meus esforços. Aos meus filhos e a minha mulher não deixo nada e não lamento: fico até mesmo contente.~~

Coring - ~~Tivemos muitas vezes que adotar medidas para protegê-lo e para impedir que se expusesse em ações de menor importancia.~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P. 25

CHE GUEVARA?

(24)

3- É possível porem que ~~ele, plenamente consciente da missão que~~
~~ele próprio se indicou, da importancia de sua atividade, é pos-~~
~~sível que ele próprio haja pensado - como sempre pensou - no~~
 valor relativo dos homens e no valor irrefutável dos exemplos.
 Essas coisas faziam parte de sua personalidade.

Ator- Os numerosos insetos, as moscas gigantes e os mosquitos, as ~~x~~
 aranhas, picam os homens meio de um silencio geral.

Coring-Existiu um desertor e um desertor é sempre um traidor. Na ver-
 dade, há sempre um periodo em que são tantos os que desejam
 entrar para uma guerrilha que nem sequer existem armas para ~~x~~
 tanta gente, ~~entre estes, muitos depois desempenham papeis~~
~~brilhantes e se transformam em soldados magníficos, em magníficos~~
~~revolucionários.~~

~~É lógico que muitos outros se apresentam sem a menor idéia dos~~
~~sacrificios que significa estar combatendo.~~

Ator- Mesmo para um homem que tanto viajou, este é um lugar afastado
 de tudo. O pó e as picadas de insetos transforma a pele do ser
 humano num manto de miséria.

Coring-E assim que descobrem que serão obrigados a marchar, a escalar
 monatanhas, a sofrer, a passar fome, então aproveitam-se da
 primeira ocasião para largar o grupo.

Ator- A vegetação inextricavel, seca e coberta de espinhos, torna
 a caminhada praticamente impossível.

LOCUTOR- Uma fonte de informações geralmente segura declarou
 hoje ao meio dia que forças do Exercito estão se
 locomovendo para regiões suspeitas de abrigarem guer-
 -rilhas. Parece tratar-se de ações de importancia
 militar exepcional.

Coring-Um desertor é sempre um traidor.

3. O DESERTOR

ANTONIO RODRIGUES FLORES - Comandante: é certo que existem duas
posições válidas diante da luta de libertação dos povos.
Existem aqueles que crêm na luta armada. Existem aqueles
que acreditam na co-existencia pacífica entre as nações,
entre asx classes e entre homens desiguais. Comandante:
será necessária a luta armada?

Comand- Não há um só exemplo na história de uma classe dominante que
 tenha abdicado graciosamente do poder.

ANTONIO RODRIGUES FLORES- Mas nós somos tao poucos, somos dezoito nas
 montanhas. Um povo deve se levantar contra seus opressores,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.26

(250)

4. ~~mas nós somos apenas dezolito: não estaremos superestimando o nosso valor?~~

Comand- Se nós fôssemos somente tantos quantos somos, seria melhor desistir. E se continuássemos, seríamos, seríamos pandoleiros. Mas nós não somos apenas nós, somos o povo inteiro. Por isso venceremos, porque somos a vanguarda desse povo.

LOCUTOR- Oitocentos soldados especialmente treinados para operações na floresta virgem partiram para a cidade de Santa Cruz no fim da última semana.

ANTONIO R. FLORES - Comandante: porque deve ser necessariamente sangrenta a guerra?

Comandante- O povo deve-se libertar se isto acontece com muito pouco sangue, não depende do povo: depende da velha sociedade.

LOCUTOR- Um fonte militar aliava de crédito avalia que pelo menos 1.500 soldados especialmente treinados por conselheiros amigos perseguem os combatentes.

ANTONIO R. FLORES - A guerra será tão menos sangrenta na medida em que nós formos mais fortes. Quem sabe o procedimento correto fosse esperar, e mais tarde, quem sabe...?

Comand- Aquele que inicia uma guerra evitável é um criminoso. Mas aquele que não inicia uma guerra inevitável é também um criminoso

ANTONIO R. FLORES - Mas nós nem ao menos sabemos guerrear. Nossos poucos soldados nem são soldados: são camponeses sem terra, operários sem emprego, homens destituídos. Nem ao menos sabemos guerrear.

Comand- A arte da guerra se aprende fazendo a guerra. Nenhum povo pode desejar a liberdade sem desejar a luta. A guerra pode começar agora ou mais tarde, mas que ninguém se iluda: nenhum país se libertará sem lutar. Por isso devemos nos preparar: Não será uma luta de pedras contra gases lacrimogêneos, nem será uma luta em que o povo enfurecido destruirá o poder de poucos: será longa, cruenta, em que a repressão irá buscar vítimas fáceis, bombardeando aldeias e massacrando populações camponesas. Eles nos empurra para essa luta: não há mais remédio do que nos prepararmos para ela. O começo não será fácil, ao contrário: o começo será difícil. Nossa primeira tarefa, no início, será sobreviver: depois atuará o perene exemplo do povo que luta para se libertar, do povo invencível, o exemplo dos combates que se ganham ou se perdem, mas que se travam contra o inimigo. A galvanização do espírito nacional, a preparação

ati aqui-les

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.27

5.-~~para tarefas mais duras, para resistência à repressão mais violenta.~~ O ódio como fator de luta, o ódio intransigente ao inimigo que o leva além das limitações naturais do ser humano. Nossos soldados têm que ser assim: um povo sem ódio não triunfa de um inimigo brutal.

ANTONIO RODRIGUES FLORES - Morte.

Comand- Num combate tantas vezes a morte está mil vezes presente que a vitória é um mito que só um combatente de verdade pode sonhar.

Coringa- Absolutamente ninguém pode-se espantar de ter sido êle um dos primeiros a cairem durante o combate - o contrário sim, teria sido um milagre.

LOCUTOR- Sabemos de fonte segura que o comandante está vivo, e estamos mais certos ainda de que está cercado.

Coringa- Existiu um desertor e um desertor é sempre um traidor.

Ele oferece ao inimigo todas as informações que possam ser de algum interesse para o inimigo, e êle as oferece imediatamente e sem o menor escrúpulo, sem a menor preocupação, porque um desertor é antes de tudo um revolucionário desmoralizado, ou um pseudo revolucionário que desejou brincar de revolução.

LOCUTOR- O comandante está gravemente enfermo sendo carregado em maca pelos outros combatentes e fortemente protegidos. A informação é atribuída ao ex-combatente Antonio Rodrigues Flores, que se apresentou voluntariamente às forças armadas acantonadas em Rio Grande, logo após o apelo oficial garantindo a vida a todos aqueles que abandonassem a subversão armada contra o governo.

4. A VELHA DAS CABRAS

Comand- Às doze e trinta aproximou-se de nós uma velha camponesa pastoreando cabras. Ela não nos deu nenhuma informação digna de fé sobre os soldados.

Velha- Eu não sei nada. Há muito tempo que não vejo soldados. Os soldados não aparecem por aqui.

LOCUTOR- O exercito cercou os guerrilheiros num vale entre duas colinas cuja extensão ainda não foi definida.

Comand- Ela apenas nos deu informações sobre os caminhos. Fomos depois até a casa dessa velha que tem uma filha inválida. Nos lhe demos dinheiro e lhe pedimos que não contasse nada, mas não temos muita esperança de que ela cumpra sua promessa.

Velha- O povo aqui não quer a guerra. O povo aqui quer viver em paz. Faz muito tempo, isso nos já conseguimos: nós vivemos em paz.

(27/2)

6. ...-

Comand-Nós, vivemos em paz? Há vinte anos que vivemos em paz. É verdade que as grandes potências não se esfaçalharam ainda; o mundo ainda não explodiu. Mas dois terços da humanidade está subnutrida; sessenta por cento dos homens do mundo não tem sapatos; trinta por cento das crianças do mundo ~~morreram~~ morrem antes de abrirem os olhos. Esta é a nossa paz meseravel. Há vinte anos não temos guerra, isto é, se a gente conseguir esquecer a guerra da Coréia, do Vietnan, do Laos, de São Domingos, do Oriente Médio, do Congo...

Velha- Nós, aqui, vivemos em paz, no mundo eu não sei.

Comand-Aqui, velha, o teu país, a tua cidade, estão cheios de filhas inválidas como a tua. Aqui só se possui a doença e a fome.

Velha- E a terra, o meu pedaço de terra, a minha terra,

Comand-Se é minha a terra que eu rego com o meu sangue.

LOCUTOR+Começou-se a falar de uma região precisa, de um vale de vegetação muito densa, parecido a um barranco, entre duas colinas ou entre dois montes desprovidos de qualquer vegetação - portanto era necessário o deslocamento numa direção ou noutra, em direção a uma saída ou a outra.

Comand- A velha cultivava batatas e pastoreava cabras. Ela e sua filha bebiam leite de cabra e comiam batatas. Poucas vezes mudava sua alimentação: as vezes comia as cabras.

LOCUTOR-As duas extremidades do vale, que é uma espécie de barranco, foram ocupadas pelos soldados especializados na luta em florestas virgens. Muitos deles foram treinados por conselheiros estrangeiros, alguns dos quais que serviram na guerra do Genocídio.

Comand- Ao longe podemos ver duas elevações no terreno e marchamos em direção a esse lugar. Nós somos dezessete e caminhamos sob uma lua muito pequena. A caminhada foi perigosa e nós deixamos muitos traços pelo caminho.

5. O COMANDANTE E A PRISÃO

LOCUTOR-O comandante e seus dezesseis camaradas estão cercados as altas autoridades afirmam que o comandante não sairá vivo.

Coringa-O combatente sempre está cercado: esta é uma lei natural da guerra pequena. Nos sempre estivemos cercados desde o começo:

tínhamos atrás de nós o mar e diante de nós as planícies e os arrozais. O combatente está sempre estrategicamente cercado;

os cercos táticos são mais perigosos, isto é, quando o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.29

(28) (28)

7.....combatentes encontra cercado por um cordão de soldados inimigos-
mas mesmo assim, êsses cercos podem ser rompidos.

ATORLS-~~Vegetação inextrincável, seca a coberta de espinhos.~~

-o pó e as picadas de insetos transformam a pele do ser humano
num manto de miséria.

~~-os flancos e o fundo do vale são coberto de uma vegetação muito
densa, mas a parte superior, digo, superior é completamente nua.~~

~~-Isto impede que qualquer fuga passe despercebida.~~

~~-seria necessário então atravessar um terreno absolutamente
descoberto.~~

-as patrulhas do exercito tiveram um contacto positivo no começo
desta semana.

-insetos, moscas gigantes e mosquitos, aranhas picam os homens
no meio de um silencio geral.

LOCUTOR-O fuzil metralhadora nas mãos do comandante atirava há
duas horas já, sem parar. Estava quente e êle o segurava
por cima do gatilho com um lenço esfarrapado. Como êle,
seus 16 homens atiravam sem parar. Alguns metros a sua
frente estavam 180 soldados bem treinados, bem armados,
descansados, apoiados por uma divisão de 1.800 homens.
O fim estava próximo.

Ator- Depois de três horas de luta os combatentes tentam um movimento
de retirada. O comandante corre de um ponto a outro, quer atingir
o grupo da frente. Uma rajada de metralhadora derruba-o no meio
do caminho. Ele estremece, consegue ainda arrastar-se alguns
metros, para.

Coringa- Evidentemente, todos aqueles que conheceram o comandante, e
nós o sabemos, que não existia nenhuma maneira de captura-lo
vivo, a menos que êle estivesse inconsciente, que estivesse
inteiramente incapaz de se mover por causa de um ferimento,
que sua arma estivesse destruída, ~~eu, enfim, que cair prisioneiro.~~
Qualquer um que o conhecesse não pode um instante
duvidar disto.

LOCUTOR-~~Tudo indica que foi gravemente ferido logo nos pri-
meiros momentos de luta e que ficou caído numa espécie
de terra de ninguém. É igualmente evidente que os seus
camaradas, ao vê-lo caído, ao vê-lo em perigo, ofere-
ceram um combate de tal maneira prolongado que vai
alem de qualquer limite nessas circunstancia: quatro
horas segundo alguns, cinco segundo outros e ainda
seis horas segundo terceiros.~~

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0636, P.30

8..

6. DIALOGOS EM BUSCA DA VERDADE

Capitão-Eu combati contra o comandante no último dia de sua vida.
Eu o fiz prisioneiro.

Reporter-O senhor viu quando êle morreu?

Capitão- Não. Quando eu o capturei êle estava ferido.

Report- Mortalmente?

Capitão- Eu não sei, eu não sou médico. No começo pensei que não fôsse nada grave. Nós conversamos. (PARA O COMANDANTE). Desde Março, você ja matou mais de 50 soldados. Você é um criminoso.

Comandante-Desde Março os soldados mataram mais de 50 operários das minas; e desde sempre mais de 50 crianças morrem de fome cada ~~xxx~~ mês.

Reporter- Qual foi a sua emoção quando descobriu ter capturado o combatente mais famoso do mundo?

Capitão- ~~Eu nem sabia que era êle, nem tive tempo de pensar e contivei combatendo até anoitecer. Matamos seis: uns dez conseguiram escapar. Ele estava ferido e quase não se podia mexer. Mas podia falar.~~

Comandante-Em que país amigo você aprendeu a combater.

Capitão- Ora, claro que eu aprendi...(CORTA...PAUSA). Claro, eu fiquei muito feliz quando descobri a identidade do comandante. Fiquei muito orgulhoso do meu ~~xxxxxxx~~ batalhão, dos meus mestres e de mim mesmo. ~~Eu nem estava de acordo em que os soldados dividissem os pertences dos combatentes.~~

Reporter- O senhor viu algum ferimento no peito do comandante, bem perto do coração?

Capitão- ~~Eu não contei as feridas.~~ Eu sei que estão dizendo por aí que fomos nós que o matamos. Mas não é verdade. Nós somos soldados, nós não executamos justiça.

Reporter- Mas todo mundo viu um ferimento na altura do coração. ~~Foram tiradas muitas fotografias. O relatório médico ~~xxx~~ disse que ninguém podia sobreviver a esse tiro no peito.~~

Tenente- Fui eu que cuidei dele logo depois do combate. Limpei todos os ferimentos, mas no peito não havia nenhum. Depois o coronel ainda ficou conversando ~~com êle mais de duas horas.~~ Eles chegaram até a discutir.

Soldado- Isso é verdade, eu vi. Eu estava de longe não consegui ouvir muita coisa.

Coronel- Isto é seu. (MOSTRA ABOTOADUARAS AO COMANDANTE).

Comand- É. Queria que fossem entregues ao meu filho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, R31

- 9.
- Coronel- Vocês são ladrões. Tudo que vocês tem foi roubado, Tudo que vocês tem vai ser distribuido pelos meus soldados.
- Soldado- O Coronel ficou muito tempo com o comandante. Discutiram mais de duas horas. ~~Ele perguntava muito mas o comandante não queria responder.~~
- Coronel- Quantos vocês são? Por onde chegam as armas? Quem são os contactos? Quem é o chefe da guerrilha urbana?
- Coringa- Conhecendo a sua extraordinária franqueza e o seu sentimento intransigente de honra, podemos afirmar que êle pudesse dizer qualquer coisa em circunstancias parecidas, êle não diria nem faria nada que pudesse dar prazer ao inimigo, mas ao contrario, e com a maior tranquilidade êle diria e faria as coisas que mais pudessem desagradar.
- Soldado- Êles discutiram muito sobre o imperialismo. Depois o comandante se levantou, e sem levantar a voz, com a sua mão direita deu uma bofetada no rosto do coronel. O Coronel estava sentado numa cadeira, inclinado para frente, e o outro lhe deu uma bofetada que pegou bem na boca. Depois o coronel se levantou e saiu. (MIMA-SE A AÇÃO).
- Reporter-É verdade, coronel, que o comandante tratou o senhor de uma forma um pouco descortez?
- Coronel- Um cafageste.
- Reporter-Êle estava ferido: porque não foi transportado para um hospital na cidade?
- Coronel- ~~Em primeiro lugar estavam os meus homens. E depois, eu estava aguardando instruções do governo para saber o que fazer com êle.~~
- Reporter-Um processo militar seria o procedimento normal ~~nessas circunstancias.~~
- Coronel- Ainda bem que êle morreu. Processar um homem desse tipo podia ser um tiro pela culatra. ~~A imprensa internacional, você sabe, acaba descobrindo tudo.~~ E êle era demasiado inteligente para responder um processo. Por isso êle ficou á noite toda preso numa escola da cidade, esperando que amanhecesse.
- Comandante- Você é a professora?
- Professora- Eu tive medo de ir, tive medo de me encontrar com um sujeito bruto. Mas encontrei um homen de aspecto agradável, de olhar ao mesmo tempo doce e debochado. Eu não tive coragem de olhar diretamente nos seus olhos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, P.32

10.

Comand- ~~Sabe?~~ Na minha pátria não existem escolas como estas. Isto aqui parece mais uma prisão. Como é que os filhos dos camponeses podem estudar num ambiente destes? É antipedagógico.

Prof.- Nós somos um país pobre,

Comand.- Vocês são um povo pobre. Mas os governantes e os chefes militares e os oligarcas possuem Mercedes e palacetes, e todas as rique-
-sas. Não é verdade? ~~É contra isso que nós combatemos.~~

Prof.- Você veio de tão longe lutar no meu país?

Comand.- ~~Eu sou revolucionário e estive em uma porção de lugares.~~ Bolívar disse que a nossa pátria é a América inteira.

Prof.- Baixei meus olhos. Seu rosto era impenetrável e penetrante... e tão tranquilo.

Soldado- Você tem muita raiva deles, não é?

Comand- Existe um povo, um povo pequeno, que está sózinho. Contra a maior força do mundo ele continua lutando. E a solidariedade do mundo progressista para com esse povo tem sido um pouco parecida à ironia amarga da plebe que gritava estimulando os gladiadores do circo romano: mas ninguém entrava na arena. Nós todos precisamos entender isto: não se trata de desejar êxitos ao agredido - trata-se de correr a mesma sorte, e acompanhá-lo na morte ou na vitória. Existe um país que é o inimigo mortal do gênero humano, e sua força bruta é culpada de agressão e seus crimes são inúmeros. Mas tem culpa também aqueles que no momento da definição hesitaram e, ao invés de correrem em socorro dos irmãos ameaçados, ficaram trocando x insultos.

Soldado- Muitos tem medo da morte.

Comandante- E muitos vão morrer, por culpa de sua própria indecisão;

outros cairão no duro combate que se avizinha. Novos lutadores e novos dirigentes não de surgir no calor da luta. O povo irá formando seus combatentes e seus líderes durante a própria guerra.

Soldado- Mas porque lutar também aqui? Aqui tudo parece tranquilo, a ordem está mantida, reina a paz.

Comand.- ~~É preciso levantar em armas dois, três, muitos pequenos povos que lutem. É preciso forçar o inimigo a lutar em lugares onde seus hábitos de vida se choquem com a realidade imperante.~~

O país inimigo do gênero humano consegue dominar a humanidade menos pela força enorme que possui do que pelo medo que sentimos. Se nos conseguirmos vencer o nosso próprio medo, conseguiremos vencer o inimigo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, P.33

32

11-Reporter-O comandante foi capturado vivo domingo a tarde. Permaneceu vivo até segunda feira de manhã. Pergunto: o que foi que aconteceu durante todo esse tempo?

Coronel- Alguns aspectos devem ser mantidos secretos por questões de segurança. (G R I T O S)

Sold- Eu também quero entrar

Soldado- Eu vou na frente.

Soldado Não você fica com os outros dois.

Soldado- Eu tenho o direito.

Soldado- Primeiro eu.

(O COMANDANTE SE LEVANTA. ENTRA O CORONEL SEGUIDO DE SOLD;)

Cel.- Senta.

Comand.- Por que , se você vai me matar?

Cel.- Não, não vou.

(SILENCIO. O CORONEL OLHA PARA O CHÃO. OS TRES SOLDADOS FITAM O COMANDANTE. O CORONEL DÁ DE COSTAS E CAMINHAS ALCUNS PASSOS, DISTANCIANDO-SE DO COMANDANTE E DISPARA TRES VEZES). (O COMAND. CAI OS SOLDADOS PARALIZADOS. DEPOIS DE ALCUNS SEGUNDOS OS SOLDADOS DANDO GRITOS DISPARAM SUAS ARMAS).

7.-O TRANSPORTE DE HELICÓPTERO

Ator- O ar agitado pelos rotores do helicoptero fazia esvoaçar ~~xx~~ os amplos cabelos castanhos e os pelos da barba daquele homem morto. Uma testa larga que se ia afinando em direção a ~~xxx~~ frente. Os cabelos abundantes, não exageradamente longos, o bigode juntando-se pelas extremidades da boca, com a barba que também não era longa. Os lábios semi-cerrados permitiam que se vissem os dentes que, naturais ou não, eram bons. As sobrancelhas relativamente finas junto aos olhos, ~~nao~~ alargando-se abundantemente à medida em que se afastavam em direção aos parietais.

Ator- Os lábios mostram um ritus que um jornalista qualificou de cínico. "Vendo este esgar", disse, "não há dúvida de que se trata do comandante.

Ator- Os soldados não conseguem ficar de costas para o corpo do ~~xxx~~ comandante.

8.A MORTE É DOLOROSAMENTE CERTA

Coringa-A morte do comandante é dolorosamente certa.

Nos não queremos tirar vantagens da dúvida, da mentira. O medo da verdade e a cumplicidade com qualquer ilusão, a cumplicidade com não importa qual mentira, não foram jamais as armas do povo. Não devemos nós, os revolucionários, sermos justamente os que melhor se preparam para todas as circunstancias, para todas as

BR DFANBSB NS.CPR.TFA PTE. 0686, p.34

(33) (A)

12-....vicissitudes, e até mesmo para todos os revezes? A história das revoluções e a história dos povos revolucionários estará caracterizada pela ausência de fatos dolorosos? Não serão os verdadeiros revolucionários justamente aqueles ~~que se sobrepõem a esse golpes a esse revezes~~, e que não se desencorajam jamais? Não somos precisamente nós, os revolucionários, que amamos o valor do exemplo, o valor dos princípios morais? ~~Não somos nós, os revolucionários, que acreditamos na eternidade das obras dos homens, dos princípios dos homens?~~ Não somos nós os revolucionários, os primeiros a reconhecer o que há de efêmero na vida física dos homens e de durável nas idéias, na conduta e no exemplo dos homens, ~~pois é este o exemplo que inspira e guia os povos através de toda a história.~~

O comandante foi eliminado fisicamente, mas ninguém poderá eliminar o terrível impacto do seu exemplo, ~~de sua conduta, de sua linha revolucionária e heroica. Os imperialistas conhecem a x~~ força do exemplo. Por isto é lógico que eles sintam uma profunda angústia.

Reporter- Por que desapareceu o corpo? Coronel?

Coronel- O importante é não criar uma coisa parecida com um sacrário. Por isso nos achamos melhor fazer o corpo sumir.

9. TRÊS EXORTAÇÕES

Coringa-Nós gostaríamos mais de vê-lo transformar-se no forjador das grandes vitórias do povo, ao invés de ser o precursor dessas grandes vitórias.

1-HUASI- O comandante não quer lágrimas: urge faixas concretas; o pranto em seu nome é uma grande traição. Que ninguém chore nem reze: o seu testamento não pede lágrimas nem choro: ele nos deixa seu fuzil para que lutemos com ele. Nós que somos os herdeiros do seu fuzil, não podemos chorar. Que não se baixem as bandeiras a meio pau: ao contrário, que todas as bandeiras se levantem mais alto do que nunca. Só os assassinos ponham luto, pois sua própria morte está agora mais certa e mais próxima. Comandante: você virá conosco a esse funeral.

2.Coringa- Se quisermos expressar como desejamos que sejam nossos companheiros, devemos dizer ~~sem vacilação de nenhuma índole~~ sejam como ele; se quisermos expressar como desejamos que x sejam os homens das gerações futuras, devemos dizer: sejam como ele.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0616, p. 35

13.....-Se quisermos expressar como queremos que se eduquem nossos filhos, devemos dizer sem vacilação: queremos que se eduquem com o seu espírito. Se quisermos um modelo de homem ~~xxxxxxxx~~ ~~xxxxxxxx~~ um modelo de homem que não pertence a este mundo, um modelo de homem que pertence ao futuro, de coração eu digo que este modelo ~~xxxxxxxx~~ sem nenhuma mancha em sua conduta este modelo era ele.

3.CORTAZAR.

Peço o impossível, o mais imerecido: peço que seja a sua voz a que aqui se ouça; que seja a sua mão a que escreva estas linhas. Sei que é absurdo e que é impossível e por isso mesmo creio que ele escreve isto comigo porque ninguém soube melhor do que ele até que ponto o absurdo e o impossível serão um dia a realidade dos homens, o futuro por cuja conquista ele deu a sua jovem e maravilhosa vida. Usa então a minha mão uma vez mais meu irmão;

lhes valerá que te hajam cortado os dedos

lhes valerá que te hajam assassinado

Toma a minha mão e escreve.

Tudo quanto ainda me falte dizer e fazer, eu o direi e farei sempre contigo ao meu lado.

Só assim terá sentido continuar vivendo.

fim

F.S.N.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO NACIONAL. **Dossiê da Primeira Feira Paulista de Opinião. Arquivo Nacional.** Rio de Janeiro, 1968. Disponível em: <https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=2166069&v_aba=1>. Acesso em: 4 de março de 2024.

BOAL, Augusto. **Hamlet e o Filho do Padeiro.** Editora Record. Rio de Janeiro, 2000.

BOAL, Augusto “et al”. **Primeira Feira Paulista de Opinião.** Editora Expressão Popular. São Paulo, 2016.

BOAL, Augusto. Símbolo da mais burra alienação. **Folha da Tarde.** São Paulo, 1968. Disponível em: ><http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/pol2.php>< Acesso em: 05 de maio de 2024.

FARIA, José Roberto. **História do Teatro Brasileiro: volume II.** Editora Perspectiva. São Paulo, 2020.

FERNANDES, Rofran. **Teatro Ruth Escobar: 20 anos de resistência.** Editora Global. São Paulo, 1985.

G1. Com veto de Lula a cerimônias, ministros se manifestam sobre os 60 anos do golpe militar de 1964. **g1.** Brasília, 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/03/31/com-veto-de-lula-a-cerimonias-sete-dos-38-ministros-se-manifestam-sobre-os-60-anos-do-golpe-militar-de-1964.ghtml>>. Acesso em: 14 de novembro de 2024.

GIAMBIAGI, Fabio “et al”. **Economia Brasileira Contemporânea.** Editora Campus. Rio de Janeiro, 2011.

INSTITUTO AUGUSTO BOAL, “Animalia”, de Gianfrancesco Guarnieri na Feira Latino-Americana de Opinião. **Instituto Augusto Boal.** Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:

<<https://augustoboal.com.br/2017/10/28/animalia-de-gianfrancesco-guarnieri-na-feira-latino-americana-de-opinioao/>>. Acesso em: 02 de abril de 2024.

INSTITUTO AUGUSTO BOAL. Primeira Feira Paulista de Opinião. **Instituto Augusto Boal**. Rio de Janeiro, data desconhecida. Disponível em: <<https://augustoboal.com.br/especiais/primeira-feira-paulista-de-opinioao/>>. Acesso em: 03 de março de 2024.

LIMA, Eduardo Campos. Antonio Fagundes e a Primeira Feira Paulista de Opinião. **Instituto Augusto Boal**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://augustoboal.com.br/2014/03/10/antonio-fagundes-e-a-primeira-feira-paulista-de-opinioao/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2024.

LIMA, Eduardo Campos. Derly Marques, fotógrafo do Teatro de Arena. **Instituto Augusto Boal**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://augustoboal.com.br/2014/03/03/derly-marques-fotografo-do-teatro-de-arena/>>.

MACHADO, Alvaro. **Metade É Verdade: Ruth Escobar**. São Paulo: Edições Sesc, 2020.

MARTINO, Rodolfo Stipp. 1968 – A NONA BOMBA: Polícia prende garoto com coquetel molotov após espetáculo ser censurado. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://acervofolha.blogfolha.uol.com.br/2018/06/11/1968-a-nona-bomba-policia-prende-garoto-com-coquetel-molotov-apos-espetaculo-ser-censurado/>>. Acesso em: 13 de outubro de 2024.

MEMÓRIA GLOBO. Apoio ao golpe de 64 foi um erro. **Memória Globo**. Rio de Janeiro, data desconhecida. Disponível em: <<https://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226>>. Acesso em 12 de novembro de 2024.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO E ASSISTÊNCIA SOCIAL, FAMÍLIA E COMBATE À FOME. Insegurança alimentar severa cai 85% no Brasil em 2023, conforme dados extraídos de Relatório da ONU sobre a Insegurança Alimentar Mundial (SOFI 2024). **Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome**. Brasília, 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/mapa-da-fome-da-onu-inseguranca-alimentar-severa-cai-85-no-brasil-em-2023#:~:text=Confira%20o%20relat%C3%B3rio,manteve%20no%20tri%C3%AAnio%202020%2D2022.>> Acesso em: 14 de novembro de 2024.

PILAGALLO, Oscar. Maior parte da imprensa brasileira apoiou golpe de 1964. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/04/maior-parte-da-imprensa-brasileira-apoiou-golpe-de-1964.shtml>>. Acesso em: 15 de novembro de 2024.

PRADO, Luís André. **Cacilda Becker: Fúria Santa**. Geração Editorial. São Paulo, 2002.

SANZ, Beatriz, MENDONÇA, Heloísa. O lado obscuro do 'Milagre Econômico' da ditadura: o boom da desigualdade. **El País**. São Paulo, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/29/economia/1506721812_344807.html<. Acesso em: 11 de novembro de 2024.

SP ESCOLA DE TEATRO. **Derly Marques – O fotógrafo dos pobres**. SP Escola de Teatro. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.spescoladeteatro.org.br/coluna/derly-marques-o-fotografo-dos-pobres>>. Acesso em: 06 de junho de 2024.

STYCER, Maurício. **Silvio sobre Figueiredo: “Se não fosse ele, eu tava vendendo caneta na Sé”**. UOL. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2017/08/27/silvio-sobre-figueiredo-se-nao-fosse-ele-eu-tava-vendendo-caneta-na-se/>>. Acesso em 18 de novembro de 2024.